

(Vaidete mostra o cipó Jagube)



“O Santo Daime (ayahuasca) é uma bebida cerimonial preparada através do cozimento de dois vegetais da floresta amazônica: o cipó jagube (*banisteriopsis caapi*) e a folha chacrona (*psychotria Viridis*).

Nos Estados do Acre e do Amazonas o cipó é bebido pelos índios, habitantes da capital e dos municípios. Estima-se que só no Acre 120.000 pessoas tomam ou já tomaram o Santo Daime.

O cipó para os índios é fonte de todo saber, e seus rituais mágicos lhes permitem prever o futuro, comunicar-se com os antepassados, descobrir os inimigos e as causas das doenças. Para o POVO DE JURAMIDAM o Daime é “a água da vida”, o despertar para o mundo espiritual, instrumento de revelação para o auto-conhecimento.

Essas plantas têm curado doenças nervosas, leishmaniose (ferida da braba), intoxicações, mal de Parkinson, malária e outros males.

A utilização de plantas denominadas alucinógenas é tão antiga quanto o próprio homem, é a medicina tradicional utilizada ancestralmente pelo povo amazônico”.

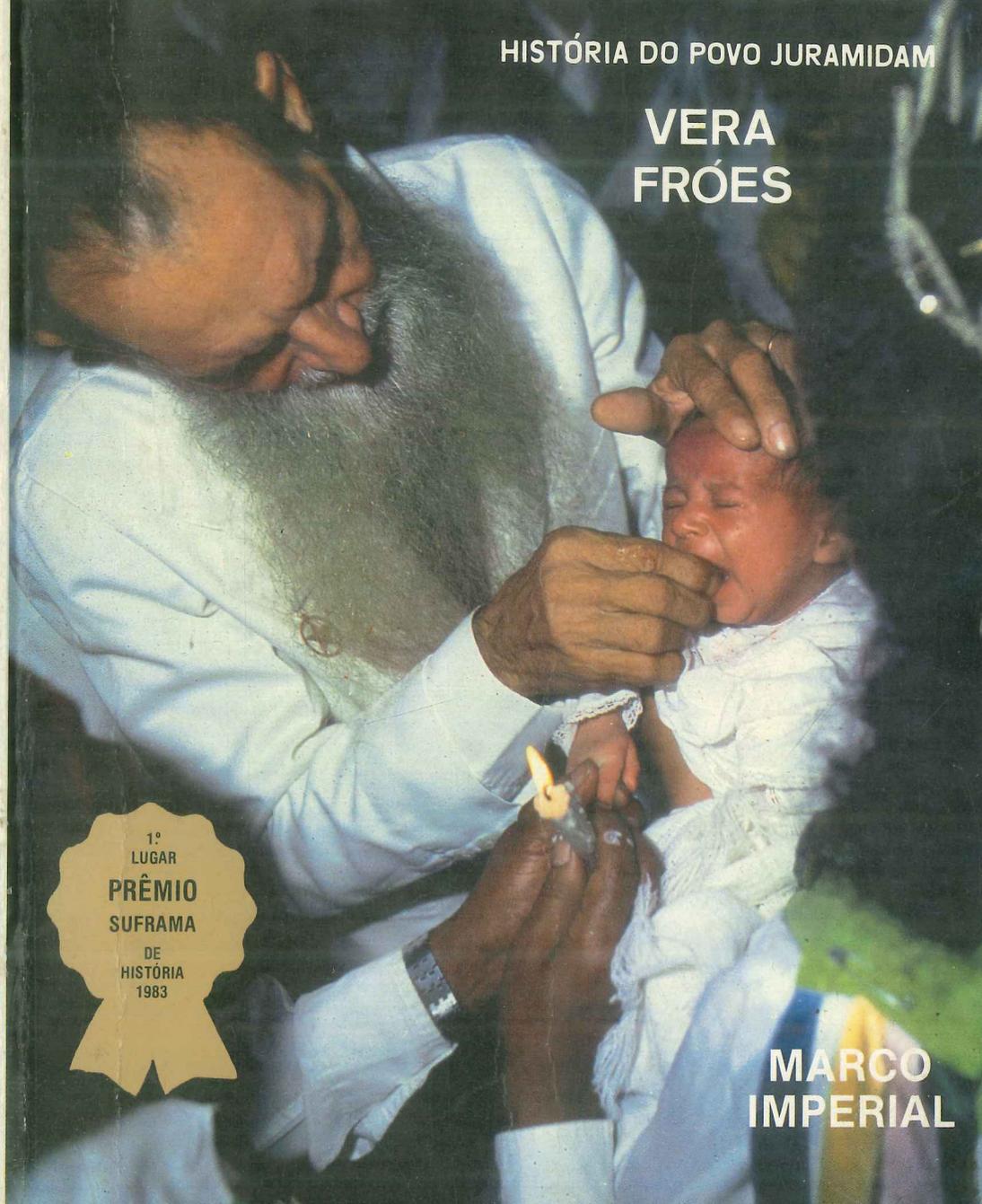
(Vera Fróes)

SANTO DAIME CULTURA AMAZÔNICA VERA FRÓES

SANTO DAIME CULTURA AMAZÔNICA

HISTÓRIA DO POVO JURAMIDAM

VERA
FRÓES



1º
LUGAR
PRÊMIO
SUFRAMA
DE
HISTÓRIA
1983

MARCO
IMPERIAL

UM NOVO MUNDO À VISTA

Vera Fróes Fernandes, com sua História do Povo Juramidam, restituiu à opinião pública o significado concreto da práxis que sustenta uma importante expressão cultural dos povos da Amazônia — índios e caboclos — aiuasqueiros, desde tempos que só a oralidade registra.

Mas, Vera Fróes não se deixa seduzir pelo fantástico das "mirações", o caráter mágico das curas inúmeras, do corpo e da "alma", ou o paciente ritual que começa na vida comunitária, passa pelo preparo da aiuasca (Dai-me), a sua ingestão de maneira peculiar, até as consequências desejadas. Neste fazer de historiadora, ela abandona o deslumbrante que marcou os depoimentos dos autores recentemente editados no Brasil. Antes mesmo de ser estudada no Brasil, a aiuasca já atravessara as fronteiras da Amazônia, tendo suas propriedades químico-terapêuticas interessado a cientistas de vários países.

O povo de Juramidam é uma grande descoberta e tem cura para a gripe civilizatória.

(Aldísio Filgueiras - "A Crítica")

MANAUS

K. Lucio/ave

Kuanjoe

SANTO DAIME
CULTURA AMAZÔNICA
História do Povo Juramidam

Este livro contou com o apoio de:

Nabor Júnior, Governador do Estado do Acre que deu atenção constante para o meu trabalho, dando prioridade para a realização dessa obra, financiando as idas aos seringais e às gráficas do sul.

Adalberto Aragão, Prefeito de Rio Branco-Ac que possibilitou a vinda para Manaus, e em Rio Branco me deu toda força.

Jacó Piccoli, Diretor-Presidente da Fundação Cultural do Estado do Acre, que me concedeu passagens aéreas para acompanhar com mais rapidez os fotolitos, estimulando uma possível 2.ª edição.

Yollanda Fleming, Governadora do Estado do Acre, na pessoa de seu prestimoso Assessor de Comunicação Luiz Carlos, que não mediu esforços para me ajudar nos transportes.

Universidade Federal do Acre-UFAc que colocou à disposição salas, máquinas de escrever, projetor de slides, recursos humanos e passagem aérea.

Banco do Estado do Acre - Banacre pelo incentivo.

Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, Vereador Carlos Imperial que financiou a estadia em Manaus durante a impressão do livro.

Prof.º Alfredo Antonio Goulart Sade, Administrador da Fundação Projeto Rondon — Amazonas, por nos hospedar durante todo o tempo que permanecemos em Manaus.

Gilberto Mestrinho, Governador do Estado do Amazonas, que colaborou no aumento da tiragem dos exemplares.

João Thomé Mestrinho, Deputado Estadual, pela seriedade e interesse que demonstrou ao tema do livro, possibilitando transportes de Manaus para Boca do Acre — Manaus.

Secretaria de Educação e Cultura — Coordenadoria de Assuntos Culturais do Estado do Amazonas, pelo apoio à produção do trabalho literário.

Lino Chixaro, Superintendente da Fundação Cultural do Amazonas, pela atenção que dispensou a organização do lançamento do livro.

Fica expressa a gratidão à todos que apoiaram a luta da Autora.

Quero agradecer às seguintes pessoas e entidades que apoiaram a realização dessa 2ª Edição, com estudos mais profundos sobre o Santo Daime. **BANACRE - Banco do Estado do Acre** - que tem na sua Presidência o Sr. Jorgenei da Silva Ribeiro, um dos mais jovens e competentes administradores do Estado; com sua mentalidade prática vem implantando um dinamismo sem obstáculos. Felicito-o, também, em ter o Sr. Eloy Abud em seu quadro de direção.

SENADOR MÁRIO MAIA - Acre - médico, escritor, conhecedor do trabalho do Santo Daime, que me atendeu com muita atenção na elaboração do prefácio da 2ª edição.

OSMIR LIMA, Deputado Federal, ligado às questões sociais do Estado, pela ajuda nos transportes e pela atenção que imediatamente me dedicou.

RUBENS BRANQUINHO, Deputado Federal do Acre, que sempre me atendeu, conseguindo barcos e combustível para o Povo de Juramidam quando era Secretário de Transportes do Estado.

ADALBERTO ARAGÃO, nosso amigo, Prefeito de Rio Branco - Acre - incansável colaborador das comunidades do Santo Daime, ao qual tenho a maior admiração.

INÁCIO'S PALACE HOTEL - Acre - pelo apoio e carinho que sempre fui tratada pelo gerente Epílogo e Edízia.

SR. ALENCAR, Gerente da Companhia Aérea Vasp de Rio Branco, pela atenção que sempre me atendeu.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ACRE, presidida pelo grande amigo Francisco Gregório Filho, que contribuiu à 2ª edição do livro. Agradeço também a toda sua equipe e em especial a Eleonora Farias e Rose.

PEDRO MALHEIROS, incansável amigo, colaborador e revisor, **HÉLIDA PORTOLANI**, **ROSEMONDE DE CASTRO**, **MARIA DE MENDONÇA**, **PAULO DA MAIA**, **MARIA CRISTINA BISSON**, **WALTER DIAS**, **DALILA DIAS**, **LILIANE PROVENZANO**, **JORGE ZULOAGA**, **LUIS CASALI**, **LUIS SIL**, **SUZANA BETINA**, **PAULO SARVEL**, **NOEMIA COTRIN** e **EDWARD MAC RAE**.

VERA FRÓES

SANTO DAIME
CULTURA AMAZÔNICA
História do Povo Juramidam

II PRÊMIO SUFRAMA DE HISTÓRIA /1983.

A 1ª publicação foi editada com o apoio financeiro
da Superintendência da Zona Franca de Manaus —
SUFRAMA

Capa: Marco Gracie Imperial
Fotos: Marco Gracie Imperial, José Melo e Paco
Transcrição Musical: Marcelo Bernardes
Partituras Musicais: Tinguá, Léia Fabres
Mapas: Adalberto Barros

Todos os direitos reservados a
Vera Fróes (Texto)
Marco Gracie Imperial (Fotos)

FICHA CATALOGRAFICA

(Preparado pela Divisão de Auxílio aos Leitores da Biblioteca
Central da Universidade do Amazonas).

.F363 h FERNANDES, Vera Fróes, História do Povo Juramidam;
introdução à cultura do Santo Daime.
Manaus, SUFRAMA, 1986.
162 p.

Prêmio SUFRAMA de História/83.

1. Acre - História Social. 2. Acre - Crenças populares.

I. Título

CDU 981.12
398.3(811.2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à toda comunidade rural da Colônia Cinco Mil e do seringal Céu do Mapiá, na pessoa de seu líder Padrinho Sebastião Mota de Melo.

Ao Padrinho Mário Rogério da Rocha, presidente do Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (Cefluris).

À Luis Mendes, José das Neves e Percília Matos, respectivamente vice-presidente, conselheiro e membro do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (Alto Santo).

A Peregrina Serra, esposa do Mestre Irineu e atual presidente do Alto Santo.

Aos professores da Universidade Federal do Acre, Valdir Calixto e Genésio Fernandes. Manoel Mesquita pelo apoio, Anamaria da Costa Cruz pela orientação nas normas bibliográficas, Erocilda Catunda e Ethiene Maria pela atenção na datilografia.

Agradeço também à acolhida carinhosa que recebi dos seguintes órgãos e pessoas do Estado do Amazonas:

Superintendência do Teatro Amazonas - Mariolino dos Santos, Universidade do Amazonas - Prof^o Frederico Arruda e sua equipe, à imprensa jornalística de Manaus: Jornalistas Aldísio Filgueiras - A Crítica, Antonio e Carlos Costa - Diário do Amazonas e TV Educativa - Aníbal Beça.

Ao Prefeito de Boca do Acre, Nelson Ale e aos queridos amigos Rui Brito, Marilene Fernandes, Edunira Assef e Ozi Cordeiro.

À dedicação fundamental de minha filha Luciana Limpo de Abreu.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Às comunidades da Amazônia, que utilizam o Santo Daime como fonte de cura e bem estar espiritual, mantendo viva a medicina do passado e humanizando a medicina do presente.

Acreditamos que este livro é importante para esclarecer a todos àqueles que buscam ter bases sólidas no assunto do Santo Daime, que ainda hoje sofre constante perseguição por pessoas desinformadas que reproduzem a medieval inquisição, queimando a autêntica cultura brasileira por ignorarem as condições de vida na região amazônica e desconhecerem a verdadeira origem dos povos que aqui já habitavam antes de 1500.

Em nome das comunidades que tem lutado por preservar a Doutrina do Santo Daime, agradecemos a Deus Pai e à Virgem Mãe tornar possível esta publicação através de Heloísa Andrade, incansável pesquisadora, que com muito zelo e em amorosa atitude, juntamente com seu irmão Flávio Andrade, se responsabilizaram por esta 2.^a edição.

Heloisa Andrade é doutora formada em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Acupuntura na Escola de Medicina Tradicional Chinesa de Shangai e de Pequim e pelo Instituto Kent de Estudos Homeopáticos Avançados e pela Escola Médica Homeopática Argentina de la Liga Médica Homeopática Internacional. A esses espíritos brilhantes o nosso eterno reconhecimento.

VERA FRÓES
MARCO A. G. C. IMPERIAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO.....	17
PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO.....	25
1. MESTRE IRINEU: FUNDADOR DA DOCTRINA DO SANTO DAIME.....	31
1.1 OS TRABALHOS ESPIRITUAIS COM O SANTO DAIME.....	39
1.1.1 O FARDAMENTO.....	43
1.2. OS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS.....	47
2. PADRINHO SEBASTIÃO MOTA DE MELO: FORMADOR DA COLÔNIA CINCO MIL.....	51
3. AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS DA COLÔNIA CINCO MIL.....	67
4. CONCENTRAÇÃO GERAL: FEITIO DO SANTO DAIME.....	75
4.1 ESTUDOS BOTÂNICOS E FITOQUÍMICOS.....	79
5. O DAIME NA CURA DAS DOENÇAS.....	87
6. OS HINÁRIOS: FIO CONDUTOR DA DOCTRINA.....	97
7. MESSIANISMO JURAMIDAM.....	131
7.1 CARACTERIZAÇÃO DO MOVIMENTO MESSIÂNICO.....	135
8. CONCLUSÕES.....	141
9. GLOSSÁRIO.....	145
10. ANEXO I : SITUAÇÃO HISTÓRICA.....	147
11. ANEXO II : LENDAS E MITOS.....	159
12. ANEXO III: MINHA EXPERIÊNCIA NO PARTO COM O SANTO DAIME... 177	
13. ANEXO IV: PARECER DO PRESIDENTE DO GRUPO DE TRABALHO DO CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES - CONFEN - DR. DOMINGOS BERNARDES.....	183
14. ANEXO V: OBSERVAÇÕES SOBRE O DOCUMENTO DO GRUPO DE TRABALHO DO CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES — CONFEN.....	187
15. BIBLIOGRAFIA.....	195

APRESENTAÇÃO

História do Povo Juramidam - A cultura do Daime, de Vera Fróes, constitui-se num elemento importante à compreensão da cultura dos povos da Amazônia Acreana.

Ayahuasca - descoberta que motiva diversas formas de organização do Homem na luta por seus direitos pela convivência com a Floresta Amazônica - exerce forte presença no movimento da vida associativa dos caboclos seringueiros - índios e "carius".

Revelando aspectos dessa história, Vera Fróes nos mostra alguns indicadores desse projeto, que busca uma vida em harmonia com a natureza em sua riqueza material e em sua fonte inesgotável e misteriosa de alimento ao espírito. O exercício contínuo do homem, zelando por sua preservação e a preservação do seu meio.

Com a parceria do Ministério da Cultura, coube à Fundação Cultural do Acre apoiar a 2ª edição deste livro, oferecendo ao público a sabedoria e a saga do homem da Amazônia, na leitura inquieta de Vera Fróes e no registro visual de Marco Imperial.

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO
Fundação Cultural do Acre
Rio Branco, Março de 1988

CINCO MIL
(A COLÔNIA DA FRATERNIDADE)

Compete também, ao Poder Público, preservar o perfil histórico-cultural de sua gente e avivar os traços marcantes de sua imagem impressa no tempo.

Igualmente, é de sua competência apoiar aqueles que se dedicam à identificação dessa imagem pelo estudo e pela pesquisa do fato e de seus personagens, do que resulta o quadro real do que foi a contribuição de cada segmento na formação do lastro social e econômico da sociedade.

A obra de Vera Fróes Fernandes enriquece e ilustra a estante cultural da Amazônia e de modo especial a do Estado do Acre pelo considerável acervo de dados e informações inéditas sobre a jornada dessa comunidade de conduta ímpar, entre suas congêneres.

A reedição dessa notável obra é a prova de aceitação e da inclusão do nome de sua autora entre os escritores de temas amazônicos e acreanos.

Cumpre-nos, portanto, nos aliar a essa iniciativa de conteúdo cultural, por todos os títulos elogiáveis, como uma maneira de incentivar um trabalho do mais alto interesse para a composição da História humana do nosso Município e de documento imprescindível àqueles que se preocupam com a trajetória de nossos movimentos de natureza social e econômica. Por outro lado, como Prefeito Municipal de Rio Branco, esta é uma feliz oportunidade para expressar a nossa admiração pessoal e o reconhecimento de nossos munícipes aos que integram a Comunidade Rural da Colônia Cinco Mil, pelo empenho de seus líderes em concretizar os ensinamentos de uma fórmula de vida, onde se vivencia a autêntica consciência da fraternidade e da cooperação mútua.

ADALBERTO ARAGÃO SILVA
Prefeito Municipal de Rio Branco - AC

PREFÁCIO

Merecidamente agraciado com o Prêmio Suframa/1983, o presente estudo constitui uma sugestiva introdução para quem deseja conhecer o culto do Santo Daime, em crescente notoriedade nos últimos anos.

Vera Froés Fernandes, graduada em História pela Universidade Federal do Acre, realizou pesquisa apoiada por uma bolsa de iniciação científica do CNPq (1982-1983) sobre o tema "O Daime e as Relações Comunitárias da Colônia Cinco Mil" e soube com muita sensibilidade, a par de uma descrição simples e direta, apontar as principais questões que afloram o exame do desenvolvimento dessa nova religião: a combinação de crenças indígenas e africanas com elementos do catolicismo popular e do espiritismo em um novo sistema sincrético; o reflexo das disputas internas do grêmio dos fiéis, sobretudo quanto à sucessão dos líderes, no nível da experiência sobre-natural, onde se procuram as soluções; o estabelecimento de uma comunidade coletiva, decorrente da procura de coerência de uma doutrina que prega a fraternidade como comportamento entre os seus membros na vida cotidiana; a íntima associação do culto com a vida na floresta e a sua afinidade com o moderno pensamento ecológico; o caráter messiânico das migrações da comunidade perante o desmatamento promovido pela expansão das agro-pecuárias.

De modo arguto, a Autora sabe desfazer no leitor a primeira impressão de que a contribuição indígena se teria limitado à oferta do arcabouço material, isto é, os dois vegetais, completamente despojados das crenças e atitudes nativas que os envolviam para serem revestidos por uma nova roupagem doutrinária talhada conforme a visão de mundo dos seringalistas, regatões e seringueiros. Pelo contrário, mostra como os aspectos indígenas emergem aqui e ali, inconscientemente, nas restrições alimentares e sexuais, na repartição dos versos dos hinos, nas propriedades curativas do Daime, quando não intencionalmente procurados, como no momento em que os descendentes dos antigos conquistadores nordestinos averi-

guam junto aos índios a viabilidade da vida comunitária na floresta como maneira de escapar à exploração dos novos conquistadores "paulistas".

Enfim, Vera Froés Fernandes logrou apontar uma série de trilhas a serem exploradas futuramente.

JULIO CEZAR MELATTI

Universidade de Brasília, janeiro de 1985

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

SENADO FEDERAL
GABINETE DO SENADOR MÁRIO MAIA

Era eu menino quando passei a conhecer o Irineu, a meninada do Papouco e sua periferia. Irineu era um pretão alto, corpulento, de olhos miúdos e pés enormes que não havia na cidade sapatos que os calçasse. Seu andar cambaleante e meio cambota, e seu sorriso sardônico emoldurava um vzeirão molhado. Transmittia às crianças da minha idade mais que respeito, um certo medo. Essa imagem do Irineu a tenho dos tempos em que aos sábados vinha o corpulento negro à cidade fazer a feira e demorava-se em conversas na taberna do Joviniano no Papouco ou na esquina do mercado velho da Praça da Bandeira, em prosas com meu pai e outros amigos da época. Passou o tempo. Adolescente, já não nos assaltava o medo do pretão Irineu. Entretanto, um mistério envolvia o seu nome que, de quando em quando, chegava aos ouvidos da cidade e se multiplicava pela língua do povo como uma espécie de feiticeiro que congregou e chefiava uma comunidade negra. Sempre foram poucos os negros no Acre e esses poucos, em um certo momento, mesmo em um número reduzido, gravitavam como satélite em torno de Irineu e passaram a morar em pequenas posses aí localizadas, nas proximidades do Igarapé-Fundo.

O fato curioso, entretanto, que tornou na cidade conhecido e comentado esse núcleo de pessoas de pele escura em sua grande maioria, era o uso ritualizado de uma bebida elaborada a partir de um certo cipó da mata, que passou a ser conhecido na linguagem popular como "oasca" (corruptela de ayahuasca - palavra indígena).

De início, o grupo era pequeno e o uso da bebida era restrito. Com o passar dos anos a notícia dos efeitos extraordinários da "oasca" passaram a ser do domínio público e outras pessoas, que não pretos, passaram a frequentar as sessões de ingestão coletiva do chá preparado pelo mestre Irineu, bus-

cando nessa prática uma resposta a suas aflições ou mesmo a cura de seus males físicos ou psíquicos.

O uso civilizado regular, metodizado e com ritos de plantas alucinógenas do domínio dos silvícolas da Amazônia, tem seu pioneirismo, portanto, no Acre e através de mestre Irineu, um maranhense filho de escravos que talvez em vida sequer tenha se apercebido da importância de suas ações no manejo de seu aprendizado com os índios peruanos.

É que, como o acaso das descobertas, em determinado momento de sua vida, Irineu, ao filiar-se ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e ao passar a educar-se nos exercícios de yoga para concentração da mente, há de ter se apercebido que sob o efeito da "oasca" atingia esse estágio muito mais facilmente, manejando as variações de imagens com notável facilidade.

Mas o que marcou mesmo, ou melhor, oficializou o cidadão negro Raimundo Irineu Serra, "Mestre Irineu", conhecedor e senhor de uma nova forma de congregação fraternal do ser humano através de um ritual balizado pela ingestão de bebida extraída de plantas silvícolas, foi uma violência sofrida: motivos religiosos, pseudo-éticos ou pseudo-morais, levaram mestre Irineu e sua gente a serem denunciados como useiros de práticas insensatas e até diabólicas.

Isso fez com que as autoridades de então interviessem na comunidade da "oasca". Foi acionado o Tenente Costa - com fama de crueldade e frieza - da Polícia Militar, para cercar, invadir e destruir ou desativar aquele culto que estaria a incomodar e pôr em risco as convicções sócio-religiosas então dominantes.

Mestre Irineu e seus seguidores ofereceram resistência, obrigando as autoridades ao diálogo e à negociação. Do que parecia sair uma guerra resultou o entendimento através do comandante da corporação, Manoel Fontenele de Castro e do governador, Major do Exército, Guiomard dos Santos, interventor de então do Território que autorizara o cerco. De potencial inimigo passou a amigo, frequentador e protetor do mestre Irineu. Mestre Irineu passou então a ser conhecido por todos na capital do Território Federal do Acre, Rio Branco, co-

mo chefe de uma seita cujos mistérios estão aí para serem decifrados pelos estudiosos modernos. Com o passar do tempo, o núcleo cresceu, agregaram-se ao mestre alguns seguidores que hoje são líderes independentes de grupos autônomos, mas que adotam os mesmos princípios ritualísticos.

O livro de Vera Fróes "História do Povo Juramidam" - "A Cultura do Santo Daime", é uma projeção no hoje do que um passado que ainda não está muito distante vem construindo e consolidando em novas formas, enriquecidas a cada dia com um novo enfoque da figura lendária de seu criador, o mestre Irineu, que aos poucos vai passando do real para o místico com todas as características dos introdutores de seitas, que às vezes se transformam em doutrinas e algumas outras em religião quando o mítico passa a se confundir com o místico.

Em verdade, Santo Daime é uma denominação recente do ritual eclético da ayahwasca.

Quem assiste nos dias de hoje uma cerimônia daimeana, como está minuciosamente descrita no livro de Vera Fróes, e a projeta no cenário psico-social e histórico-místico, verifica tratar-se de um evento em evolução e expansão para fora das fronteiras de sua origem, resultante de um sincretismo complexo, onde se mesclam matizes de riquezas ritualísticas exuberantes, amalgamando fragmentos de crenças e culturas Afro-Indu-Americana entrelaçados com práticas e hábitos do catolicismo popular, expressos na imitação estilizada de cultos ancestrais que se perdem nas brumas dos tempos.

A Índia e o crescente-fértil babilônico e egípcio evidenciam-se nas práticas esotéricas de comunhão do pensamento, com seus símbolos como as figurações do sol, da lua, das estrelas, dos animais como a águia e o touro, e o característico signo de Salomão.

A África transparece nas danças cadenciadas e gíngas suaves e uniformes.

A América pré-colombiana se faz presente no domínio e uso das propriedades farmaco-dinâmicas das plantas usadas na ritualística.

A religião católica envolve todos esses ingredientes lendários em hinários evocativos e rezas repetitivas populares,

como as Ave-Maria, os Pai-Nosso, os Cremos, as Salve-Rainhas, além da exaltação de Santos como nossa Senhora da Conceição e sobretudo a adoração ao Cristo-Redentor.

Isso tudo, como imagens caleidoscópicas, sugere-nos a leitura deste livro ímpar no gênero, escrito pela pesquisadora e historiadora Vera Frões. É tão vasto o mundo que seu livro suscita que poderíamos acrescentar ao título: História do Povo Juramidam — a cultura do Santo Daime, a expressão: um roteiro antropológico para estudo de uma religião nascente no coração da Amazônia ocidental com epicentro em Rio Branco, capital do Acre...

Permitam-me os leitores confessar-lhes a minha satisfação ao mostrarem-me alguns pés de chacrona e imediatamente identificá-los como plantas pertencentes à família das Rubiáceas com suas características folhas apostas (irmã, portanto, do café). Logo associei na mente os dois principais alcalóides do café (a cafeína e a teobromina) como substâncias estimulantes de uso universal através do hábito do cafezinho e outras modalidades de ingestão dessa rubiácea. Provavelmente a chacrona (*Psychotria viridis*), como rubiácea que é, deve encerrar entre os citados outros alcalóides comuns nessa família. Como a psicotrina, a metilpsicotrina, a cafeína com efeitos psicotrópicos e alucinógenos. Igualmente o Banisteriopsis caapi da família das Malpígeáceas, plantas usadas pelos índios por suas propriedades medicinais, há de encerrar também substâncias estimulantes.

As mirações certamente nascem dos efeitos alucinógenos de alguns alcalóides contidos nessas plantas e libertados em pequeníssimas quantidades pela ação do aquecimento (é servido em forma de chá), método caseiro universal de extração de substâncias vegetais para efeitos medicinais.

O mais significativo, entretanto, é o aproveitamento dessas propriedades de um modo socialmente positivo, pois os seus efeitos salutares, tanto somático quanto psíquicos, são dirigidos para ações agregadoras e fraternas dos que se reúnem.

Outro aspecto que desejávamos destacar desse compacto ensaio de sociologia, que é o JURAMIDAM, seria

a importância dos Juramidans na preservação da natureza amazônica ante o imediatismo predatório dos que estão transformando os seringais nativos em campos de pastagens com a laterização do solo e o açoreamento dos rios em virtude da violenta e rápida destruição das matas ciliares, predispondo já no hoje várias áreas à desertificação para um futuro que não estaria distante.

MÁRIO MAIA
Senador da República

INTRODUÇÃO

Iniciei o presente estudo em 1979 na Colônia Cinco Mil, registrando as festas oficiais e seus diversos hinos. Aos poucos fui compreendendo como se dava a iniciação: o canto, o ritmo, os instrumentos e as mensagens transmitidas pelos hinos. Vinha de uma convivência com os índios Kampa (Asháninka), localizados no rio Envira, município de Feijó (AC), fronteira com o Peru, e tive a oportunidade de participar da cerimônia tradicional do Camampi (Daime), que é acompanhada de belos cânticos por crianças e adultos, fato que me motivou a estudar o assunto em Rio Branco.

De 1980 à 1982 organizei metodologicamente todas as informações, entrevistas e documentos recolhidos na Colônia Cinco Mil. Nessa época a convivência com a comunidade se tornou mais estreita e pude penetrar no seu universo mágico-religioso, que implica diretamente no respeito às suas leis internas.

Para compreender de forma totalizante esse espaço sagrado, passei por um processo de aprendizagem, ciente de que só a visão de "dentro para fora" pode assegurar a compreensão. Participei de diversos trabalhos espirituais; oração, concentração, cura e feitio do Santo Daime, vivências fundamentais para o entendimento do universo mítico.

A experiência pessoal com o Santo Daime sempre se apresentou positiva, funcionando como uma valiosa terapia, onde pude reviver passagens da minha vida, projetando também ações futuras. No começo percebia muitas luzes coloridas em forma de cobras luminosas, os sentidos ficavam mais aguçados, os objetos pareciam ter vida, e a mata se transformava em gente. Depois, quando me senti familiarizada com o ritual e sem medo do Daime, tive a sen-

sação agradável de me desprender do corpo, viajando para lugares conhecidos e desconhecidos.

A disponibilidade em me aprofundar nos trabalhos espirituais criou fortes laços de confiança com a comunidade, especialmente com o padrinho Sebastião, madrinha Rita e seu filho Alfredo.

Com o povo Juramidam aprendi o valor da calma, da humildade, a importância da perfeição em tudo o que se faz, e principalmente a ter auto-disciplina, qualidade que procurei incorporar em meu trabalho diário.

A expressão "Povo Juramidam" refere-se aos descendentes de Juramidam, nome que o iniciador da doutrina recebeu das entidades divinas do Santo Daime. Juramidam é o chefe da missão. Jura é o pai e midam o filho — Juramidam representa a segunda volta de Jesus Cristo na Terra, sendo assim o Povo de Juramidam é o Povo de Jesus Cristo.

Essa pesquisa partiu do interesse em verificar e compreender a existência de uma maior festação cultural própria do Estado do Acre, originária de rituais indígenas, influenciada pelo cristianismo, espiritismo e apresentando características de religiões africanas, que resultaram no sincretismo religioso: a doutrina do Santo Daime.

O Daime, conhecido também por ayahuasca, vegetal, caapi, ou iagê, é uma bebida cerimonial utilizada em rituais mágico-religiosos de inúmeros grupos indígenas do continente americano, sendo preparado através do cozimento de dois vegetais da floresta amazônica, o cipó (jagube) e a folha (chacrona, rainha ou mescla).

No Acre, o Santo Daime é bebido não só pelos índios e seringueiros, como também pelos habitantes dos municípios e da capital, Rio Branco, onde estão localizados vários centros espirituais nas cercanias da cidade, destacando-se o CEFLURIS (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), uma comunidade rural

formada por 300 pessoas conhecida como Colônia Cinco Mil. Estima-se que em cada dez pessoas, quatro já experimentaram seus efeitos. No Estado, que tem uma população de 300.000 habitantes, 120.000 pessoas com certeza já tomaram a bebida.

Na década de 70 bruscas mudanças sócio-econômicas ocorreram na região, rompendo a tradição extrativista que perdurava desde o início do século: devastação dos seringais e castanhais nativos devido à implantação da pecuária, ocasionando a expulsão dos seringueiros e colonos da zona rural e o inchamento da periferia das cidades.

Dentro dessa nova realidade é que formou-se, em 1975, a Colônia Cinco Mil, com a união de 25 pequenas colônias, num total de 380 hectares, congregando 43 famílias de seringueiros organizados sob princípios comunitários que se estabeleceram à medida que realizavam um trabalho espiritual profundo com o Santo Daime.

Em 1980, com a devastação acentuada da floresta do município de Rio Branco e a falta de condições para aquisição de tratores e implementos agrícolas a fim de melhorar as técnicas de cultivo da terra — associado a nível espiritual à chamada dos filhos do Santo Daime para a floresta — o líder da comunidade, padrinho Sebastião Mota de Melo, decide mudar-se com seu "povo" para o interior da selva amazônica, estabelecendo o seringal Rio do Ouro, no município de Boca do Acre, Estado do Amazonas. Em 1983 outra mudança se processou, abrindo uma nova frente de trabalho no seringal Céu do Mapiá, município de Pauini, Amazonas.

A Colônia Cinco Mil ficou constituída de um pequeno número de pessoas, passando a funcionar como uma célula de apoio do seringal Rio do Ouro, e posteriormente do seringal Céu do Mapiá, que tornou-se o polo de irradiação da doutrina do Santo Daime.

Levantei várias questões que serão desenvolvi-

das no decorrer desse trabalho.

1 — Em que medida a destruição da floresta compromete a utilização ritual do *Banisteriopsis caapi* (cipó) e da *Psychotria viridis* (folha), como um aspecto cultural originário da região amazônica?

2 — De que forma o uso do Santo Daime e as relações de produção vigentes na comunidade favorecem uma integração social equilibrada e uma maior consciência ecológica, apontando inclusive para um modelo alternativo de ocupação da Amazônia?

3 — Sob quais condições a comunidade rural da Colônia Cinco Mil optou por relações de produção fundamentada na propriedade e no uso coletivo da terra?

4 — Qual o significado do retorno da comunidade ao sistema de vida baseado na exploração do seringal nativo?

5 — Podemos considerar a comunidade da Colônia Cinco Mil como um "povo", expressão que se define como um grupo de pessoas vivendo em um país ou localidade determinada, que possuem uma religião, tradições próprias e estão unidos em um sentimento de solidariedade, com vistas a preservar suas tradições, mantendo suas formas de trabalho, assegurando instrução e orientação dos seus filhos de acordo com o espírito e tradição do grupo, prestando-se assistência e ajuda mútua?

As indagações não se esgotam aqui, pois a complexidade do assunto merece investigações mais profundas, que sirvam inclusive, para a elaboração de programas de desenvolvimento integrado da comunidade. A investigação científica que não vise concretamente a elevação das condições de vida da comunidade que estuda, carece de qualquer sentido prático.

O presente trabalho abrange um período que se inicia com a chegada do fundador da Doutrina do Santo Daime, Raimundo Irineu Serra no Acre, em 1912, até a mudan-

ça da comunidade rural da Colônia Cinco Mil para o seringal Rio do Ouro, no Estado do Amazonas, em 1980.

A metodologia empregada utiliza instrumentos da Ciência Histórica desenvolvida nos últimos vinte anos, referente ao campo da História das Mentalidades Coletivas, onde os conhecimentos de outras ciências se interpenetram, como a psicologia, sociologia, filosofia e antropologia.

A História das Mentalidades Coletivas objetiva a reconstrução das estruturas mentais de determinada sociedade: idéias socialmente transmitidas e admitidas, concepção sobre o tempo, natureza, espaço, estudo das influências, dos contatos e correntes de pensamento, heranças culturais, sistemas de crenças, alguns modelos de comportamento, mitos, rituais, símbolos, enfim as representações coletivas da sociedade, ao nível das idéias.

A bibliografia utilizada inclui estudos sobre a história econômica da Amazônia, utilização de plantas "mágicas" pelas tribos da América do Sul, xamanismo e religião na Amazônia Peruana, movimentos messiânicos no Brasil e estudos sobre formas de produção não-capitalistas, geradas dentro e apesar do sistema capitalista.

Essa metodologia não visou conceituações e classificações desnecessárias, procurando desenvolver uma discussão e uma explicação dialética na reconstrução do universo material e simbólico da comunidade. Para uma abordagem teórica segura utilizei a pesquisa documental, desenvolvida e produzida através da história oral e dos arquivos da comunidade, além do levantamento das fontes manuscritas e documentos.

Espero que a publicação desse trabalho, enfocando a doutrina do Santo Daime, autêntica manifestação cultural e religiosa da região norte do país possa servir de instrumento para a compreensão da história contemporânea do Estado do Acre e do Amazonas.

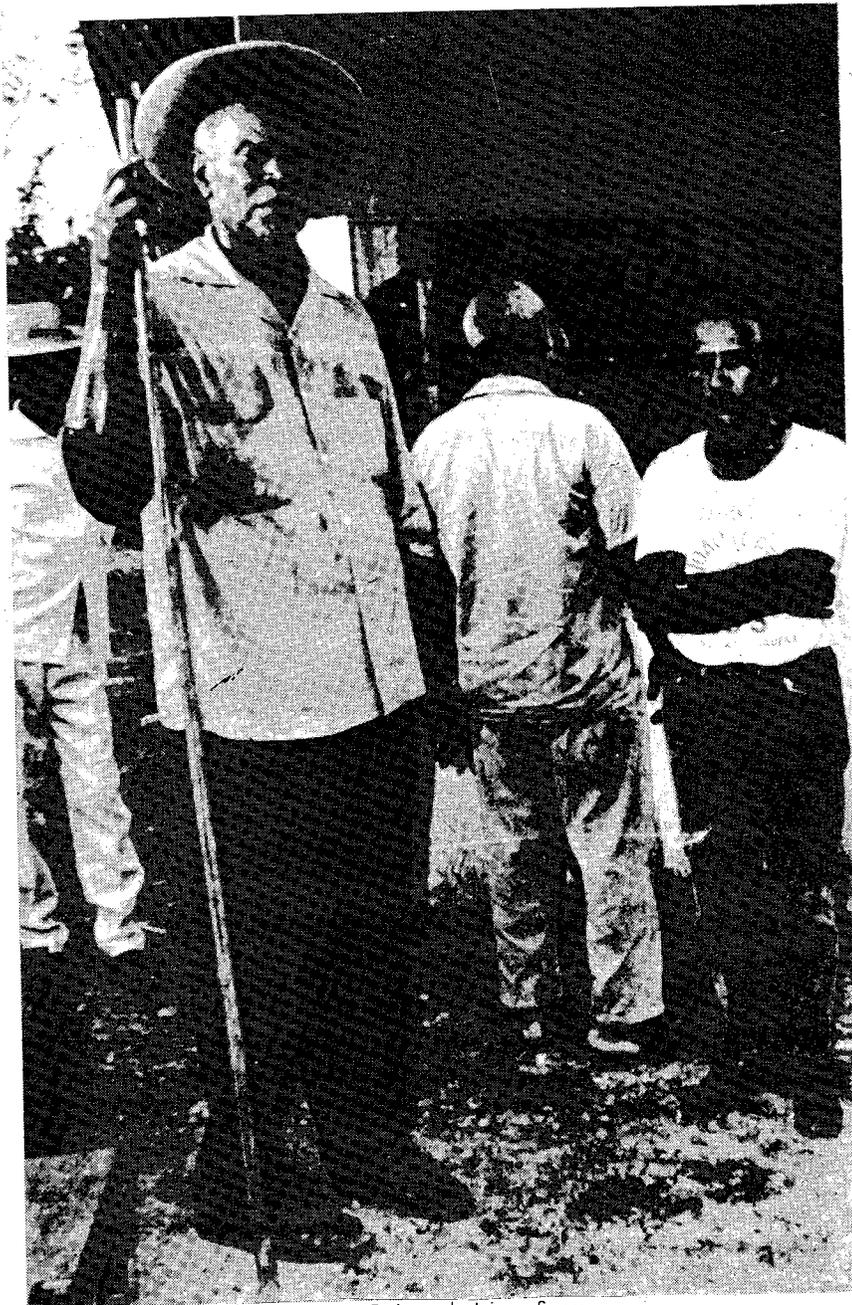


FOTO — José Melo

Mestre Raimundo Irineu Serra
* 1892 — + 1971

1. MESTRE IRINEU: FUNDADOR DA DOCTRINA DO SANTO DAIME

“O Santo Daime é disciplina, conselho, repressão, vigor e conforto. É prova e é cura. Aquele que o invoca, alguma decisão tem. Aquele que o aprecia alguma satisfação lhe é dada. Portando o Daime é sem dúvida alguma, chave dessa doutrina”. (Alfredo Mota).

A doutrina do Santo Daime foi fundada em 1930, em Rio Branco-Acre, por Raimundo Irineu Serra após um longo período de iniciação com a *ayahuasca*, na selva fronteira do Brasil com o Peru, onde a bebida era utilizada em rituais mágico-religiosos por grupos indígenas, desde tempos imemoriais.

Negro forte, com dois metros de altura, Raimundo Irineu Serra nasceu em 15 de dezembro de 1892, em São Luis de Ferré, no Estado do Maranhão e era filho de Sancho Martinho Serra e Joana de Assunção Serra. Chegou ao Acre com 20 anos, integrando o movimento migratório de nordestinos para trabalhar na extração do látex, trazidos pela propaganda de enriquecimento fácil e fugindo da seca, que desde o final do século XIX castigava o nordeste brasileiro.

Antes mesmo de chegarem na Amazônia, os trabalhadores já estavam devendo ao patrão seringueiro, pois tudo era debitado em suas contas: passagem, estadia, alimentação, utensílios de trabalho e etc... Enfrentando o meio ambiente hostil e tendo que se adaptar a um novo mundo a duras penas, a cultura do homem nordestino vai fundir-se com a cultura indígena da região.

Chegando de Manaus, Irineu Serra vai atracar no porto de Xapuri (AC), em 1912. Alí residiu dois anos, indo trabalhar posteriormente nos seringais de Brasiléia durante

três anos e em seguida em Sena Madureira, onde residiu por mais três anos. Foi durante esse período que trabalhou na "Comissão de Limites", órgão do governo federal encarregado da delimitação das fronteiras do Acre com a Bolívia e o Peru, aprofundando assim seu conhecimento das matas acreanas.

No processo de aprendizagem da utilização da *ayahuasca* com índios peruanos, mestre Irineu aprendeu a reconhecer o cipó jagube, a folha chacrona (rainha) na floresta e a preparar a bebida, tendo como companheiros de iniciação, André Costa e Antonio Costa, este último um conhecido curandeiro da região de Brasília, que teria fundado ali o primeiro centro esotérico de utilização da *ayahuasca* no Acre.

Conforme relatam companheiros ainda vivos do mestre, com a utilização da *ayahuasca*, intensificou-se para ele a aparição de uma mulher chamada Clara, apresentando-se como Nossa Senhora da Conceição, a Rainha da Floresta. Seguindo as instruções dela, mestre Irineu recebeu o nome de Santo Daime para a bebida e uma série de regras que se constituíram posteriormente nos fundamentos do ritual do Santo Daime.

Um desses companheiros, o padrinho Sebastião, conta que a origem da palavra Daime vem da revelação da Rainha da Floresta, quando ela esclarece para o mestre que aquela bebida tinha muitos nomes, mas o nome verdadeiro era o próprio verbo divino Dar, Dar para os que necessitam e pedissem, originando assim o nome Daime. Daime amor, Daime luz, Daime força, são expressões características da doutrina do Santo Daime.

Relatam ainda que a Rainha da Floresta concedeu-lhe a patente de Chefe do Império Juramidam, e o identificam com entidades espirituais incaicas precursoras na utilização do Santo Daime. Essa identificação pode ser compreensível, ao verificarmos estudos sobre a América

pré-colombiana, que mostram a região da Amazônia Ocidental dentro da área de influência do Império Inca, cuja sede localizava-se em Cusco (Mapas p. 49,50).

Contemporâneos do Mestre Irineu, como Luiz Mendes, explica que ao tomar a bebida pela primeira vez com os índios, ele fez um compromisso:

“bom eu vou tomar, se fôr uma coisa que me agrade, que me sirva, que dê nome ao homem eu prometo levar para o meu Brasil”. Ao invés de ver demônios, como afirmavam os cablocos, mestre Irineu só viu cruz, uma cruz que percorria o mundo inteiro. Mais tarde ele vai receber o hinário denominado Cruzeiro”

Integrantes do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o Alto Santo, descrevem o primeiro encontro do mestre Irineu com a Nossa Senhora da Conceição da seguinte forma:

“ele tomou o Daime e de onde estava deitado ficava fitando a lua. Lá vem, lá vem, lá vem e a lua ficou bem pertinho dele. Agora dentro da lua ele avistava sentada em uma poltrona, uma senhora divina mesmo. Aí então ela falou para ele, — Quem é que tu acha que eu sou? ele olhou e disse, — Para mim a senhora é uma Deusa Universal. — Tu tem coragem de me chamar de Satanás, isso ou aquilo outro? — Não, a senhora é uma Deusa Universal. — Tu achas que o que tu está vendo agora, alguém já viu? O mestre Irineu refletiu e achou que alguém já podia ter visto, tantos que faziam a bebida, que ele podia estar vendo o resto. A senhora então disse: — O que você está vendo agora ninguém jamais viu, só tu. E eu vou te entregar esse mundo para tu governar. Agora tu vai se preparar, porque eu não vou te entre-

gar agora. Vai ter uma preparação para ver se você tem merecer verdadeiramente: Você vai passar oito dias comendo só macaxeira (mandioca) cozida insossa, com água e mais nada. Também não pode ver mulher, nem uma saia de mulher a mil metros de distância”.

Essa identificação inicial da lua com a Nossa Senhora da Conceição vai caracterizar os outros astros do universo, como entidades divinas do Santo Daime.

O mestre Irineu passa por uma fase de iniciação no interior da floresta, típica de xamãs indígenas, onde a disciplina, o jejum as privações e a abstinência sexual, são condições indispensáveis na formação do xamã, que com isso passa a ter conhecimento, poderes de cura, vidência e possibilidade de comunicação com os espíritos.

Luiz Mendes, vice-presidente do Alto Santo, prossegue sua narração:

“...Passou um dia, dois, três, quando foi no quarto dia não havia necessidade dele tomar o Santo Daime, pois ficava o tempo todo mirando dentro da mata. Até os paus se mexiam, bordados de muitas cores, e caboquinho aparecendo prá todo lado... Ele estava na volta de uma estrada de seringa quando o Antonio Costa em casa disse: — Eu vou já experimentar o Irineu prá ver se ele está aprendendo, vou colocar sal na macaxeira dele. Pegou na coité de sal, trouxe só até a boca da panela, mas não colocou.

Lá da mata ele viu, viu não, disseram para ele: — Oh! o Antonio Costa pegou uma pitada de sal prá botar na panela de macaxeira. Não botou não, mas para experimentar se tu está sabendo. Aí quando ele foi chegando em casa, foi achando graça e dizendo: Entonces ia botando sal na macaxeira, não botou, mas fez menção

de colocar, heim Antonio como é? — Mas rapaz, como é que fez para saber? Então já sei que tu tá aprendendo”.

A missão do mestre Irineu é a missão de Juramidam, entidade divina que representa Cristo, revelando os ensinamentos da doutrina através dos hinos, que correspondem a Bíblia Sagrada. Um hinário é o conjunto de hinos — versos, musicados simples — recebidos por uma pessoa através de captação divina, é a linguagem de comunicação com o astral, onde estão todos os seres divinos.

O Hinário Cruzeiro testemunha Juramidam através de Nossa Senhora da conceição, pregando as Santas Doutrinas de Jesus Cristo. O Santo Daime é um ser divino da floresta, logo todos os elementos ligados a ela são também consagrados: a terra, a água, o ar, o vento, o céu, a lua e as estrelas.

Segundo Luiz Mendes, levou bastante tempo para o mestre Irineu receber os hinos.

“Antes ele tinha chamadas e as executava assobiando. O primeiro hino recebido foi numa miração com a lua... quando foi um dia, a Rainha da Floresta disse, — Olha vou te dar uns hinos, tu vai deixar de assobiar prá aprender a cantar. — Ah!, faça isso não minha senhora (disse o mestre Irineu), que eu não canto nada. — Mas eu te ensino! afirmou ela. Quando foi um dia ele estava olhando para a lua e ela disse para ele, — Agora você vai cantar. — Mas como? (perguntou o mestre Irineu)... — Abra a boca. — Mas como? — Abra a boca, não estou mandando? Ele abriu a boca e disparou cantando Lua Branca, o primeiro hino”.

Miração é um estado de transe desencadeado pelo Daime, onde a pessoa pode ter visões com intensidade

de cor, vidências, estabelecer contatos telepáticos com pessoas distantes, permitindo uma relação mais sensorial com o ambiente. Para um iniciante é antes de tudo, uma viagem ao seu interior, ao inconsciente. O Daime vai despertar o inconsciente coletivo, lembrança milenar de utilização ritualizada da *ayahuasca*, originária da América pré-colombiana, onde determinadas plantas tinham função de veículos de revelação mística-religiosa.

As mirações são descritas nos hinos e neles estão presentes os seres divinos da corte celestial. Os hinos podem ser de cura, disciplina, louvação, conselhos aos irmãos da doutrina, atualizando sempre o momento que a pessoa ou a comunidade esta vivendo.

Os hinos do mestre Irineu apresentam entidades cristãs, indígenas, africanas e outras próprias do sincretismo religioso: Jesus Cristo, Nossa Senhora da Conceição, São João Batista, patriarca São José, Tuperçi, Ripi iáíá, Currupipiraguá, Equiôr, Tucum, Barum, Marum, papai Paxá, B.G, Rei Titango, Rei Agarrube, Rei Tintuma, Princesa Soloína, Princesa Janaína e Marachimbé fazem parte do Império Juramidam.

Informantes do Alto Santo afirmam que o mestre Irineu travou conhecimento no Maranhão com a famosa Casa das Minas, centro tradicional de preservação da cultura e da religiosidade africana no Brasil.

A doutrina de Juramidam é resultante da união de características religiosas dos três elementos étnicos formadores da cultura brasileira, o índio, o negro e o branco. Raimundo Irineu Serra reinterpreta a sua cultura, saindo da condição de seringueiro para a situação de "escolhido". A partir daí sua vida ganha novo significado, o aspecto material passa a ser secundário e o espiritual o mais importante: é o homem simples do povo que recria valores culturais e se liberta da exploração da vida material.

Em 3 de janeiro de 1920, mestre Irineu mudou-se para Rio Branco e abandonando a atividade de seringueiro, ingressou nos efetivos da antiga Guarda Territorial, ascendendo à graduação de cabo. Em 1932 deu baixa da Guarda Territorial e passou a dedicar-se à agricultura. Em 1945 recebeu do Senador Guiomar dos Santos uma área de terra no local denominado Colônia Custódio Freire, fundando o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o Alto Santo, que chegou a congregar 500 membros efetivos e receber milhares de visitantes desejosos de conhecerem o Santo Daime. Demonstrando o seu desprendimento para as coisas materiais, mestre Irineu distribuiu parte das terras que ocupava para famílias necessitadas.

O mestre Irineu iniciou o seu trabalho espiritual em Rio Branco com José das Neves, atual conselheiro do Alto Santo, que relata a experiência:

"Foi no dia 26 de maio de 1930 que comecei esse trabalho com ele e trabalhamos até seu falecimento, 41 anos e 41 dias depois. Naquele tempo não havia farda e o primeiro trabalho foi de concentração. Éramos tres pessoas, não me lembro o nome do outro... De 1935 a 1940 é que o mestre Irineu vai desenvolver e receber os valores da doutrina: os hinos, a música que vem do astral e não tem nada de inventado... antes não havia esse trabalho em Rio Branco, era um segredo da mata, o mestre Irineu abriu o conhecimento para outras pessoas até chegar na situação que está hoje".

Os integrantes da doutrina do Santo Daime, sempre se caracterizaram pelo seu respeito as leis e às autoridades governamentais. O mestre Irineu tinha relações de amizade com políticos importantes do Acre, como o Coronel Fontenelle de Castro e o Senador Guiomard Santos, que lhes dispensavam proteção, quando as pessoas que utilizavam o Santo Daime passaram a ser perseguidas pela polícia.

1.1. OS TRABALHOS ESPIRITUAIS COM O SANTO DAIME

Com o passar do tempo o ritual iniciado pelo mestre Irineu vai se aperfeiçoando, através da criação de diferentes tipos de trabalho espiritual: as Festas Oficiais, Trabalho de Concentração, Missa e Trabalho de Cura.

As Festas Oficiais acompanham as datas do calendário cristão, cuja comemoração inicia-se na véspera à noite, prolongando-se até o amanhecer. O ano religioso da doutrina inicia-se no dia 6 de janeiro, em homenagem aos tres Reis do Oriente, é uma cerimônia especial onde se entrega o trabalho do ano que passou ao Mestre ou pessoa por ele designada e se recebe o trabalho espiritual do ano que se inicia. Seguem-se as datas de 20 de janeiro — São Sebastião, Sexta-Feira Santa — Paixão e Morte de Jesus Cristo, 24 de junho — São João Batista, 2 de novembro — Dia de Finados, 8 de dezembro — Nossa Senhora da Conceição (padroeira dos trabalhos), 15 de dezembro (nascimento do mestre Irineu) e 25 de dezembro Nascimento de Jesus Cristo.

O ritual das Festas Oficiais começa às seis horas da tarde, quando reza-se um terço e em seguida é servido o Santo Daime na medida de um copo pequeno para os adultos e meio para as crianças. Lê-se a oração Consagração do Aposento e dá-se o início do hinário previamente escolhido, que é cantado sempre marcado pelo rítimo de maracás, acompanhando o movimento de deslocar-se para a direita e para a esquerda. Os homens e as mulheres só podem conversar durante o intervalo, que ocorre à meia noite, estendendo-se por uma hora aproximadamente. Nessa ocasião é servido caíçuma (bebida de origem indígena, feita de macaxeira cozida e levemente fermentada) aos participantes. Geralmente é no segundo tempo, quando se reinicia o hinário que os músicos tocam os seus instrumentos. Diver-

sas vezes entre a execução de um hino e outro, um dos participantes exclama: Viva o Divino Pai Eterno! Viva a Rainha da Floresta! Viva Jesus Cristo Redentor! Viva o Patriarca São José! Viva Todos Seres Divinos! Viva o Nosso Mestre Império! Viva Toda Irmandade! Viva o Santo Cruzeiro! A cada exclamação os homens respondem, Viva! coincidindo com a explosão de fogos de artifício na parte exterior do templo. Após o término de hinário, encerra-se o ritual com três Pai Nosso, três Ave-Maria e um Salve Rainha. Durante toda a festa, cada participante toma em média de quatro a cinco doses do Santo Daime.

Com o passar do tempo, o ritual se desenvolveu, vários instrumentos musicais foram acrescentados à festa, como o violão, acordeon, bandolin, cavaquinho, pandeiro, bumbo e flauta. O ritmo de cada hino varia entre a valsa (compasso dois por um), marcha (dois por dois) e mazurca (rítmico ternário). As pessoas posicionam-se para o bailado da seguinte forma: no centro do templo fica a mesa, onde estão o Cruzeiro com o terço, velas e o recipiente com o Santo Daime, que é servido pelo mestre ou por uma pessoa por ele indicada. Olhando-se da porta principal do templo, ao lado esquerdo da mesa ficam os homens enfileirados por altura; ao lado direito ficam as mulheres, unindo as fileiras dos homens, com as mulheres estão as moças de um lado e os rapazes de outro, formando todos um quadrilátero. Iniciando pela direita, ao som da música e do canto, o quadrilátero movimentava-se com passos para a direita e para a esquerda. Através desse movimento rítmico, desencadeia-se uma forte corrente espiritual entre as pessoas.

O Trabalho de Concentração inicia-se às 19 horas, sendo realizado todos os dias 15 e 30 de cada mês. Tem como objetivo o desenvolvimento espiritual dos participantes. Para se realizar um trabalho dessa natureza é necessário pelo menos a presença de três pessoas. Após tomarem o Santo Daime e ser lida a oração Consagração do

Aposento, inicia-se a concentração propriamente dita, com todos sentados e em silêncio, com a duração aproximada de uma hora e meia. Ao final pode-se cantar o hinário Cruzeirinho do mestre Irineu, formado pelos doze últimos hinos do hinário Cruzeiro, após o que, reza-se três Pai Nosso, três Ave-Maria intercalados e uma Salve Rainha.

A Missa é um trabalho espiritual realizado em benefício daqueles que morreram. São dez hinos do mestre Irineu, somente cantados nesse tipo de ritual. Esses hinos não podem ser bailados e nem tocados, somente cantados. Esse trabalho é indicado (aberto) rezando-se um terço, deixando a última oração Salve Rainha para ser rezada no final do trabalho. Entre um hino e outro reza-se três Pai Nosso e três Ave-Maria.

Segundo informação de Percília Matos da Silva, membro-fundadora do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (Alto Santo) e designada pelo mestre Irineu para manutenção dos Trabalhos de Oração, existem dois tipos de Trabalhos de Cura: Concentração e Oração, este último também chamado Trabalho de Mesa. O Trabalho de Cura através de Concentração será detalhado no capítulo sete.

O Trabalho de Mesa tem a finalidade de exorcizar os maus espíritos e "descarrego" de vibrações negativas. Pelo comum a pessoa doente deve tomar uma colher do Santo Daime, para as outras pessoas este procedimento não é obrigatório. Abre-se a sessão pedindo licença ao mestre para realizar aquele trabalho em benefício de determinada pessoa, reza-se uma oração Salve Rainha, em seguida lê-se a Oração "Contra Encantos e Malefícios" e encerra-se com uma oração Salve Rainha, oferecendo o trabalho para a pessoa necessitada. Podem participar três, cinco, sete ou nove pessoas na mesa, incluindo o doente, nunca número par e de preferência durante três dias seguidos, iniciando em uma quarta-feira. As pessoas da mesa devem fazer a

1 *Esta oração encontra-se no livro A Cruz de Caravaca, p. 13, Editora O Pensamento, SP.

mesma preparação para quando se tomar o Santo Daime, mesmo que não tomem a bebida naquele trabalho. Este procedimento tem a finalidade de todos poderem "firmar a corrente" em um só sentido.

O Trabalho de Mesa se faz utilizando nove cruces de madeira, cada pessoa segura uma cruz com a mão esquerda e uma vela acesa na mão direita. O número de velas utilizadas é de acordo com o número de pessoas participantes, mas as cruces não, devem ser sempre em número de nove. Caso não hajam pessoas presentes em número suficiente para segurar todas as cruces, as restantes ficam sobre a mesa. O doente, se não puder segurar a cruz, esta será colocada sobre o seu peito do lado esquerdo e a vela fica sobre a mesa. Conforme a gravidade da doença, canta-se ao final o hino *Linha do Tucum*, do mestre Irineu.

Os símbolos da doutrina do Santo Daime são: o Cruzeiro (cruz de caravaca), uma cruz com dois braços horizontais, que representa a segunda volta de Jesus Cristo à terra e o Símbolo de Salomão, dois triângulos equiláteros entrelaçados, formando uma estrela de seis pontas; dentro da estrela o desenho de uma águia ("pássaro que vê mais luz e voa mais alto") sobre a lua, que representa Nossa Senhora da Conceição.

1.1.1. O FARDAMENTO

O ritual com o Santo Daime possui uma vestimenta própria para cada tipo de trabalho: farda branca para as festas oficiais e farda azul para os demais trabalhos. Para as mulheres a farda branca constitui-se num vestido branco pregueado com um saiote verde mais curto pregueado por cima do vestido, faixa verde atravessada no peito com símbolo de Salomão ao lado direito e no lado esquerdo a "rosa" para as mulheres e a "palminha" para as moças, juntamente com fitas compridas de várias cores, que são colocadas no ombro esquerdo. Na cabeça uma coroa bordada com lantejoulas brancas. Completando a farda, tênis e meia branca. Os homens usam camisa, paletó, calça, meia e sapatos brancos, uma gravata preta e o símbolo de Salomão.

A farda azul é mais simples, muito semelhante ao uniforme utilizado nas escolas: para as mulheres, saia azul pregueada, blusa branca com as iniciais do centro bordadas no bolso, gravata borboleta azul, tênis azul e meia branca. Para os homens, calça azul, camisa branca, gravata preta, tênis azul e meia branca, com a estrela de Salomão presa no lado direito do peito. Usar a farda significa que a pessoa já tem uma iniciação e assumiu um compromisso com a doutrina. A pessoa fardada pode ser um soldado ou um oficial, depende do seu grau de conhecimento espiritual e do tempo que tem na irmandade.

Existe uma hierarquia tanto no domínio divino, onde a Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição, é quem comanda, como no domínio terrestre, representado pelo Chefe-Império Juramidam (o mestre Irineu) que juntamente com os membros mais graduados (General, Coronel e Major) formam o Estado Maior. Para o estabelecimento dos graus hierárquicos também são utilizados referenciais de parentesco entre os membros da doutrina.

Luiz Mendes afirma que:

“quando eu ingressei na doutrina, já tinha sido extintos estas formas de graduação pública. Antes se sabia pelo número de estrelas que a pessoa usava, o grau que ele desenvolvia espiritualmente. Ia do mais humilde até o mais graduado, a todos se distinguia. Hoje não se distingue mais porque o mestre Irineu deixou tudo por igual, todos iguais”.

Incorporadas ao ritual do Santo Daime, estão também as cerimônias de batizado, e casamento. O batizado segue os princípios cristãos, substituindo a água benta pelo Santo Daime, os batizados são coletivos, geralmente escolhendo-se o dia oito de dezembro — Nossa Senhora da Conceição — para realizá-los. O casamento é realizado com farda branca, cantando-se hinos, fazendo orações e a leitura das Cartas de São Pedro. A confissão é realizada nas festas oficiais, em que é cantado o hinário Cruzeiro. O hino da confissão não é bailado nem tocado, e nesse momento todos se confessam interiormente, tendo uma vela acesa na mão.

A abstinência sexual de tres dias antes e tres dias depois de tomar o Santo Daime, acompanhada de um jejum ou dieta alimentar somente com macaxeira cozida e chá e a abstinência de bebidas alcólicas, são regras indispensáveis do ritual de preparação, o que indica a necessidade de limpeza do corpo para poder elevar a mente. Depois de tomar a primeira dose do Santo Daime a pessoa pode sentir vontade de vomitar ou de fazer necessidades fisiológicas, esse processo de limpeza é considerado normal e às vezes até necessário, para se atingir o estado de miração.

Os efeitos começam a surgir normalmente após 30 minutos da primeira dose, permanecendo durante duas horas em média, até desaparecerem por completo, mas retornam com a mesma intensidade ao se ingerir outra dose. Eles variam de uma pessoa para outra e do próprio estágio

de desenvolvimento do aprendizado do indivíduo com a bebida: coloração intensa de diversas tonalidades e formas, visualizações de parentes, amigos e animais, como cobras, são os efeitos mais frequentes do Santo Daime, para quem está iniciando-se na doutrina.

Os membros graduados tinham autorização do mestre Irineu para fazerem e tomarem o Santo Daime em suas próprias casas, em alguns casos, este procedimento recebia o nome de Pronto-Socorro do Daime, para o atendimento de qualquer doente. O padrinho Sebastião era um deles, desde 1968 teve a autorização do mestre Irineu para comemorar o seu aniversário, tomando o Santo Daime em sua casa, bem como para realizar trabalhos de cura e concentração. Considerado como a “água da vida”, todo membro da doutrina pode ter um pouco de Santo Daime em casa, para utilizar em caso de doença.

O conselheiro do Alto Santo, José das Neves, afirma:

“O mestre Irineu teve muitos alunos, muito mais de mil, mas nem todos se esforçaram para aprender igual. Tem muitos deles que levaram a sério e posso citar um: Maria Damião, foi uma aluna que trabalhou uns tantos anos com o mestre. Faleceu em 1949 mas aprendeu e recebeu um hinário e por isso será uma pessoa sempre lembrada dentro da doutrina”.

Maria Marques Vieira (Maria Damião) narra em seu hinário sobre a vinda de muitos estrangeiros que chegariam para conhecer o Santo Daime, antecedendo-se em muitos anos um fato que seria vivido pela Colônia Cinco Mil, na década de 70. Germano Guilherme, Antonio Gomes, João Pereira e o padrinho Sebastião Mota, são outros dos principais seguidores do mestre Irineu que receberam hinários e se destacaram entre os demais.

A fama de bom curador do mestre Irineu percorreu a cidade de Rio Branco, pessoas de diferentes camadas sociais procuravam-no para curar suas doenças, resolver problemas pessoais e pedir conselhos. Nesse sentido Luiz Mendes relata que:

“Ele ficava satisfeito em poder tratar de uma pessoa, quando vinha desenganada pelos médicos. Até mesmo de todo o Brasil chegavam pessoas para o mestre Irineu tratar e ele logo ia dizendo: “— É, os médicos o desenganaram, mas Deus não desengana ninguém”. E ai cuidava de tratar o doente. Às vezes ele fazia um serviço especial e tirava a receita para a pessoa. Quando ele tirava uma receita dessa, era bater e ver o resultado””.

1.2. OS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS

Filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, com sede em São Paulo (SP) e recebendo em 1955 honorarias e certificados dessa organização, o mestre Irineu extraiu dos ensinamentos do Círculo, os princípios básicos da doutrina do Santo Daime: Harmonia, Amor, Verdade e Justiça. Anos mais tarde filiou-se também à antiga e mística Ordem Rosacruz.

Harmonia, Amor, Verdade e Justiça são os requisitos básicos para ingressar no império de Juramidam, são valores que não levam em conta a perspectiva da vida material, e decorrem de uma visão cristã fundamentada na ressurreição do ser humano através de Jesus Cristo.

Sobre a harmonia:

“... a Harmonia exprime o estado do ser evoluído. Ela resulta da analogia entre as vibrações internas e próprias do ser e as vibrações do meio que se encontra. É pela Harmonia entre os homens, que podereis conseguir a compreensão do mistério mais profundo da vida e da solidariedade universal”.

Sobre o Amor: “Nada há mais poderoso do que o Amor, o Amor é a força que impele o Universo, é ele que alimenta o desejo e a criação. A vida é o divino ímpeto do Amor. O amor é a chave da imortalidade”.

Sobre a Verdade: “Tendo consciência da vida psíquica quando tiver nascido de novo, podereis observar a Verdade em todo o seu esplendor. A maior prova da liberdade é a prática da Verdade. A Verdade existe por si só, é independente de qualquer opinião, partido ou seita. A Verdade absoluta e completa só pode ser adquirida por meio de um contato direto com o Criador, obtido em nossa vida diária”.

Sobre a Justiça: “... a Justiça não consiste so-

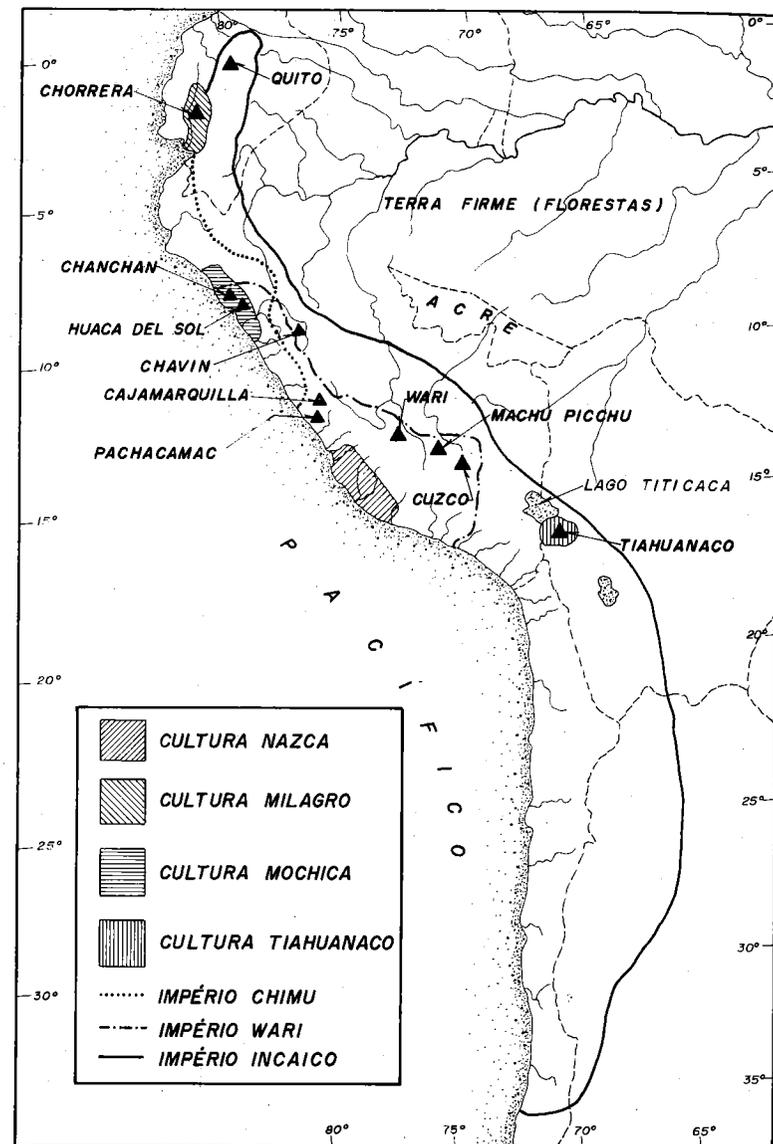
mente em não fazer mal ao próximo; ela consiste também em defendê-lo quando é atacado injustamente, e mais ainda, em não pensar, nem falar mal de quem quer que seja. Tudo isto é muito difícil de praticar e é por essa razão que há muito pouca Justiça na terra. Deus é Harmonia, Deus é Amor, Deus é verdade, Deus é Justiça". (2)

Mestre Irineu casou-se tres vezes e do segundo casamento teve um filho, Valcário. Sua terceira esposa, Peregrina Gomes Serra, é a atual presidente do Alto Santo. Em 6 de julho de 1971, deu-se a morte do mestre, com 79 anos de idade. Leôncio Gomes da Silva, indicado para substituí-lo não consegue manter a união de todos os membros.

O padrinho Sebastião Mota vai se apresentar através dos seus hinos, como o sucessor do mestre Irineu e isto será motivo de discórdia no Alto Santo. O padrinho decide então retirar-se com sua família e outras pessoas que o acompanham, indo formar um novo centro que vai ter os mesmos ensinamentos do mestre, através do hinário Cruzeiro, parte integrante das festas e demais trabalhos espirituais.

Mestre Irineu é o tronco genealógico da doutrina do Santo Daime e a partir dele vão surgir vários centros: Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (o Alto Santo), Casa de Jesus Fonte de Luz (Igrejinha da Vila Ivonete), Loredo, localizada na colônia Barro Vermelho, e o Cenfluris (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) liderado pelo padrinho Sebastião Mota de Melo, sendo o mais conhecido e procurado pela sua proposta de vida comunitária, interpretando na "praxis" os ensinamentos da doutrina de Juramidam.

(2) Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, SP, 1957.



PROXIMIDADE DO ESTADO DO ACRE A ALGUNS DOS PRINCIPAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICO, REINOS E IMPÉRIOS DA ÁREA ANDINA.

FONTE: AMÉRICA PRÉ-HISTÓRICA — BETTY J. MEGGERS

Mais algum tempo passou e eu peguei um avião astral e cheguei no Acre. Não demorou muito, eu vim, via materialmente”.

Para o padrinho existe uma diferença entre sonho, miração e visão, sendo muito importante para um curandeiro saber diferenciar esses fenômenos:

“Não vá pensar que miração é sonho e nem que visão seja miração. A miração você fica em dúvida, viu mas não viu e quando é visão, você fica como se fosse um sonho, mas não é, é a verdade, você está vendo tudo, tá ouvindo e percebendo. O sonho é mais atrapalhado, o camarada sai aos embolêu, pega um caminhozinho apertado e lá vai, mas quando acorda não tem a consciência. Na visão você fica com a consciência segura, nunca mais larga...”

Assim como mestre Irineu, padrinho Sebastião teve a sua iniciação orientada por um xamã, o mestre Osvaldo, um negro nascido em São Paulo, chamado também de “cumpade Osvaldo”, por ser padrinho do seu filho, Pedro Mota.

Durante um ano nas matas do rio Juruá, o padrinho Sebastião aprendeu com mestre Osvaldo a realizar trabalhos com banca espírita, mesa e atuação, recebendo o médium cirurgião Dr. Bezerra de Menezes. Conforme o caso das pessoas que chegavam doentes para o mestre Osvaldo, ele despachava para o padrinho Sebastião fazer a cura.

Madrinha Rita, a esposa do padrinho Sebastião, conta que um grande número de pessoas procuravam os dois curandeiros para tratarem suas doenças:

“a casa vivia cheia de gente, eu mesma fui operada de apêndice pelo guia Bezerra de Menezes, assim como a minha irmã Tetê e Maria

Eduardo que foram operadas na barriga. Uma vez um homem trouxe o seu filho de Cruzeiro do Sul, que foi atingido pelo chumbo de uma espingarda disparada por acidente de uma armadilha. O menino foi operado e ficou bom”.

O casamento do padrinho Sebastião com madrinha Rita Gregório tinha sido revelado para ele em uma de suas viagens astrais anos antes, e quando a viu pessoalmente pela primeira vez, reconheceu-a imediatamente, Dessa união nasceram doze filhos, sendo que quatro morreram ainda crianças, acometidos de hepatite e meningite. Os dois filhos mais velhos, Alfredo e Valdete Mota, casaram-se com primas irmãs, dando início a casamentos clânicos a partir das famílias do padrinho Sebastião e da madrinha Rita, que anos mais tarde iriam formar o primeiro núcleo da comunidade rural da Colônia Cinco Mil, em Rio Branco (AC).

Madrinha Rita que veio do Rio Grande do Norte para trabalhar com sua família na extração da borracha nos seringais do rio Juruá, conta como foi a viagem para chegar até lá:

“eu tinha 16 anos, viemos num navio de guerra. Veio um Zepellin e um caça-minas nos acompanhando até Belém. A viagem a partir de Fortaleza parecia uma miração, tres dias no mar. No porão de noite para dormir aparecia não sei quantas pessoas, muitos endoidavam. Era no tempo do Getúlio Vargas”.

Em 1959, o padrinho Sebastião retira-se com sua família do seringal Adélia, nas margens do rio Juruá (AM), mudando-se para Rio Branco indo fixar-se na Colônia Cinco Mil, onde já moravam os seus cunhados, Francisco e Manoel Gregório. Situada no quilômetro nove da estrada de Porto Acre, a Colônia Cinco Mil ficou assim conhecida, porque antigamente, com a desativação do seringal Empresa, a terra

foi loteada em colônias e vendidas a cinco mil cruzeiros antigos, cada uma.

Independente das difíceis condições materiais de vida no seringal Adélia, o padrinho Sebastião mudou-se para Rio Branco seguindo orientação do mestre Osvaldo que o aconselhou a partir para a cidade, a fim de desenvolver-se espiritualmente dando por encerrado o aprendizado na floresta.

“O mestre Osvaldo não tomava Daime, com ele era só na base da espiritualidade mesmo, mas era fogo. Calmo que até prá comer todo mundo se levantava e ele ficava fazendo o pirão, agora para engolir bote... Macio demais. Ele era desses que o camarada podia estar em Rio Branco falando dele e ele aqui... Ele só gostava de morar dentro das matas sozinho, nem derrubava a mata, formava o tapiri, cobria debaixo de mato, fazia um sotão em cima... Eu andei lá... Daqui a pouco os cabôcos estavam tudo voltando para ele: — É, estavam falando de tu naquele meio de mundo. Quando ele chegava contava tudinho... Ai de nós se não fosse os bons espíritos que sempre vigia a gente... Não tem ninguém perdido não, tem desconhecido, tá alheio. E esse negócio de espiritual foi de um outro dia prá cá que o pessoal começou a acreditar, não foi?”

Em Rio Branco, o fato que o motivou a conhecer o Santo Daime foi uma doença que lhe afligia durante muito tempo, um desconforto no esôfago, com sensação de engasgo constante e uma baba viscosa. Sem conseguir meios para curá-la, depois de ter consultado médicos e freqüentado centros espirituais, chegou na casa do mestre Irineu, mas não o encontrou, porque ele estava viajando para o Maranhão. Em 1965, ele voltou à casa do mestre Irineu,

estava muito doente e tomando o Santo Daime, ficou curado.

Padrinho Sebastião conta que ao tomar o Daime pela primeira vez, seu espírito separou-se da matéria e ele pôde ver o próprio corpo ser operado por uma equipe médica. Seu corpo foi dissecado, chegando a desunir os ossos da carne e mostraram o seu esqueleto. Tiraram tres bichos do ventre, semelhante a lagartas, fecharam o corpo e depois deram a ordem de concluído. Recobrando a consciência, levantou-se do chão, sentou em um banco próximo e continuou mirando a confirmação daquela operação.

“Recebi minha saúde pelo Santo Daime, fui pela vida e recebi a vida. No Daime está a minha vida e a vida de todo aquele que busca. Buscando e sabendo o que está buscando, já achou a sua vida... Quem busca o Daime, busca a si mesmo. encontra-se com o seu Eu Superior que é Deus e para se ver Deus é preciso ter uma educação. Respeitar desde os pequenos até os mais velhos, se não usar isso não pode dizer Eu Sou, porque Eu Sou é Deus e Deus é perfeito”

A partir daí começou a freqüentar o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, Alto Santo, localizado na Colônia Custódio Freire e logo afirmou a doutrina através dos hinos que recebia. As pessoas que freqüentavam o Alto Santo ficavam admiradas com a facilidade com que o padrinho recebia hinos em profusão.

Com a morte do mestre Irineu, em 1971, o senhor Leôncio assumiu a presidência do Alto Santo, o que não foi bem aceito por diversos membros do centro. Tempos antes o padrinho Sebastião havia declarado ser ele o sucessor do mestre Irineu, conforme mostrava o seu hino, “Sou Eu”. Essa situação criou uma rivalidade entre os daimistas,

pois os adeptos mais antigos não admitiam que um novato viesse substituir o mestre Irineu.

Segundo o relato de ex-membros do Alto Santo, certa ocasião o padrinho preparou o Santo Daime e como era de costume ofereceu uma parte para o Centro, mas o senhor Leôncio teria afirmado que não aceitava o Daime feito por ele. Então o padrinho afirmou que se não queriam o Daime dele, era porque não queriam ele também e por isso se retirava.

Membros da Colônia Cinco Mil relatam que a separação do Alto Santo aconteceu em 1974, quando em uma assembléia geral, com a presença da maioria dos membros, o padrinho Sebastião propôs levantar uma bandeira para formar uma nova união, oportunidade em que havia recebido o hino "Levanto esta Bandeira". O senhor Leôncio não aprovou a idéia, era de apinião que só podia preparar o Daime os feitores da igreja, e aconselhou-o a levantar uma bandeira no quintal da casa dele.

Acompanhado da família numerosa e alguns companheiros que apreciavam ao seu hinário, o padrinho Sebastião passou a desenvolver os trabalhos espirituais em sua própria casa. Em 1975 inaugurou a etapa da Nova Bandeira, erguendo um templo e estabelecendo um ponto de trabalho, com o que surgiu um novo centro de trabalhos espirituais com o Santo Daime em Rio Branco.

Alfredo Gregório, filho do padrinho, resume assim esta época:

"O centro faz parte do pedido que foi feito ao papai de levantar uma igreja e um povo. Com o erguimento da igreja e a formação de um povo é que nasceu a ordem na comunidade, as ordens da união".

A festa de São João realizada em 1975, foi o primeiro grande hinário do padrinho Sebastião, separado do

Alto Santo. O novo centro começou a ser freqüentado não só pelos colonos da vizinhança, como também por grande número de pessoas de Rio Branco: funcionários públicos, professores, estudantes, barbeiros, carpinteiros e etc., que se reuniam em datas determinadas para trabalharem com o Santo Daime.

Em diferentes épocas, a doutrina do Santo Daime sofreu a perseguição da polícia, desde o tempo do mestre Irineu, mas nem por isso o padrinho Sebastião deixou de realizar os seus trabalhos doutrinários:

"Mestre Irineu foi na cadeia, passou o dia lá. Quando foi de tarde o Coronel Fontenelle soltou o mestre e aí não teve mais problema. Veio ter de novo com o finado Leôncio. Aí eu segurei o meu taco cá na Cinco Mil e eles lá (Alto Santo) fizeram uma desgraça, correram, esconderam, enterraram jagube e folha, carregaram os litros todos prá mata e eu não tirei o meu não. Depois conversei com o delegado e ele me deu todo apoio. Fui lá outra vez, chamado de novo, ele do lado de dentro do balcão e eu e o Wilson do lado de fora. O delegado olhou para mim e disse: — Senhor Mota, o senhor e o seu Irineu é muito difícil se achar no nosso meio, pode fazer o seu serviço... Prá mim verdade escondida eu não quero. Deus não é escondido em canto nenhum, nem sua doutrina pode ser escondida debaixo de moita".

Com o passar do tempo, o aprofundamento nos trabalhos espirituais começou a exigir uma transformação também ao nível da vida material das pessoas que participavam dos rituais. Em 1976 a Colônia Cinco Mil passa a viver uma experiência comunitária, através da união de 25 colônias ao redor, num total de 380 hectares, congre-

gando 45 famílias de ex-seringueiros e agricultores (Mapas p. 45, 46). Ao mesmo tempo um número cada vez maior de pessoas passam a freqüentar a Colônia Cinco Mil para obterem a cura das suas enfermidades, bem como médicos e estudiosos interessados em conhecer o Santo Daime.

Idêntica situação ocorreu com os estrangeiros que chegavam de todas as partes do mundo, para conhecerem a comunidade. O livro de registro geral tem anotado a partir de setembro de 1974, o nome, idade, sexo e nacionalidade de todas as pessoas que tomaram o Santo Daime pela primeira vez, um total de 1201 assinaturas até junho de 1980, verificando-se a procedência de pessoas dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Chile, Inglaterra, França, Itália, Suíça, Alemanha, Portugal, Japão, Israel e Canadá.

De todos os estrangeiros que passaram pela Colônia Cinco Mil, oito ganharam a consideração de "irmão": Daniel, Adriano, Dario, Marina, Verônica, Raul, Cristiano e Xavier, que durante vários anos trabalharam e conviveram com a comunidade.

Roberto Daniel Lopes, argentino, chegou na Colônia Cinco Mil em maio de 1975, e é o dentista prático, possuindo grande experiência em medicina natural.

Dario Ibaceta Meza, chileno, chegou em junho de 1978, é engenheiro mecânico, tem curso superior de técnico em mineração. É também o pintor responsável pelo painel que adorna a fachada do templo. Casou-se com Maria Corrente, pessoa da comunidade.

Adriano Griogni, italiano, chegou em junho de 1977, fala seis idiomas, é técnico em motores e instrutor de artesanato regional:

"Conheci várias comunidades na Europa, mas eu queria conviver com uma comunidade que desenvolvesse um trabalho espiritual, que tra-

balhasse com várias qualidades de plantas medicinais, como é o caso da Colônia Cinco Mil, que realiza um trabalho filantrópico humanitário para o bem estar não só da comunidade, mas para toda a humanidade".

O Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, CEFLURIS, é a entidade jurídica que personifica a Colônia Cinco Mil como entidade religiosa filantrópica. Teve seu estatuto publicado no Diário Oficial do Estado, número 2376 do dia 30 de março de 1978 e é considerado de utilidade pública, pela Lei n.º 292 de 15 de julho de 1980. É dirigido por uma diretoria composta de presidente, vice-presidente, gestor, 1.º e 2.º secretário e 1.º e 2.º tesoureiro, eleitos pelos membros da irmandade.

O atual presidente do CEFLURIS é o Sr. Mário Rogério da Rocha, que relata a sua experiência com a doutrina do Santo Daime:

"Antes de ser maçom fui do Circulo Esotérico, trabalhei durante anos em espiritismo de mesa, kardecismo em trabalho de cura, franqüentei outros centros de trabalhos espirituais como umbanda e ainda diversas igrejas cristãs e também um núcleo da igreja messiânica do Japão. Em todos esses lugares eu encontrei coisas boas, mas não encontrava o que estava procurando e que só vim achar na doutrina que Raimundo Irineu Serra replantou com o Santo Daime".

O Estatuto do CEFLURIS esclarece que a linha do centro é a mesma implantada pelo mestre Irineu, fundamentada no ritual do Eclétismo Evolutivo, ou seja, várias correntes religiosas que se interpenetram tendo como ponto de partida o cristianismo. A preocupação contra a comercialização do Santo Daime, o aspecto da cura e o desenvolvimento das relações comunitárias, são os objetivos principais estabelecidos nos itens estatutários:

1 — Cultivar a doutrina implantada pelo eminente Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra, tendo por princípio básico e fundamental o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2 — Adorar a Deus em espírito e em verdade, sob o ritual específico do Ecletismo Evolutivo.

3 — Preservar seu divino Sacramento de heresias e falsos princípios, coibindo sua profanação ou comercialização.

4 — Proporcionar sessões especiais aos que buscam o socorro espiritual para sanar seus males físicos e/ou psíquicos.

5 — Propiciar o bem estar de seus membros, incrementando o sistema comunitário cooperativista...

Em 1980 a devastação acelerada da mata circundante do município de Rio Branco associada à dificuldade de conseguir implementos agrícolas para melhorar o cultivo da terra, levaram o padrinho Sebastião a dirigir a mudança da comunidade para o interior do Estado do Amazonas, estabelecendo o seringal Rio do Ouro com a autorização do INCRA, localizado na área denominada Gleba Santa Filomena, a margem esquerda da BR-317, no quilômetro 53, município de Boca do Acre. A utilização indiscriminada de desfolhantes químicos como Tordon (usado na guerra do Vietnam) e agrotóxicos (responsáveis por pragas na agricultura) pelos pecuaristas do sul do país para implantação de suas fazendas, vai impossibilitar o trabalho agrícola como era feito tradicionalmente na região.

Padrinho Sebastião relata os motivos que o levaram a mudar-se, buscando refúgio na floresta:

“Daqui vou me mudando, porque já me acho cansado de tanta luta aqui e os pastos já estão tão mal divididos que se planta uma coisa não

dá mais, não tem aquele rendimento. Os próprios campos já estão acabados com carrapicho, coisa dura. Não se tem dinheiro para botar um trator e virar a terra e as condições de vida cada vez mais difíceis o preço das coisas cada vez mais alto. Não dá para mim não. Vou tratar da seringa, ela já está na mata, tá trancada, mas se tratar de zelar dela, vai dando o que comer. Aqui não dá mais”.

Enfrentando muitas dificuldades para a implantação do seringal, doenças como a malária, falta de instrumentos de trabalho, dificuldade de transportes e alimentação, sendo a maior parte dos produtos transportados nas costas ao longo de várias horas de caminhada, além de pragas de formiga e barata nos roçados, o povo de Juramidam conseguiu criar as bases de uma nova vida mais elevada tanto no plano espiritual, como no material, objetivando harmonizar-se completamente com a floresta.

Alfredo Gregório, administrador da comunidade explica que,

“A base de segurança para Deus é ter verdade. Ir para a floresta com esta convicção de que não vai explorar a terra, descascar tudo e chutar o dinheiro em coisa que prejudicam a própria natureza. Sei bem que o nosso lema é deixar a floresta quanto mais enconstada, mais sombra, pois nós não agüentamos muito o sol, que é muito forte na nossa região”.

Fazendo uma avaliação da organização da Colônia Cinco Mil, ele diz que pretende aproveitar a experiência positiva acumulada nos vários anos de trabalho comunitário, para a implantação do novo núcleo produtivo:

“Nós estamos trabalhando na Colônia Cinco Mil, pelo motivo de estarmos com um trabalho montado, onde a intenção foi que cada irmão que não tinha onde atar a sua rede, nós bota-

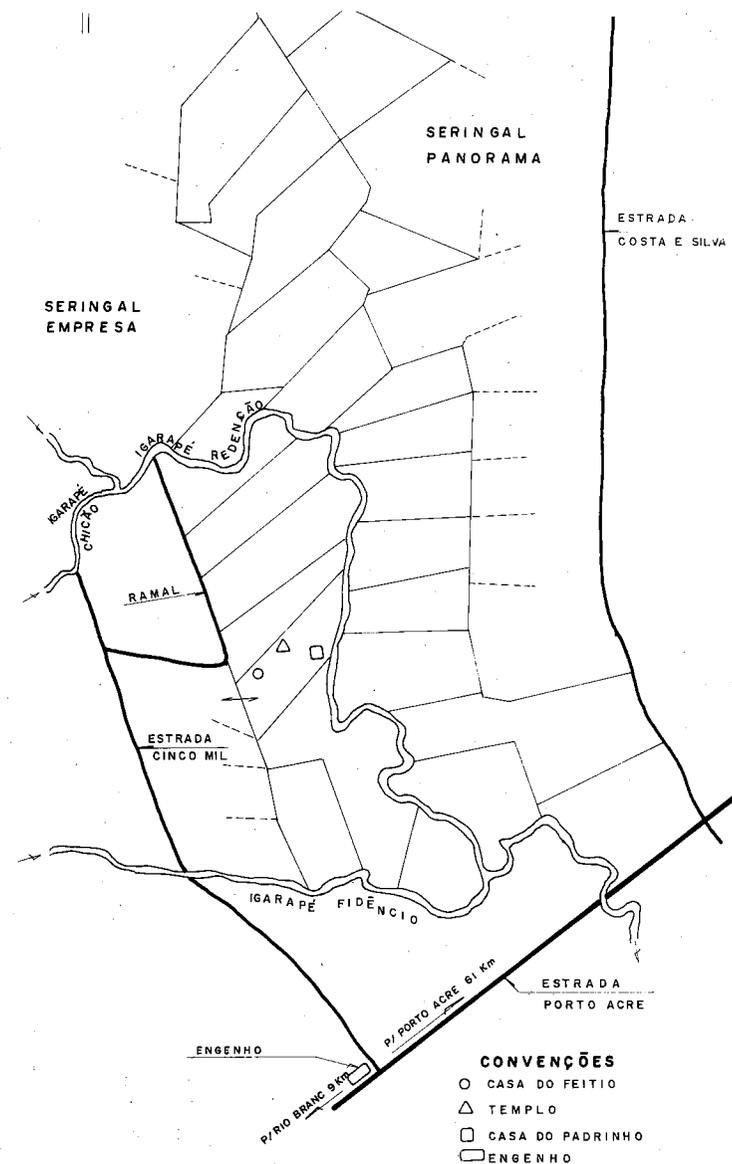
mos em casas de tábuas, bem cobertas... A escola é essadisciplina mesmo, para sermos filhos de Deus, temos que repartir o pão, temos que dar, temos que suportar um ao outro. Considerando a Colônia Cinco Mil eu digo, aí está uma construção, não é nossa não, foi Deus quem mandou fazer. Então, ele é capacitado de aglomerar as pessoas que doravante tem que tocar para frente os planos, que é manter aquela obrigação de união, de trabalho, de organização, de receber e dar sem desconfiança. Então o caminho está aberto, para quem fica está mais fácil de seguir, porque vai ficar bem maneirinho, o peso está indo para a nova terra. O rumo certo mesmo é esse: fazer uma administração como foi feita essa, quando se pode ter tudo da terra, tudo aquilo que ela dá, que não tem outra que dê, senão a terra. Eu já fiz a administração da Colônia Cinco Mil que deu para agüentar 300 pessoas, 400 até, quase todo dia. É com essa mesma força, com esse mesmo entusiasmo que nós estamos querendo partir para estas novas terras”.

Com a mudança para o seringal, a Colônia Cinco Mil ficou constituída de 50 pessoas aproximadamente, sob a orientação do senhor Wilson Carneiro, que foi designado para esta função pelo padrinho Sebastião, ficando encarregado de continuar os trabalhos espirituais na igreja. A maior parte das terras foram vendidas para compra de um caminhão e ajudar nas despesas da implantação do seringal. Restaram cinco colônias, onde estão construídos o templo, a antiga casa do padrinho e a casa do feitio do Santo Daime.

O período de 1976 a 1980 marcou a Colônia Cinco Mil por uma experiência comunitária onde as novas relações de produção possibilitaram uma melhor divisão do trabalho, dando oportunidades a todos de desenvolverem no-

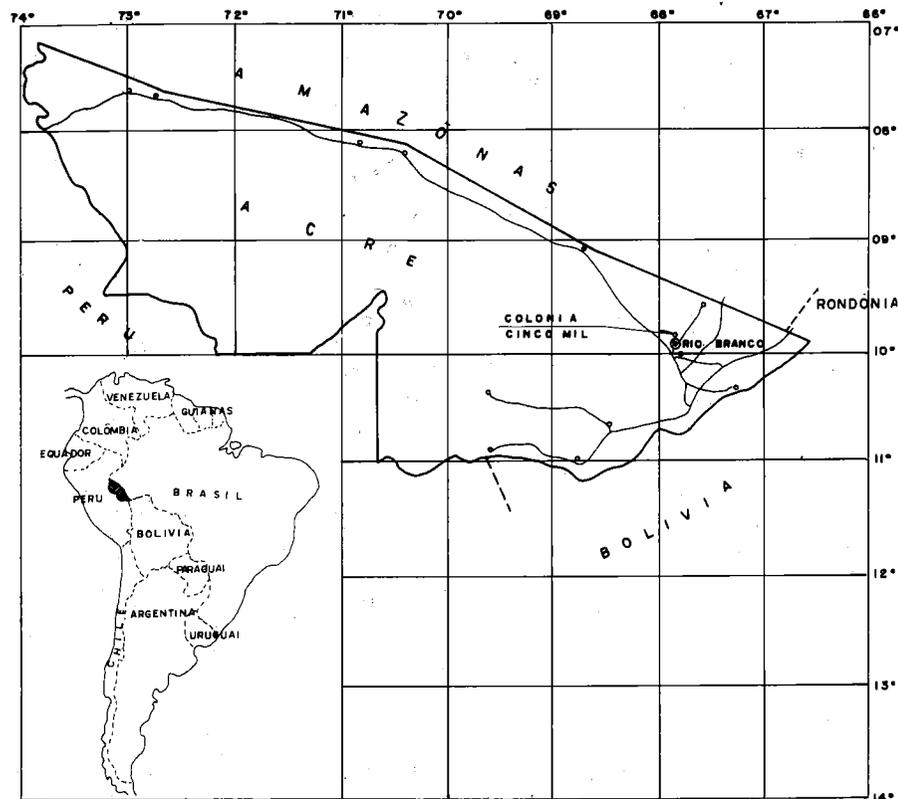
vas habilidades, organizando assim os vários setores produtivos da comunidade.

Essa organização vai ser fundamental para criar as bases de uma nova vida na floresta.



LOCALIZAÇÃO DAS 25 COLÔNIAS QUE SE UNIRAM PARA FORMAR A COMUNIDADE RURAL DA COLÔNIA CINCO MIL. CENTRO ECLÉTICO DE FLUENTE LUZ UNIVER. SAL RAIMUNDO IRINEU SERRA - CEFLURIS

FONTE: INCRA



3. AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS DA COLÔNIA CINCO MIL

Adjunto ou mutirão eram formas esporádicas de trabalho coletivo, realizado através da ajuda das diversas famílias de agricultores da Colônia Cinco Mil, que ocorriam tradicionalmente desde a década de 60, em que todos assumiam o trabalho mais pesado dos roçados e a construção de casas em sistema de rodízio. O resultado do trabalho era individual e cada qual permanecia com sua colônia.

Entretanto, isso não bastava como forma de organização das 25 colônias que se uniram, a partir de 1976, tendo como fator de coesão a utilização do Santo Daime. Daniel Lopes, um dos incentivadores da proposta de uma forma mais elevada de organização comunitária afirma:

“...formar uma comunidade foi uma consequência do trabalho espiritual. Não podia haver um trabalho onde de noite éramos irmãos e no dia seguinte agíamos como vizinhos, eu tenho o meu terreno e você tem os seus animais, que não atravesse os seus animais no meu terreno...”

A primeira iniciativa comunitária ocorreu através de uma horta, cujas verduras foram produzidas e consumidas igualmente, mas a experiência ficou restrita somente à colônia do padrinho Sebastião. Podemos considerar o primeiro trabalho comunitário, por envolver um maior número de pessoas, um plantio de feijão, ainda em 1976, que todavia não resultou numa boa colheita. Mas os colonos não desanimaram, realizaram um segundo plantio, alcançando desta vez resultado satisfatório.

A proposta comunitária substituiu a forma privada de propriedade da terra pela forma coletiva. Assim todos doaram suas colônias para o CEFLURIS. A terra sendo

propriedade da comunidade, o resultado da produção também passou a ser comum, havendo uma divisão igualitária, de acordo com número de pessoas existentes em cada família. A nova organização da produção levou a uma nova divisão do trabalho, através de setores especializados.

Por outro lado passam a existir duas maneiras das pessoas participarem do CEFLURIS: a comunidade e a irmandade. Documentos existentes na Colônia Cinco Mil mostram que os seus membros tinham uma clara visão dos níveis de participação, confirmando que a proposta comunitária era o resultado da compreensão da essência da doutrina do Santo Daime:

"A irmandade refere-se à participação de todas as pessoas que freqüentam os trabalhos espirituais com o Santo Daime, sem que haja envolvimento econômico e social dentro da experiência comunitária. A comunidade pertence aos que de livre e espontânea vontade despojaram-se dos seus bens pessoais participando de todos os bens da comunidade. A irmandade é o primeiro passo para se tomar conhecimento da doutrina. A comunidade é a prática viva dos ensinamentos da doutrina".

Uma das primeiras famílias residentes em Rio Branco a integrar-se na experiência comunitária foi a de Omar Aldo Massa, que em 1977 doou sua oficina mecânica de conserto e aferição de taxímetros, que foi vendida tempos depois. Posteriormente, em 1978, a família de Nonato Teixeira de Souza doou uma mercearia, o Mercadinho União. A comunidade passou a administrar o negócio fornecendo para a venda produtos como ovos, banana, laranja, mamão, macaxeira, farinha, limão, mel de cana, rapadura, açúcar gramixó e coloral, obtendo em troca óleo, sal, que-rosene, sabão, vinagre, alho, açúcar branco e etc. Devido a débitos anteriores que acompanhavam a mercearia, esta

acabou sendo vendida para cobrir os prejuízos.

Lúcio Mortimer, um dos responsáveis pela secretaria do CEFLURIS afirma:

"Documentar e controlar a produção foi a partir de 78 e 79. Em 1979 é que se firmou a secretaria. A dificuldade era que ninguém queria mexer com dinheiro, ficava tudo centralizado no Alfredo... Resolvemos organizar tudo, partindo do ponto de vista de que organizando é que a gente tem condições de prosperar. Começamos a juntar tudo que era nota, organizando inclusive um livro caixa...".

A organização econômica da comunidade evoluiu muito até 1980, quando a administração da Colônia Cinco Mil passou para a responsabilidade integral de Alfredo Motta, uma vez que o padrinho Sebastião retirou-se para o seringal Rio do Ouro, com a primeira turma de desbravamento do novo local de vida.

A organização econômica da Colônia Cinco Mil sempre fundamentou-se no princípio de contar com as próprias forças, no sentido de que sob a intervenção direta do padrinho Sebastião evitou-se realizar empréstimos em bancos para o custeio das atividades agrícolas. Caminhando com as próprias pernas é que a comunidade mantinha-se como unidade de produção independente da cidade, tendo com isso melhores condições para decidir sobre o seu destino.

A partir de documentos manuscritos foi possível traçar um organograma (p. 55), onde percebe-se a maior divisão do trabalho e organização por setores produtivos. A economia da comunidade baseava-se na agricultura de subsistência: arroz, feijão, milho, macaxeira e cana-de-açúcar, complementada por frutas e verduras. O excedente da agricultura era comercializado, para que se pudesse ad-

quirir produtos industrializados indispensáveis. Existiam também algumas estradas de seringueiras, mas que aos poucos foram desativadas, concentrando a força de trabalho na agricultura.

Participavam do trabalho agrícola tanto os homens como as mulheres. A coleta de urucum para a preparação do condimento coloral, era executada pelos meninos e meninas. Os serviços de limpeza dos roçados e pastos eram incumbência da turma dos meninos, sob a coordenação de Altamiro Parente (Mirim). Cada setor de produção tinha os seus responsáveis ou chefes de turma, que eram escolhidos de acordo com os critérios de experiência na função, tempo de convivência com a comunidade, idade e capacidade de liderança.

Além do trabalho doméstico, as mulheres encarregavam-se dos serviços de costura, cozinha coletiva, colaborando ainda na confecção de artesanato e na escola. Existiam dois tipos de cozinha: a cozinha particular para os moradores mais distantes da sede e com crianças pequenas e a cozinha comum, organizada pelas cozinheiras e ajudantes no sistema de revezamento, onde todos realizavam as suas refeições. Estava localizada na casa do padrinho Sebastião, o que não impedia que cada família fizesse um café, chá ou refeição leve na sua própria casa.

O setor de administração geral era encarregada pelo bom andamento dos diversos setores produtivos, providenciando o material necessário que dependesse de compras na cidade. A este setor estava ligado a tesouraria, responsável pelo controle da renda e a secretaria, que controlava a aplicação e distribuição dos mantimentos e ferramentas de trabalho.

Dentro das atribuições da secretaria constava o controle dos seguintes livros de registro: Feitio do Santo Daime; Visitantes, (para registrar o tempo que as pessoas

permaneciam na Colônia); Nascimento; Batismo; Óbitos e Pessoas que tomavam o Daime pela primeira vez.

A escola foi um setor que sempre apresentou muitos problemas: as tentativas de lecionar utilizando as pessoas da comunidade não iam adiante pela falta de apoio dos órgãos governamentais e as professoras que vinham de fora não satisfaziam as crianças. Em 1978 houve um bom aproveitamento com uma professora, dona Zefa, que letionava na Escola Pública localizada nas proximidades da Colônia. Esta professora respeitava o Santo Daime e mantinha um bom relacionamento com a comunidade, mas foi substituída por outra professora que discriminava as crianças da comunidade.

Lúcio Mortimer conta que,

“...quando vimos que 90% das crianças da escola eram da Cinco Mil, pedimos para a Secretária de Educação da época que nos ajudasse. Ela mandou uma equipe para ver a situação e ficou maravilhada com o pessoal daqui. A partir disto, houve uma relativa melhoria no ensino das crianças. Em 1980, 67 crianças estavam matriculadas na escola, sendo 44 na 1.ª série, 10 na 2.ª, 6 na 3.ª e 7 na 4.ª série”.

O artesanato foi um setor que se incorporou à produção comunitária, com a chegada de artesãos. Como essas pessoas não sabiam lidar com o trabalho mais pesado na agricultura, foram se organizando e em pouco tempo o artesanato feito para ser vendido em Rio Branco, apresentou resultados financeiros consideráveis para a economia da Colônia Cinco Mil. O material era adquirido e distribuído para os artesãos pelo chefe do setor. A Oficina de Artesanato Ripi-ia-ia passou a contar com um estatuto elaborado pelos artesãos, demonstrando a organização e a seriedade com que era encarada essa atividade.

A horta além de atender o consumo interno, também produzia um excedente que era vendido na cidade. O hábito de alimentar-se com verduras e o reconhecimento da sua importância na nutrição, foi aos poucos incorporados no dia a dia, havendo uma farta produção de repolho, alface, couve-flor, couve, tomate, cebolinha, almeirão, rabanete e cenoura, principalmente na época do verão (abril à setembro).

A coleta do urucum, a farinhada (farinha de macaxeira) e o engenho de cana-de-açúcar (rapadura, mel e açúcar preto) estavam subordinados ao setor da agricultura. O setor de criação de gado tinha um encarregado para tirar e distribuir o leite, manter os pastos, as cercas, a saúde dos animais, produzir queijos e creme de leite, abatendo e vendendo os animais quando necessário.

Outro setor importante foi a carpintaria Nova Jerusalém, responsável não só pela construção de casas mas também de peças para o engenho, cacimbas e consertos gerais, sob a responsabilidade de Manoel Morais da Silva, que com sua família procurava refletir no seu trabalho a atenção dispensada aos trabalhos espirituais.

A mola propulsora do desenvolvimento da comunidade sempre foi o trabalho doutrinário, sob a responsabilidade do padrinho Sebastião, madrinha Rita, Alfredo e Valdete, através dos trabalhos espirituais com o Santo Daime e o estudo das mensagens dos hinos. Ligado ao trabalho doutrinário estava a equipe de cura, composta por nove pessoas que proporcionavam assistência aos que necessitavam. O ritual de preparação do Santo Daime, o feito, será detalhado no próximo capítulo.

Toda essa organização social e econômica vai ser transferida para o seringal Rio do Ouro, tornando-se mais aprimorada, uma vez que o povo de Juramidam busca a perfeição:

“O espírito da verdade dessa doutrina é a perfeição, que está contida em tudo o que for determinado com relação a esta seita. Nem o trabalho material ligado ao Daime sem uma certa perfeição, sem um controle, terá bons resultados. O Daime é um ser divino, então ele mesmo exige a perfeição em tudo... A perfeição de si mesmo, do espírito à moral, até o trabalho, uma coisa depende da outra, só em equilíbrio se age perfeitamente, do contrário é a luta em busca do equilíbrio... Tanto na floresta como na cidade a pessoa pode ter essa tranquilidade de perfeição, que é olhar e ver tudo equilibrado”.

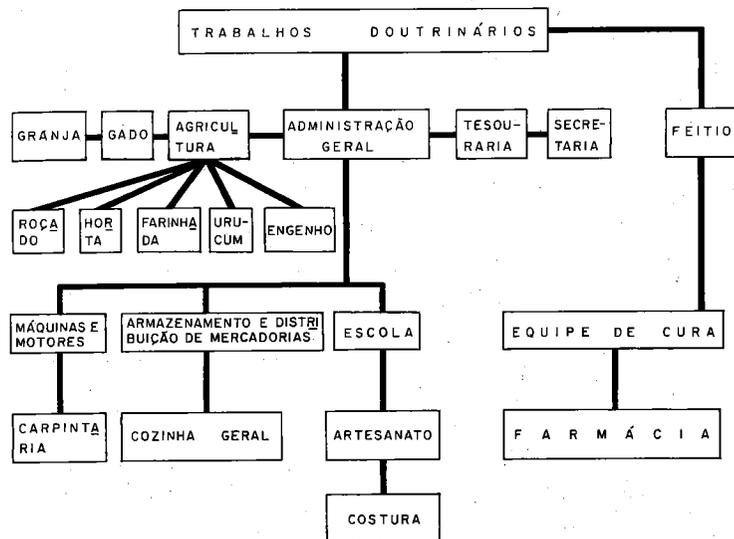
(Alfredo Mota)

A opção da comunidade da Colônia Cinco Mil por uma prática social diferente do sistema capitalista, fez com que ela se destacasse dos outros centros espirituais e grupos sociais do meio rural acreano. A nova relação de produção foi resultado de um processo de convivência com fortes laços de solidariedade e união através dos trabalhos espirituais com o Santo Daime. A relação com a terra tem um sentido sagrado, uma vez que é a mãe natureza que fornece a matéria-prima da bebida: o cipó jagube e a folha rainha.

Com a transformação das relações de produção, o universo simbólico da comunidade vai englobar também o aspecto da vida material. As próprias contradições do capitalismo vão possibilitar o surgimento de experiências onde vigorem relações não-capitalistas de produção, verificadas algumas vezes na zona rural brasileira e agora de forma peculiar, numa região de fronteira extrativista e agrícola. A doutrina do Santo Daime, manifestação religiosa específica da Amazônia, foi a principal responsável pela existência de uma nova relação comunitária.

ANEXO - I

ORGANOGRAMA DA COLÔNIA CINCO MIL



4. CONCENTRAÇÃO GERAL: FEITIO DO SANTO DAIME

“O Daime é um concentrado de três matérias naturais: jagube, rainha e água. Com essas essências se adquire o precioso líquido misterioso, que é o Santo Daime, o qual uma vez ingerido, manifesta sintomas nos cinco sentidos de um aparelho material qualquer, que faz a ligação com o sexto sentido”.

(Alfredo Gregório)

A preparação do Santo Daime recebe o nome de feitoio, uma atividade muito intensa, onde o silêncio, a concentração e a limpeza interior dos participantes é condição essencial para se levar o trabalho à bom termo. Da mesma forma quando se toma o Daime, existe a necessidade de um preparo individual criterioso: abstinência sexual, de bebidas alcóolicas e alimentação leve.

Geralmente o feitoio inicia-se na fase da lua nova, quando os homens vão buscar o jagube na mata e as mulheres colhem as folhas em jardins cultivados e também na mata. Posteriormente elas vão limpar folha por folha de toda sujeira que possa existir. A participação das mulheres no feitoio restringe-se a esse trabalho e quando estão menstruadas, não podem dele participar.

O cipo jagube (*Banisteriopsis caapi*) cresce enroscado nas árvores chegando a atingir até 40 metros de comprimento e uma espessura de 70 centímetros na sua base. A folha rainha (*Psychotria Viridis*) é encontrada em um arbusto de coloração verde brilhante, que nativo na floresta chega a atingir três metros de altura.

Utilizando terçados os homens desenrolam o jagube das árvores, geralmente cheias de formigas e outros insetos. Em alguns casos torna-se necessário derrubar a árvore com machado, para se retirar todo o jagube. Os locais

na floresta que apresentam maior concentração do cipó são chamados de reinados e os feitores mais experientes conseguem localizá-los através de um som característico (semelhante a uma batida de tambor) emitido pelo reinado. Posteriormente o cipó é cortado em pedaços de 20 centímetros de comprimento e acondicionados em sacos que chegam a pesar 50 quilos.

A etapa seguinte é realizada na casa do feitor, quando se realiza a raspagem do cipó, utilizando-se facas para retirar a sujeira, como terra e partes deterioradas. Os meninos normalmente auxiliam esse trabalho. A terceira etapa é a bateção, iniciada às duas horas da madrugada, turmas de doze homens revezam-se a cada duas horas no trabalho de macerar os pedaços de jagube sobre troncos de árvores fixos no solo, utilizando marretas de cumaru, pau d'arco ou bálsamo. O jagube é batido em ritmo sincronizado, ocasião em que canta-se hinos acompanhando o ritmo da bateção. Do resultado da bateção obtém-se a casca macerada e a parte interior do jagube, que é mais dura (osso).

"... Quanto mais o batedor macerar o cipó, maior benefício ele terá, pois está se limpando. Do contrário, o jagube dá pouco suco e são troços que o camarada vai dar. A bateção significa purificação em si. Quando mais batido, mais o jagube gosta do batedor. A bateção serve para o sujeito se disciplinar..."

(Sr. Mário Rogério da Rocha — Presidente do CEFLURIS).

Para o cozimento que é a etapa seguinte — são utilizadas tres panelas com capacidade de 60 litros cada e uma grande fornalha. Inicia-se o enchimento das panelas com uma camada de cipó macerado e depois uma camada de folhas e assim sucessivamente até enchê-las. Em seguida são acondicionadas na fornalha e completadas com água cristalina, iniciando-se o cozimento com duração de várias ho-

ras. Para cada saco de jagube é necessário meio de folha na mistura.

O cozimento é uma das etapas mais delicadas do ritual. Não se deve conversar com a pessoa encarregada, pois ela controla o ponto de fervura da bebida, que é indicado por uma entidade do Santo Daime presente no plano do astral, manifestando-se no momento em que se completa o cozimento para que a panela seja retirada da fornalha. Todos são avisados desse procedimento através de uma campanha acionada pelo encarregado.

O cozimento inicia às seis horas da manhã, as panelas de 60 litros tem que ser reduzidas a 20 litros, isso ainda não é Daime, é cozimento. Enche-se novamente as panelas com jagube e folha e em vez de água coloca-se o cozimento, são 60 litros para serem reduzidos a 20 litros, resultando o Daime de 1.º grau. Colocando mais cozimento e aproveitando o mesmo jagube e folha, vai dar o Daime de 2.º grau, querendo aproveitar mais uma vez, obtém-se o Daime de 3.º grau.

Uma vez concluído, o Daime é escorrido para recipientes previamente limpos passando-se em seguida para as etapas de esfriamento e arejamento, realizado com cuias e através de um movimento contínuo de retirar o Daime da panela e despejá-lo novamente.

Finalmente o Santo Daime é enlitrado em garrafas rigorosamente limpas e secas. Em seguida os garrafas são vedados com tampas de madeira ou cortiça, tomando-se o cuidado de não deixar ar entre a tampa e o líquido, para evitar a fermentação. Sendo bem enlitrado o Santo Daime conserva suas propriedades durante vários anos. Cada garrafão é etiquetado, especificando-se o dia do feitor, a fase da lua em que foi realizado, o grau e outras especificações como qual parte do jagube foi utilizada naquele cozimento: raiz, caule ou ramas. O Daime preparado

com a raiz e a rama do jagube é próprio para trabalhos de cura, podendo provocar vômitos facilmente. No local onde fica guardado o Santo Daime deve estar sempre presente o símbolo da doutrina de Juramidam, o Cruzeiro.

Durante o feitio, os participantes tomam o Santo Daime preparado em ocasiões anteriores e também o que foi preparado no momento.

O ritual estabelecido pelo mestre Irineu para a preparação do Santo Daime é muito rigoroso, no sentido de que deve ser utilizado somente o cipó, a folha e a água, não devendo ser adicionado outros ingredientes ou vegetais.

4.1. ESTUDOS BOTÂNICOS E FITOQUÍMICOS

O conhecimento do indígena do poder curativo das plantas tem provocado espanto na ciência contemporânea, pois trata-se de um outro tipo de ciência muito antiga, que difere dos princípios da lógica e dos cinco sentidos convencionais. Por isso mesmo que R.E. Schultes, um dos maiores botânicos do mundo moderno, afirma que tratar desse assunto é um verdadeiro desafio, pois dentro da medicina indígena a doença do corpo e da alma estão intimamente ligadas. As propriedades bioquímicas das plantas podem com certeza superar toda a parafernália farmacológica euroamericana.

O Amazonas é a região que resume a maior quantidade de espécies botânicas, constituindo uma verdadeira riqueza natural, que manifestam no homem não só forças orgânicas, como espirituais.

As divindades existentes nas plantas são manipuladas com sabedoria pelo xamanismo amazônico, uma tradição importantíssima baseada no uso de plantas sagradas como o Santo Daime.

Nas diferentes regiões da Amazônia, o Santo Daime é conhecido por outros nomes como lagê, Caapi, Camampi, Dapá e Ayahuasca. Este último é uma palavra quechua que significa "liana dos espíritos".

O cipó, através do qual é preparada a bebida, pertence à família dos malpigiáceas e foi identificado pela primeira vez pelo botânico Richard Spruce em 1852, quando deu testemunho de uma festa indígena na região do rio Vaupés, perto da fronteira entre o Brasil e Colômbia, onde se utilizava a bebida ritual. Spruce testemunhou que os participantes da festa bebiam uma preparação verde-pardo, muito amarga, preparada com uma planta trepadora chamada caapi, que com sor-

te coletou material floral. Verificando que se tratava de uma nova espécie para a ciência, elaborou sua descrição e chamou-a de *Banisteria Caapi*. Essa descoberta foi publicada em um estudo sobre as malpigiáceas pelo botânico alemão Grisebach, que corretamente denominou essa espécie de *Banisteriopsis Caapi*.

As observações botânicas e antropológicas de Spruce, ricas em detalhes, foram publicadas em 1873. Spruce relata: "Havia quase uma dezena de plantas adultas de caapi, trepando nas árvores e à margem da roça (parte cultivada) e várias outras pequenas. Afortunadamente, estavam florescendo e tinham frutos jovens. Com surpresa vi que pertenciam à ordem malpigiáceas e do gênero *Banisteria*, do que deduz-se tratar de uma espécie não descrita, portanto, chamei-a de *B. caapi*." (Spruce, 1873, 1908)¹

Spruce explorou o vale do Rio Negro no Brasil, até os Andes equatorianos. Descobriu, em 1857, que os índios Záparo da Amazônia Equatorial utilizavam uma bebida chamada ayahuasca e deduziu ser a mesma espécie dos indígenas da região dos Vaupés, apenas com nome diferente.

Os passos definitivos nas pesquisas das malpigiáceas foram dados com a ajuda de Manuel Villavicencio, ex-governador da província do Rio Napo, no Equador, que publicou um livro onde fazia uma referência ao uso da ayahuasca entre os Záparos, os Anguteros, Mazanes e outras tribos do Alto Napo, com o objetivo de obter visões, realizar profecias e feitiçaria. Não se tem notícia de que tenha coletado alguma espécie da planta, mas novamente Spruce identificou sendo a mesma espécie do vale Vaupés, apenas com outro nome.

¹ Schultes, Richard Evans. - El Desarrollo Historico de Las Malpigiáceas Empleadas Como Alucinógenos, América Indígena, México, 1978, p.12.

Devido a muitos informes não científicos, decorreram muitos anos para entenderem que o iagê e a ayahuasca são a mesma planta, pois confundiam com outros alucinógenos, como a datura, por exemplo.

No início do século XX, novas contribuições foram dadas ao estudo das malpigiáceas pelo etnólogo alemão Theodor Koch Grünberg, que distinguiu duas classes de cipó usadas pelos Tucano; a *Banisteriopsis Caapi* e uma outra que não denominou, mas que os Karijonas chamavam de yahé.

Uma importante descoberta foi realizada pelo antropólogo francês Reinburg, em pesquisa junto aos índios da Amazônia Peruana. Baseado em material botânico, afirmou que duas diferentes plantas faziam parte da preparação da bebida: uma constituída de pedaços de um cipó chamado ayahuasca e a outra de folhas de um arbusto de aproximadamente 1,30 de altura com folhas ovaladas e pecioladas de 20X7 cm, terminando em uma ponta de 2cm de largura, que denominavam de folhas de yajé.

Essas folhas utilizadas com forte aditivo, principalmente na Amazônia Brasileira, Peruana e Equatoriana, foi classificada mais tarde como folhas da rubiácea *Psychotria viridis* (Pinkley, 1969). Também são usadas pelos índios da Amazônia Peruana folhas da espécie *Psychotria Cartaginensis* (Schultes e Hofmann, 1980).

Os estudos prosseguiram e em 1922 o farmacólogo e botânico americano Rusby escreveu sobre os efeitos fisiológicos da ayahuasca e confirmou que provinha do *Banisteriopsis Caapi*. Toda sua coleção etnobotânica está guardada no Museu Botânico da Universidade de Harvard. Baseado nesse material, em 1924 os químicos separaram três alcalóides de um pó fino.

Nesse mesmo período o botânico belga Claes ressaltava que o iagê não era um "pequeno arbusto", e sim um enorme cipó da selva virgem, sugerindo que as descrições anteriores estavam calcadas em espécies cultivadas e não nativas. Relatou que os pedaços do tronco macerado do iagê eram fervidos e depois adicionadas folhas de uma planta que os índios não deixavam que ele visse.

A área de distribuição do *Banisteriopsis Caapi* tem limites definidos, sendo a floresta amazônica o centro de dispersão dessa espécie vegetal. Encontram-se outras espécies no México, sul dos Estados Unidos, norte da Argentina, sul do Chile, na Ásia e na África (800 espécies, sendo 400 encontradas no Brasil).

No início deste século, Fischer isolou um alcalóide cristalino do *Banisteriopsis Caapi* que deu o nome de telepatina, por julgar ser a substância que produz os efeitos telepáticos da bebida. Mais tarde, em 1928, esse alcalóide vai ser chamado por Elger de harmina, pois seus efeitos foram identificados com o alcalóide harmina isolado de uma planta do oriente próximo, o *Peganum Harmala*, a arruda síria, com propriedades químicas idênticas e conhecidas desde a Antiguidade.

Em 1931 foi publicado o primeiro estudo taxonômico mais aprofundado, pelo botânico norte-americano Morton, que descobriu uma nova espécie de *Banisteriopsis Caapi*, a *Banisteriopsis Inebrians*. Nesse estudo descreveu que no Putumayo Colombiano se usavam pelo menos três espécies de alucinógenos: *Banisteriopsis Caapi*, *B. Inebrians* e *B. Quitensia*. A partir dessa data muitos pesquisadores como Reichel Dolmatoff, Naranjo, Sangirard Jr., Kensinger, Schultes e Hofman, entre outros, entraram em acordo a respeito de que na preparação da ayahuasca, em diversas regiões da Amazônia Ocidental, utilizavam-se várias espécies de *Banisteriopsis*. No entanto,

constatou-se mais tarde que a principal espécie usada na bebida era o *Banisteriopsis Caapi*.

Estudos fito-químicos desenvolvidos por Rivier e Lindgren revelaram no *Banisteriopsis Caapi* a presença dos alcalóides harmina, 6-metoxitriptamina e harmol. Nas espécies *Psychotria Viridis* e *Cartaginense* foram encontradas quantidades suficientes de dimetiltriptamina (DMT), monometiltriptamina e quantidades menores de 2-metil-1, 2 e 4-tetrahydro B-carbolina. Na ayahuasca, resultante da decocção dos dois vegetais, foram encontrados principalmente a DMT, harmina, harmalina e tetra-hidroarmina.

Rivier e Lindgren constataram ainda que a quantidade de alcalóides presentes na bebida variavam de 0,005% a 0,0064%. Trabalhos de Pennes e Hockman (1957) e Naranjo (1967) mostraram que é necessário de 300 a 500 mg de harmina para se obter os efeitos da bebida. No que se conclui que a quantidade de alcalóide presente em doses médias da ayahuasca é bem abaixo da determinada por experiências clínicas.

É interessante relatar que as pesquisas efetuadas em 1969 por Shultes, Holmstedt e Lindgren, em análises de mostras da coleção original de *Banisteriopsis*, de Spruce, com 117 anos de idade, ainda conservava 0,4% de alcalóide em comparação com 0,5% de alcalóides encontrados em espécies coletadas recentemente.

Estudos recentes realizados pelo botânico Gates (1982) baseado em material coletado das malpigiáceas, sustentam que as variantes encontradas nas espécies da *Banisteriopsis*, como a *B. Inebrians* e *B. Quitensis* são sinônimos da *Banisteriopsis Caapi*, pondo assim fim a uma série de confusões a respeito do assunto.

Pesquisas realizadas pelo farmacólogo americano

Dennis Mackena confirmam a função bioquímica da mistura do cipó com a folha para a preparação da bebida; as substâncias existentes no cipó, os alcalóides B-Carbolina, inibem uma enzima existente no corpo humano chamada monoamina oxidase (MAO), que destrói a dimetiltriptamina (DMT); princípio ativo da folha que provoca a miração. Desta forma se explica o fato dos daimistas afirmarem que o cipó proporciona as condições para a permanência da ação da substância ativa da folha no organismo, provocando fortes sensações luminosas.

Inibidores sintéticos da MAO são usados normalmente na medicina e na psiquiatria para o tratamento de depressão. As triptaminas psicoativas estão presentes juntas e separadas em várias espécies de plantas, principalmente na família das Malpigiáceas e Passifloráceas, sendo utilizadas sob variadas formas pela população indígena, principalmente da América Central e América do Sul. É de se admirar como os povos indígenas, sem nenhum conhecimento químico ou farmacológico conseguiram combinar plantas certas utilizando-as de forma correta para obter o resultado desejado.

O que tem surpreendido os botânicos taxonômicos, é o fato dos indígenas reconhecerem de longe as diferentes classes de plantas, especialmente no caso do *Banisteriopsis Caapi*, considerado impossível pelos especialistas. Os indígenas identificam a classe da planta pelo nome, sem ao menos ter manuseado ou provado a espécie. Vários pesquisadores listaram os nomes das classes dados pelos indígenas, que empregam este conhecimento no preparo da bebida, para conseguir determinado efeito, como por exemplo dançar, necessidades mágico-médicas, adivinhações etc.

São reconhecidas pelo menos trinta classes pelos índios da Amazônia Ocidental. Até hoje, se revela como um verdadeiro enigma o fato dos indígenas conseguirem classificá-

las, o que tem requerido intensos estudos etnobotânicos, trabalho de campo intensivo e interdisciplinar para conseguir esse tipo de reconhecimento nas classes do *Banisteriopsis Caapi*.

5. O SANTO DAIME NA CURA DAS DOENÇAS

Para o restabelecimento das perfeitas condições de saúde dos seus integrantes, a comunidade utiliza tanto os conhecimentos que possui sobre medicina natural, como também da medicina oficial (alopática). Em regra geral recorrem à medicina natural, e em primeiro lugar o Santo Daime, que além de ser considerado um remédio em si, pelo seu poder de desintoxicar o organismo e de restabelecer o equilíbrio terapêutico do doente, é também utilizado para fornecer o diagnóstico e indicar o tratamento das doenças.

Os rituais de cura realizados na Colônia Cinco Mil ocorrem da seguinte maneira: os participantes reúnem-se no templo, tomam uma dose do Santo Daime, abrem o trabalho com a leitura da oração Consagração do Aposento e inicia – se uma concentração que dura em média uma hora e meia. Posteriormente toma-se nova dose do Santo Daime e são cantados hinos específicos para a cerimônia de cura composta de um hino do mestre Irineu; Sol, Lua, Estrela e seis hinos do padrinho Sebastião.* Encerra-se o trabalho rezando tres Pai-Nosso, tres Ave-Maria e uma Salve-Rainha e a pessoa responsável pelo serviço afirma: “Em nome de Deus Pai, da Virgem Soberana Mãe, do Patriarca São José, do nosso Mestre-Império Juramidam e de todos os seres Divinos da Corte Celestial, está encerrado o nosso trabalho de hoje. Meus irmãos e minhas irmãs, louvado seja Deus nas alturas...” As outras pessoas respondem: “Para sempre sempre seja louvado, nossa mãe Maria Santíssima sobre toda a humanidade”. Todos fazem o sinal da cruz.

Essa cerimônia é realizada por nove pessoas que integram a equipe de cura da comunidade. O doente para

(*) Hinos do padrinho Sebastião pertencentes ao trabalho de cura: Eu venho da Floresta (6), Jesus Cristo (7), Quando Tu Estiver Doente (22), Peça Força (47), Beija-Flor (63), e Invoco Meu Mestre (123).

quem foi realizado o trabalho pode estar presente ou ausente, nesse caso a sessão é feita em seu benefício onde quer que se encontre, bastando para isso que a equipe de cura tenha o seu nome completo.

O encarregado pela organização do setor de saúde, Daniel Lopes, descreve como se processa a ação do Santo Daime em uma sessão de cura:

“O trabalho de cura com o Santo Daime se faz geralmente às quartas-feiras. As pessoas doentes aproximam-se do lugar e são tratadas pela gente mais preparada. O que faz a bebida para quem tem conhecimento, é deslocar-se espiritualmente, permitindo-se ver a pessoa doente. Da mesma forma como acontece com o efeito Kirlian, quando se vê a cura do indivíduo, com o Daime também se vê. Há um desdobramento na pessoa sentada que consegue através da concentração sair do próprio corpo e ver qual a doença ou problema que o outro tem. Nas reuniões que realizamos se gera muita energia e quando uma ou duas pessoas estão enfermas, entendemos que os indivíduos que sabem curar, têm espaço psíquico limpo para realizar o reequilíbrio terapêutico do doente”.

O padrinho Sebastião é o principal curador da comunidade, sendo muito procurado para resolver problemas físicos, mentais, espirituais e até familiares. É ele quem orienta os rituais de cura, sua fama é grande como rezador em crianças, picada de cobras e partos difíceis, realizando tais curas desde a época em que ainda não tomava o Santo Daime.

A função do rezador é muito importante em toda a região Amazônica, pois a maioria dos habitantes dos seringais não dispõem de outras opções de tratamento e essa forma de medicina tradicional existe desde as épocas mais

remotas, prevenindo certas doenças, aliviando o sofrimento e provendo a sua cura. Cristina Raulino conta que certa vez o padrinho Sebastião realizou uma operação nela própria, através de guias espirituais:

“Eu estava com 19 dias de hemorragia. Já tinha ido para a maternidade de Rio Branco e nada, resolvi, voltei para casa. Nesse dia não havia condução, fui a pé bem devagarinho até a Colônia. Quando cheguei o padrinho abriu um trabalho na mesma noite. Aí ele atuou-se, o segundo guia, que apareceu chamava-se doutor José Bezerra de Menezes, ele me chamou e eu vi ele fazendo a cura. Quando o guia me chamou pela segunda vez eu comecei a sentir as dores de parto e de madrugada tive a Rosa Maria, de sete meses, no dia 19 de janeiro de 1963. O padrinho esfregou o coração dela e ela fez uma careta, mas não chorou. Aí eu disse para o padrinho: — Se esta menina se criar é sua. Hoje ela já está uma moça”.

Existem também outros curandeiros e rezadores, como Francisco Corrente e Maria Brilhante que são procurados pelas pessoas da comunidade e de outros locais próximos. Francisco Corrente recebeu sua iniciação e aprendizagem do seu pai, Manuel Corrente, que lhe ensinou orações específicas de cura. Tempos depois ele passou a tomar o Santo Daime e ingressou nos trabalhos da equipe de cura.

A cura não depende somente da fé do curandeiro em seu medicamento ou em sua força espiritual; tem uma relação direta com o doente que precisa cooperar, abrindo-se e preparando-se para receber a cura. Os curandeiros entendem que a saúde depende do perfeito equilíbrio do corpo, dos sentidos, da mente e do espírito, daí a necessidade de todos os canais estarem desobstruídos para que a energia possa fluir e assim obter resultados satisfatórios, conforme explica Francisco Corrente:

“Cristo foi um curandeiro que esteve em cima da terra e com seu amor curou tudo. A gente pede em nome dele, porque não há dificuldade para quem está fazendo o bem...”

Tem que ter dieta, uma alimentação moderada com bastante líquidos. Seja a qualidade de doença que fôr, o intestino tem que estar limpo e desocupado para a mente trabalhar sossegada, para a gente encontrar ou nos mostrarem a doença. Tem muito tipo de doença que não atinge só um órgão do corpo, atinge dois ou tres e a gente não sabe localizar aonde ela está, mas através do Daime a gente descobre, pois ele se concentra no foco da crise. Eu mesmo me achava com o fígado inflamado, doente do intestino, não sabia o que era. Aí eu tomei o Daime e vi: eu tinha no meu intestino um líquido que estava me envenenando. Do intestino já sentia uma crise na cabeça, tudo gerado por dois dentes estragados. Fui arrancar os dentes e graças a Deus sarei, voltei a ter saúde total”.

Segundo os daimistas pode acontecer do doente não se curar porque não tomou a dose adequada do Santo Daime, ficou com medo do tratamento, de ver o corpo sofrer, porque muitas vezes o Daime leva a pessoa a um confronto com a própria morte e a loucura. Sendo superado o medo e a dúvida, o indivíduo passa por um processo de purificação do corpo e da mente, mas para isso precisa estar preparado e ter um guia ou um xamã que o oriente nessa difícil caminhada.

Para a comunidade a saúde é uma dádiva de Deus e muitas vezes as doenças acontecem pela desarmonia da pessoa com a realidade espiritual nessa vida ou em encarnações passadas, onde o merecimento da cura está implicitamente relacionado. Padrinho Sebastião conta o caso de Germano Guilherme, um dos antigos seguidores do mestre Irineu:

““Quando você vê um cara que não tem jeito no mundo que dê jeito, ele está tirando a sentença de outra vida e veio para cá pagar. Tira isso pelo finado Germano: apareceu uma ferida na perna dele, que não tinha nada que desse jeito. Um dia ele falou para o mestre Irineu que queria ver aquilo, pois já que não tinha remédio no mundo que servisse, queria ver no astral, se tinha jeito ou não. O mestre disse: “— Ah! atrás disso é que eu andava, se você quer, vamos entrar aí num serviço”. Passou a perna no cavalo e entrou danado, foi bater aonde foi feito o serviço do outro que ele fez para poder vir pagar nessa vida. Quando voltou ele disse; “— Bom Irineu, agora eu sei que essa ferida não sairá nunca, só quando a carne acabar!” E assim foi””.

Casos de curas milagrosas com o Santo Daime foram registradas na Colônia Cinco Mil e também em Rio Branco. Wilson Carneiro de Souza recebeu do mestre Irineu a missão de manter em sua casa um pronto-socorro do Santo Daime, para atender os doentes da cidade. Ele relata um desses casos:

““Nessa missão de curador eu curei muita gente. A dona Glória foi uma das pessoas que estava desenganada, pois os médicos disseram que ela estava com câncer no ovário. Tinha saído do hospital e estava só esperando a hora de morrer. O pai dela perguntou se ela queria tomar o Daime e como ela quis, ele foi lá em casa. A partir daí eu comecei a tratá-la, com cinco trabalhos que eu fiz, no último ela recebeu tres operações. Ela estava com câncer no ovário, conforme os médicos já tinham afirmado, inclusive com a ocorrência de pus, tinha as tripas estragadas, cheias de caroço e tinha o rim esquerdo estragado. Depois ela me contou como foi, e que tinha assumido um compromisso de

amar todos os seres vivos e freqüentar a doutrina. Eu pedi a ela um documento por escrito e ela me deu esse grande documento. Ela conta que se desprendeu, conversou com Nossa Senhora, que lhe explicou a causa da doença de lá. Lá no alto, viu a igreja do mestre Irineu iluminando o mundo inteiro, então Nossa Senhora disse: "— Olha, se tu fosse operar materialmente!" E mostrou ela morta em cima de uma mesa e o caixão do lado. Mas tu vai te operar espiritualmente". Aí ela recebeu as três operações de cura"".

A utilização de ervas medicinais é muito importante para o curandeiro, pois muitas receitas dependem do seu conhecimento no preparo de medicamentos. Francisco Corrente conta que recebeu de um guia espiritual uma indicação de um remédio para curar fígado inflamado, sífilis, baço inflamado e bronquite: pílulas de copaíba (resina de uma árvore do mesmo nome) e massa de milho ou maizena, utilizando como tratamento nove pílulas por dia, divididas em três doses iguais, pela manhã, a tarde e a noite:

"As indicações de remédios por guias é feito através da banca de cura, o guia passa a receita, então toda doença com aquele caráter é curada com aquele remédio. Já outras doenças se usa outros tipos de medicamentos. Através das incorporações, das irradiações espíritas, a gente busca qual é o tipo de cura, se for remédio do mato, xarope ou chá de alguma raiz que vem corresponder ao trabalho de combater aquele tipo de doença. Isso aí é feito pelos espíritos que atuam nos aparelhos e passam na banca que a gente freqüenta. A gente já tem a linha de medicamentos espíritas, sabe até mesmo o espírito que manda a receita. Muitos tipos de doença a gente não precisa fazer consulta, já tem a receita com a gente, agora tem doença que precisa ter a consulta para confirmar".

Dentro dessa linha de tratamento com a medicina natural recorre-se ao uso de plantas para o preparo de chás, cozimentos para assepsia e lambedouros (mistura de diversas plantas) para ser bebido. Essas plantas são obtidas na floresta ou cultivadas em hortas caseiras. Alguns animais constituem também fontes de medicamentos. (Ver Quadro I).

As doenças mais comuns na Colônia Cinco Mil são a desinteria, desidratação, verminoses, micoses de vários tipos, e gripes, existindo um caso de bócio e alguns poucos de leishmaniose. Essas doenças são tratadas normalmente com remédios alopáticos, que são controlados pelo encarregado da farmácia.

Em outubro de 1980, com a mudança da comunidade para o seringal Rio do Ouro, e a realização de derrubadas para a implantação de moradias e roçados, ocasionou o surgimento de uma epidemia de malária atingindo 90% da população do seringal. A epidemia foi controlada com a utilização de medicamentos fornecidos pela Sucam..

Na época foi constatado casos de cura de malária com o Santo Daime. Alfredo Gregório descreve como foi o seu tratamento:

"A malária me atacou muito em viagem e eu levei em conta de não tomar remédio, a fim de fazer essa experiência com o Santo Daime para o tratamento da malária. Foi uma operação muito séria, senti aversar todo o meu organismo, baço, fígado, sentia mexer por trás e pela frente e foi lançado fora através de vômito. Eu vi naquele vômito o vírus através da luz, as babas, aquelas coisas produzidas por aquilo que estava dando aquele mal no meu corpo. Do fígado e do estômago eu sentia a doença enraizada e dali sair para o corpo todo pelo sangue. A cura foi realizada em dois dias, mas passei

doente mais de vinte dias...

Só pude realizar a minha cura através de um trabalho muito forte. fiz quatro repetições de Daime, quase um litro numa noite só... Agora é uma batalha muito pesada. de meia-noite para duas horas da madrugada foi quando eu recebi o primeiro tratamento. eu continuei e quando foi de manhã eu recebi o segundo. foi quando eu me senti livre daquilo tudo que saiu de dentro de mim. era muita coisa. muita água".

O Santo Daime é também utilizado no trabalho de parto das mulheres, ajudando nas contrações. As doses são ministradas pelas parteiras da comunidade, que acompanham todo o processo de nascimento da criança, cantando hinos quando é necessário esse auxílio adicional.

Pesquisas científicas realizadas na Alemanha Federal com o alcalóide Harmina, do cipó Banisteriopsis Caapi, revelaram sua utilidade para a cura do Mal de Parkinson, e em outras partes da Europa vem sendo testado para a cura de distúrbios psicológicos, não tendo sido constatado nenhum efeito coletaral prejudicial à saúde.

Podemos concluir que o trabalho de cura com o Santo Daime se concebe como uma prática médica que tem um propósito específico, o alívio da enfermidade, seja física, espiritual ou mental. Essa cura é conseguida com a ajuda do mundo mágico-religioso da doutrina de Juramidam, fundamentado nos hinos.

O Daime além de ser considerado eficaz em si mesmo, por sua vez permite uma entrada a estados de realidade não-ordinária, que segundo expressão de Carlos Castañeda constitui-se em um outro plano ou dimensão de existência, em que se confundem os limites de tempo e espaço, fazendo-se tudo presente. O universo não é só o mundo que a nossa cultura acostumou-nos a ver, mas vários mundos superpostos e paralelos. A música dos hinos como um

modo de comunicação ordenado, atua como uma "ponte" psicológica entre o mundo espiritual e o mundo material.

A doença muda a relação do indivíduo com a sociedade. A fim de poder restabelecer uma participação plena na sociedade, o doente tem que submeter-se a um rito de transição, nesse caso, a um ritual de cura com o Santo Daime. É uma forma de medicina primitiva que renasce na região amazônica, através da mistura da sabedoria popular do homem nordestino que veio para amazônia, com o conhecimento ancestral dos grupos indígenas que vivem na região.

QUADRO I
PLANTAS E ANIMAIS MAIS UTILIZADOS PELA
COMUNIDADE NA CURA DE ENFERMIDADES

NOME	PARTE USADA	FORMA DE USO	DOENÇA
Arruda	folhas	chá	ovário
Alfavaca	folhas, semente	chá	má digestão, febre, tosse
Algodoeiro	folhas	chá	catarro, gripe
Anil	folhas, raízes	chá	dores de estômago, diurético, calmante
Hortelã	folhas	chá	nervoso, estômago, intestino
Batata de purga	batata	goma	purgante
Coramina	folhas	chá	coração
Carmelitana	folhas	chá	dor de barriga
Catinga de mulata	folhas	sumo	olho doente
Cidreira	folhas	chá	estômago, calmante
Corama	folhas	chá, lambedouro	gripe, tosse
Copaiba	óleo	gotas na água	figado, aparelho
Jambú	flor, folhas	lambedouro, chá	gripe, figado, estômago
João Brandim	caule, rama	chá	limpeza, tirar moleza do corpo
Jucá	vagem	cozinhar n'água amassar, misturar na gemada	bronquite, catarro, fortificante
Leite de mururé	leite	diluído n'água	reumatismo, dores musculares
Malvarisco	folhas	lambedouro	gripe, tosse
Mastruz	folhas	seca e moída sobre o ferimento chá, gemada	ferida, inflamações, dores, hemorragias, vermes, gripe
Matapasto	caule	raspar e passar	empinge (micose), coceira
Melão de S. Caetano	sumo	diretamente na parte afetada	
Pariri	folhas	chá	empinge, coceira
Pinhão branco	folhas, casca	chá	diarréia
Porquinho da mata	presa	torrar, pilar, fazer chá, coar	mordida de cobra, ferida braba (leishmaniose)
Quina-quina	casca	chá	pneumonia
Rinçã	folhas	chá, banho	figado, malária
Sapé	talo, raiz	chá	figado, banha de descarga
Taperibá	folhas, casca	chá	inflamação intestinal
Teju-açu (lagarto)	banha	cozimento	feridas
Vassourinha	folhas, semente	tomar uma colher de sopa	garganta
		chá	rins

6. OS HINÁRIOS: FIO CONDUTOR DA DOCTRINA DE JURAMIDAM

A doutrina do Santo Daime é a doutrina de Juramidam, nome que o mestre Irineu recebeu no plano espiritual da Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição. Da mesma forma como Deus tem diferentes nomes, conforme a concepção e o idioma de cada povo, para o povo do Santo Daime ele apresenta-se como Juramidam. Assim explica o padrinho Sebastião:

“Esse Deus falado que ninguém sabe dar nome, já tinha sido anunciado há anos atrás, que ia aparecer um espírito diferente para governar o mundo, então chegou, é o nosso Juramidam. Agora, quem for Midam, entra justamente como Jura. Quem é filho é Midam, e o chefe é Jura. Daí o sobrenome é Midam. Agora eu tomo Daime, eu sou um dos Midam, sou um filho e não posso negar em canto nenhum”.

Os ensinamentos filosóficos da doutrina estão contidos nos hinos, que dão testemunho de fé, possibilitam o conforto espiritual, expressam devoção a Jesus Cristo, Nossa Senhora da Conceição, São João, entre outros santos e entidades divinas e descrevem as mirações proporcionadas pelo Santo Daime. Os hinos manifestam pedidos de força e ajuda espiritual, louvam a floresta que fornece a matéria-prima da bebida ritual e exprimem também sentimentos de fraternidade e união entre os irmãos.

O hino é a concretização da música inspirada pelo Santo Daime, possuindo letra e melodia. São versos rimados, principalmente o segundo com o quarto de cada estrofe e cada frase melódica corresponde a um verso da estro-

fe. Como a melodia toda corresponde ao tamanho de cada estrofe, ele se repete até esgotar o conteúdo de assunto do hino, mudando a sua divisão rítmica para se adaptar as palavras dos novos versos.

Ao serem cantados, os versos são repetidos duas vezes como que para facilitar a sua memorização. Esse fato pode estar relacionado com a origem indígena do ritual, uma vez que as "cantigas da ayahuasca" dos índios possuem essa característica repetitiva (mantras), criando o clima psicológico favorável para a comunicação com o astral.

Também constitui uma influência indígena no ritual a utilização de maracás, que são tocados durante os bailados, assim como os passos, independente dos ritmos receberem nomes de danças européias: marcha, valsa e mazurca. A marcha caracteriza-se por três batidas do maracá para baixo e uma para cima (chamada), que é a batida mais forte, dando-se dois passos para a direita e dois para a esquerda. A valsa tem duas batidas para baixo e uma chamada, baila-se dando um passo para a direita e outro para a esquerda. A mazurca possui nove tempos, três vezes três batidas do maracá, girando-se o corpo 180 graus para a direita e 180 graus para a esquerda. Os hinos "Laranjeira" e "Linha do Tucum", do Mestre Irineu misturam dois ritmos, marcha e uma espécie de valsa.

Os hinos são cantados e acompanhados em uníssono. Antes de se iniciar o canto, os instrumentistas executam num longo e calmo preâmbulo pedagógico toda a melodia, respeitando as repetições de trechos previstos para o bom encaixe dos versos. Só depois a música é cantada e bailada pelos participantes.

A perfeição das execuções é o objetivo de todos durante um hinário (conjunto de hinos de uma pessoa), por isto o violão, cavaquinho, acordeon, bandolim e flauta de-

vem estar bem afinados. A habilidade de tocar e cantar durante uma cerimônia com o Santo Daime, reflete o grau de desenvolvimento espiritual do indivíduo.

Os dias de domingo são dedicados ao ensaio dos diversos hinários, constituindo uma preparação para as comemorações das festas oficiais. Esses ensaios também são dedicados ao aprendizado das crianças, que desde os primeiros anos de vida aprendem a cantar e bailar dentro do ritmo. Havendo quantidade suficiente de Daime armazenado, é servida uma dose aos participantes dos ensaios. Além dessa atividade, os músicos treinam em local próprio, a casinha da música, durante algumas noites da semana.

Os hinos fazem parte do cotidiano da comunidade. O violão é o instrumento mais apreciado, sendo tocado por adultos e crianças. As pequenas folgas durante um dia de trabalho, são aproveitadas para dedilhar um hino. As mulheres cantam muito enquanto executam as tarefas domésticas, varrendo a casa ou lavando roupa. Durante a oração diária realizada no templo às seis horas da tarde, cantam-se doze hinos do padrinho Sebastião e um hino de Alfredo Mota, com a participação de mulheres, homens e crianças.

"O hino é recebido do astral, e não tem nada de inventado".

Essa afirmação do conselheiro José das Neves serve para explicar a origem divina dos hinos e o seu caráter sagrado. Nesse sentido eis o que afirma o padrinho Sebastião:

"... todos aqueles que estiverem me escutando estas palavras que estão vindo pelos hinos, não é nossa carnal, isso vem como se diz, 'eu saio da minha boca e transmito em ti'. O hino é uma coisa que se deslapa e entra na consciência da

pessoa, pela intuição ou por voz, de conformidade. O hino vem mas ele não é aquela matéria que está trazendo. é o eu de lá que está trazendo. é o eu de lá que está mandando pro eu interno, se o eu interno está bem desenvolvido ele logo recebe. Se não, ele está muito enterrado, não saiu de cima da sepultura, os anjos ainda não vieram revelar, esse eu interno não está ouvindo nada, ainda está mudo”.

Através dos hinos é que se pode compreender a história e os ensinamentos de Juramidam. O hino “Flor de Jagube” do mestre Irineu consagra a floresta, o lugar de origem do ser divino — o Santo Daime — e testemunha ter recebido da Virgem Soberana Mãe, a Rainha da Floresta, a missão de replantar as Santas Doutrinas:

FLOR DE JAGUBE - n.º 38

marcha

Eu venho da floresta - ta como meu cantar de amor... eu meor - eu

Canto com alegria minha mãe quem me mandou eu douce...

Eu venho da floresta
Com meu cantar de amor
Eu canto com alegria
Minha mãe que me mandou

A minha mãe que me mandou
Trazer Santas Doutrinas
Meus irmãos todos que vêm
Todos trazem este ensino

Todos trazem este ensino
Para aqueles que merecer
Não estando nesta linha
Nunca é de conhecer

Estando nesta linha
Deve ter amor
Amar a Deus no céu
E à Virgem que nos mandou

O hino Sol, Lua, Estrela do mestre Irineu exalta os elementos da natureza como seres divinos. É uma carac-

terística também presente nos rituais indígenas, onde os astros são entidades que governam os destinos dos homens. Esse hino é cantado três vezes e abre os trabalhos de cura.

SOL, LUA, ESTRELA - n.º 29

marcha

Sol, lua, es - tre - la a terra, o vento e o mar é a luz do firmamento é só quem eu devo amar

Sol, Lua, Estrela
A terra, o Vento e o Mar
É a luz do firmamento
É só quem eu devo amar

É só quem eu devo amar
Trago sempre na lembrança
É Deus que está no céu
Aonde está minha esperança

A Virgem Mãe mandou
Para mim esta lição
Me lembrar de Jesus Cristo
E esquecer a ilusão

Trilhar este caminho
Toda hora e todo dia
O Divino está no céu
Jesus Filho da Maria

Outros hinos do mestre Irineu revelam a influência de religiões africanas na doutrina, como Papai Paxá, que apresenta os seres divinos Equiôr, Barum e Marum.

PAPAI PAXÁ

marcha

Ê - quiôr Equiôr Ê - quiôr Ê - quiôr que me cha - ma lam Ê - ma lam eu vim beirando a terra eu vim beirando o mar eu mar ...

Equiôr, Equiôr, Equiôr
Equiôr quem me chamaram
Eu vim beirando a terra
Eu vim beirando o mar

Quando Papai Paxá
Barum Marum mais eu
Saudades, saudades
Saudades de mamãe

A tua imagem linda
É meus encantos enfim
Neste mundo e no outro
Vós se alembrai de mim

O amor que eu te tenho
Dentro do meu coração
É vós quem me guia
No caminho da salvação

Quando papai me chamar
Toda vida obedeci
Quando chegar este dia
Eu só tenho que ir

No hinário do mestre Irineu (Cruzeiro), depois de Jesus Cristo e Nossa Senhora da Conceição, o elemento do cristianismo de maior importância é São João, que é apresentado como o menino-pastor e que tem no seu dia, 24 de junho, uma das mais importantes festas oficiais do calendário da doutrina de Juramidam. Nesse dia esse hino é cantado com muito vigor e alegria.

SÃO JOÃO - n° 66

marcha

São -ão e - ra me - nino... só vi - vi a nas cam - pinas... pas - to - rando as su - as o - velhas pre - gan - das san - tas dou - trinas São jo - ão - trinas

São João era menino
Só vivia nas campinas
Pastorando as suas ovelhas
Pregando as Santas Doutrinas

Pregando as Santas Doutrinas
O amor Ele empregou
Atrás dele veio Jesus
Toda verdade afirmou

Toda verdade afirmou
Gravou no coração
Ambos foram batizados
No Rio de Jordão

No Rio de Jordão
Ambos tiveram em pé
Um é filho de Maria
E outro é filho de Izabel

Jesus estava vestido
Com a sua roupa cor de cana
Dando viva ao Pai Eterno
Viva a Senhora Santana

Só Eu Cantei na Barra é um hino do mestre Irineu que explica a morte como uma passagem para outra vida. É a crença na reencarnação, mas para ser possível, a pessoa deve realizar uma preparação correta durante a vida:

SÓ EU CANTEI NA BARRA - n° 74

marcha

Só eu cantei na barra que fiz estremecer se tu
 queres a vida eu te dou que ninguém não quer morrer ...

Só eu cantei na barra
 Que fiz estremecer
 Se tu queres vida eu te dou
 Que ninguém não quer morrer

A morte é muito simples
 Assim eu vou te dizer
 Eu comparo a morte
 É igualmente ao nascer

Depois que desencarna
 Firmeza no coração
 Se Deus te der licença
 Volta em outra encarnação

Na Terra como no Céu
 É o dizer de todo mundo
 Se não preparar terreno
 Fica espírito vagabundo

No hino As Estrelas o mestre Irineu viaja e conversa com os astros, aprendendo a utilizar os remédios existentes na floresta, que são trazidos pelos caboclos (índios):

AS ESTRELAS — n° 75

marcha

As Estrelas já chegaram para dizer o nome seu sou
 eu sou eu sou eu sou eu um filho de Deus as Estrelas Deus

As Estrelas já chegaram
 Para dizer o nome seu
 Sou eu, sou eu, sou eu
 Sou eu um filho de Deus

As Estrelas me levaram
 Para correr o mundo inteiro
 Para eu conhecer esta verdade
 Para poder ser verdadeiro

Eu subi serra de espinho
 Pisando em pontas agudas
 As Estrelas me disseram
 No mundo se cura tudo

As Estrelas me disseram
 Ouve muito e fala pouco
 Para eu poder compreender
 E conversar com meus caboclos

Os caboclos já chegaram
 De braços nus e pés no chão
 Eles trazem remédios bons
 Para curar os cristãos

Em Flor das Águas mestre Irineu faz uma pergunta ao espírito das águas. Este lhe afirma a verdade da doutrina do Santo Daime, revelando um segredo que é possível alcançar através do auto-conhecimento:

FLOR DAS ÁGUAS

Marcha

Flor das águas da onde vem para onde vais vou fazer minha limpeza no coração está meu pai pai a morada do meu pai é no coração do mundo onde existe todo amor e tem um segredo profundo a me - fun do...

Flor das Águas
Da onde vem, para onde vais
Vou fazer minha limpeza
No coração está meu pai.

A morada do meu Pai
É no coração do mundo
Aonde existe todo amor
E tem um segredo profundo

Este segredo profundo
Está em toda humanidade
Se todos se conhecerem
Aqui dentro da verdade.

Ao falecer em 1971, o mestre Irineu deixou um legado de 132 hinos. O padrinho Sebastião vem dar continuidade à obra iniciada pelo mestre, recebendo por sua vez um hinário com 156 hinos. Além desses hinos, o padrinho continuou recebendo mais, que foram dados de presente para outras pessoas da comunidade. A confirmação do padrinho como sucessor do mestre Irineu veio ocorrer durante a realização de uma festa oficial no Alto Santo, quando ele recebeu o hino Sou Eu, que identifica o mestre Irineu como filho de Maria e o padrinho como filho de Isabel.

Um fato assinalado pelo próprio padrinho Sebastião é que no tempo de Jesus Cristo, o seu primo São João Batista veio antes dele e nessa nova encarnação, Jesus Cristo veio antes (o mestre Irineu) e São João Batista veio depois (padrinho Sebastião):

SOU EU - n° 28

Marcha

Sou eu sou eu sou eu... e eu posso afirmar O mestre me chamou para eu me declarar Sou rar

Sou eu, sou eu, sou eu
E eu posso afirmar
O Mestre me chamou
Para eu me declarar

Vamos todos meus irmãos
Comprender este a, b, c
Que muitos são os que olham
E poucos são os que vêm

A minha mãe é tão formosa
E mandou eu declarar
Que o Mestre está em mim
E é preciso eu me calar

Meus irmãos vou ensinar
Como se lê o a, b, c
Muitos vão assoletrar
E não sabem compreender

Meus irmãos vou lhes dizer
Para todos aprenderem
Que debaixo da minha ordem
É que agora eu quero ver

Sou eu, sou eu, sou eu
O Mestre me afirmou
Olha o relho da minha mão
Onde está o chiquerador

Meus irmãos venho avisando
Para todos compreender
Que no dia da audiência
É que vão gostar de ver

Agora vou declarar
Como foi que se passou
No Rio de Jordão
O Batizado se traçou

A minha Mãe é tão formosa
E do meu mestre também é
Ele é filho de Maria
E eu sou filho de Isabel

Meus irmãos já declarei
Não tem mais o que dizer
Quem quiser que o procure
Para poder compreender

No hino O Mestre Está Ensinando, o padrinho Sebastião afirma o tempo de Juramidam e prevê o surgimento de um povo, as novas estrelas.

O MESTRE ESTÁ ENSINANDO - n° 51

marça

0 mestre está ensinando ninguém pro-cura com- pre-en-der 0

der, Ele le- vanta outra ban- deira com novas es- telas para todos ver Ele le- ver ...

O Mestre está ensinando
Ninguém procura compreender
Ele levanta outra bandeira
Com novas Estrelas para todos ver

É o tempo de Juramidam
Chamar os seus irmãos
Ele chama e ninguém conhece
Que Jesus Cristo é o nosso irmão

Ele chama é com prazer
E com amor no coração
Para entregar a sua luz
E muitos aborrecem pela ilusão.

Posteriormente o padrinho Sebastião vai receber o hino Levanto Esta Bandeira, convidando os irmãos do Alto Santo a levantarem uma bandeira de união. Isso ocorreu em uma época de acirramento do conflito pela liderança da doutrina, após o desaparecimento do mestre Irineu. Não sendo aceita sua proposta, o padrinho compreendeu que chegara o momento de reunir um povo disposto a segui-lo e inaugurar um novo tempo:

LEVANTO ESTA BANDEIRA - n° 89

marcha

le - vanto esta ban-dei-ra por que assim meu Pai man-dou le -
 dou todos que olharem pra e - la tem o mes-mo va-lor todos, lor...

The musical score is written on a grand staff with a treble clef and a 2/4 time signature. It features a melody with various rhythmic patterns and rests. There are first and second endings marked '1A' and '2A' respectively. The lyrics are written below the notes.

Levanto esta Bandeira
 Porque assim meu Pai mandou
 Todos que olharem pra ela
 Tem o mesmo valor

Bendito é meu Pai
 O meu Mestre ensinador
 E a minha Virgem Mãe
 Foi quem nos acompanhou

No braço deste Cruzeiro
 Aonde meu Mestre expirou
 E a minha Virgem Mãe
 Suas lágrimas derramou

É aonde está a força
 É onde está o poder
 E é aonde os pecadores
 Todos tem que vir gemer

Pai, Filho, Espírito Santo
 Todos três em um só se encerra
 Nós precisamos de paz
 E não precisamos de guerra.

Muitos hinos do padrinho Sebastião falam do poder do Santo Daime e alguns mais especificamente refletem sobre a capacidade de cura da bebida. No trabalho de cura a música funciona como um elemento terapêutico e para atender a esse tipo de ritual ele reuniu seis hinos para esse fim. Quanto Tu Estiver Doente é um deles:

QUANDO TU ESTIVER DOENTE - n° 22

marcha

Quando tu esti-ver-do-en-te que o Daime for to-
 mar Quando mar-te lem-brado ser di-vi-no que tu to-
 mau para te cu-rar te rar

The musical score is written on a grand staff with a treble clef and a 2/4 time signature. It features a melody with various rhythmic patterns and rests. There are first and second endings marked '1A' and '2A' respectively. The lyrics are written below the notes.

Quando tu estiver doente
 Que o Daime for tomar
 Te lembra do Ser Divino
 Que tu tomou para ti curar

Te lembrando do Ser Divino
O universo estremeceu
A Floresta se embalou
Porque tudo aqui é meu

Eu já te entreguei
Agora vou realizar
Se fizeres como eu te mando
Nunca hás de fracassar

Tu já viste o meu brilho
E já sabes quem eu sou
Agora eu te convido
Para ires aonde estou.

Na concepção da doutrina o Beija-Flor é o pássaro que simboliza o Santo Daime, da mesma forma que para os índios Campa o pássaro Japiim é o "dono" do Camampi (Ayahuasca). O hino Beija-Flor do padrinho Sebastião também faz parte dos hinos de cura:

BEIJA—FLOR - n° 63

marça

1ª

2ª

1ª

2ª

Seu para- paster asdo- enças de quem for me rece- dor para a- dor

É Beija, é Beija-Flor
Que minha Mãe me entregou
Para afastar as doenças
De quem for merecedor

Meu Mestre está comigo
Pois Ele é meu amor
É no Céu e na Terra
Jesus Cristo Salvador

Oh! Meu Juramidam
Foi Ele quem me mandou
Para relembrar lembranças
Da Salvação do Amor

Meu Mestre está comigo
Mesmo aqui aonde estou
É a Glória do meu Pai
Jesus Cristo Redentor

Eu digo tá, eu digo tá
Eu digo tá e aqui estou
Eu não me esqueço
E só me lembro do Meu Mestre Ensinador.

O hino São João na Terra do padrinho Sebastião está relacionado com o Apocalipse do apóstolo João Evangelista e refere-se ao final de um tempo e o começo de outro. Os fatos - as guerras no caso - não estão escapando das mãos de Deus, foram previstos por Ele que passa a intervir nos acontecimentos através dos seus enviados (São João, São Pedro e seus dois irmãos). Os opressores serão castigados e os que bem trabalharem, salvos:

SÃO JOÃO NA TERRA - n° 144

marcha

Quando ou- vir fa- lar de São Jo- ão na terra e si- nal de guerra to do lu-
 gar Quando ou- vir fa- lar é fo- ra de con- fu- são che- gou São
 Pe- dro com seus dois ir- mãos é mãos...

Quando ouvir falar
 De São João na Terra
 É sinal de guerra
 Em todo lugar

É fora de confusão
 Chegou São Pedro
 Com seus dois irmãos

Os anjinhos do céu
 É que vem colher
 Para ajuntar
 Em um só lugar

Louvar ao Pai Eterno
 Feliz daquele
 Que bem trabalhar.

Alfredo Gregório filho do padrinho Sebastião, confirma o hinário do pai através de seu hinário com mais de 140 hinos e que ainda não se completou. Seus hinos

consagram os seres da corte celestial, retratam a beleza da floresta, o poder dos astros e aconselham os irmãos a seguirem na verdade e não caírem na ilusão. Alfredo é identificado com o Rei Salomão. Em seu hino Ripi Iáíá ele recorda as entidades astrais da doutrina:

RIPI IÁIÁ - n° 34

marcha

Jaci - tar u mas pa- la- ras que ve- jo omes de di- ze ou- ci -
 ze tu per - ci fa ci tu cu - um Ba- rum marum B. G. ...

Vou citar umas palavras
 Que vejo o Mestre dizer
 Tuperci, Jaci, Tucum
 Barum, Marum, B. G.

Êquiôr que me chamar
 Quando Papai Paxá
 Soloína, Janaína
 e Currupipiraguá

Sempre chamo o Rei Titango
 Agarrube e Tintuma
 Patriarca São José
 Nos mandou amar a Uma

Mãe Divina e Soberana
 Dos Profetas Professora
 Mãe das Virgens e dos Apóstolos
 Nossa Mãe e defensora

Vou seguindo com esta força
 Para sempre clarear
 Nestes cânticos da Condessa
 Cires-Beija-Mar

Reluz brilho na floresta
 Que nos faz resplandecer
 Quem nos fez tem esta força
 E que tem força, tem poder

Com a vossa proteção
 Agora vou terminar
 Me lembrando de Ripi
 Ripi, Ripi, láíá.

Um hino de Alfredo Gregório em louvor a Deus e
 que descreve sua presença em toda a natureza é Agora
 Mesmo:

AGORA MESMO - n° 64

marcha

Agora mesmo estou dizendo e vou dizer para todos que puder e quiser
 ver a agora ver com certeza digo Deus está em tudo o que per-
 cebe e o que posso di-zer com cer- zer ...

Agora mesmo estou dizendo e vou dizer
 Para todos que puder e quiser ver
 Com certeza digo Deus está em tudo
 O que percebo é o que posso dizer

Deus no Sol, Deus na Lua nas Estrelas
 Deus na Terra, na Floresta e no Mar
 Deus em mim, Deus em ti, Deus em nós
 Deus em tudo e em todo lugar

Deus na vida, Deus no Vento, Deus no Ar
 Deus no Céu em vosso trono aonde está
 Deus matéria aqui na Terra em todos nós
 Deus sublime na vida espiritual.

Em Pé Firme na Floresta marca o momento de
 mudança da comunidade para o interior da mata. É uma
 chamada para os filhos do Santo Daime retornarem ao seu
 lugar de origem, confirmando que chegou o momento de
 partir para começar uma vida mais integrada com a nature-
 za:

EM PÉ FIRME NA FLORESTA - n° 99

mazurca

Com pé firme na flo- res ta re- ce- ben do a san- ta
 luz em pé luz sou hu- mil de sou hu- mil de sou hu-
 mil de de fe- rus sou hu- rus ...

Em pé firme na floresta
Recebendo a Santa Luz
Sou humilde, sou humilde
Sou humilde de Jesus

O império destas matas
Não existe força maior
Agora aqui peço firmeza
As Estrelas, a lua e ao Sol

Toquei a minha corneta
Já é a última chamada
Se perfitem comandantes
Para vencer a jornada

Esta força verdadeira
É o Reinado do Sol
Em cima vivem os astros
E embaixo vivem os paus

Oh! Meu Pai Onipotente
Que me dá força e me segura
Para eu ser vosso Filho
E me livrar das amarguras.

Em uma das festas oficiais (São Pedro, 29 de junho) Alfredo Gregório recebeu o hino São Pedro que entra no mérito da questão da morte, um desafio que ocorre muitas vezes para quem toma o Santo Daime. Esse hino aponta para a superação desse desafio, afirmando que a bebida é a luz de conhecimento que revela esse segredo através da superação do medo de morrer:

SÃO PEDRO - n° 105

marcha

oo- manhecer do dia de São Pedro feste- jado ao a-
jado firme na lua min- guante para acabar o pe- cado firme
na lua a min- guante para acabar o pe- cado firme cado...

Ao amanhecer do dia
De São Pedro festejado
Firmo na Lua Minguante
Para acabar o pecado

O pecado é a morte
E a morte é o medo
Só luz de conhecimento
É que destrincha o segredo

Para quem confia em mim
E não se entrega ao erro
Tem a vida em vez de morte
Tem o Cristo Verdadeiro

Sou a Luz replandescente
Sou o brilho do Cruzeiro
Sou o saber de João
Sou chave de São Pedro

Eu sou o discernimento
Todo brilho vem de mim
Lembrança do Astro Sol
Que brilha neste Jardim

É aqui no Astro Chão
 Que tiveram cruel sorte
 Jesus Cristo e São João
 Com os seus ensinamentos fortes
 Dando todo o seu amor
 E Ihes recompensaram a morte.

Marcha da Bandeira, também de Alfredo Gregório é um hino de exaltação à pátria e à doutrina de Juramidam. Com essa marcha normalmente se encerram os trabalhos e festas oficiais: todos se levantam e vão saindo para o ar livre, enquanto tocam e cantam em confraternização com todos os seres do universo que ajudaram no trabalho espiritual:

MARCHA DA BANDEIRA - n° 30

marca

Como é lindo este chão nossa pátria, a floresta e se jardim em
 flor como é flor como é belo se ver este brilho, Tão di-
 vino da luz do resplendor como é dor ...

Como é lindo este chão nossa pátria
 A Floresta este jardim em flor
 Como é belo se ver este brilho
 Tão Divino da Luz do resplendor

Com firmeza me deu esta Marcha
 Vou seguindo e vou recebendo
 Tudo, tudo enquanto se pede
 De acordo se vai recebendo

Salve, salve oh! Mãe do Universo
 E louvada seja nossa festa
 Para todos sentir esta força
 Deste brilho da Rainha da Floresta

Nossa Mãe, Mãe de toda pureza
 Mãe de Cristo, essência da flor
 Agradeço oh! Mãe Natureza
 Com palavras do meu Beija-Flor

Quero sempre brilhar nesta Paz
 E amor desta linda Bandeira
 Nestas cores do Rei da Ciência
 Que nos traz doutrina verdadeira

Vamos todos marchar meus irmãos
 Na doutrina de Juramidam
 Peço que obedeçam o comando
 Que se traz aqui neste salão

Os hinos são mensagens do astral que ensinam, repreendem, elogiam e disciplinam. Constituem um parâmetro seguro para se entender o momento que vive a comunidade, apontando inclusive soluções para muitos problemas. As pessoas ("os aparelhos") mais desenvolvidas tem a capacidade de transmitir com clareza as ordens divinas.

O mestre Irineu e seus antigos seguidores, João Pereira, Antônio Gomes, Maria Marques, Germano Guilherme e os contemporâneos padrinho Sebastião e Alfredo G. encadeiam uma corrente de hinários que elucidam e fundamentam a doutrina do Santo Daime. Maria Marques foi uma das alunas do mestre Irineu que destacou-se pela beleza do seu hinário composto de 49 hinos. Roda dos Meninos transmite um exemplo de humildade.

RODA DOS MENINOS - n° 10

marcha

Eu . sou peqeni - ni ntomas trago meus en - si nos eu
 Ni nos eu cantos' bom bai-xi no em roda dos me - ni nos eu
 ni nos ---

Eu sou pequenininho
 Mas trago os meus ensinos
 Eu canto é bem baixinho
 Em roda dos meninos

Canta, canta os meninos
 Para todos se alegrar
 Que nós todos somos filhos
 E é preciso nós rezar

É de grande a pequeno
 É para todos dar valor
 Que nós estamos na doutrina
 Do nosso Pai Criador

A Chuva É do Astral é um hino de Maria Marques que expressa uma profunda lição de disciplina. Através da auto-disciplina é possível vencer todas as batalhas.

A CHUVA É DO ASTRAL - n° 35

marcha

Chuva é do astral disci - pli na na ter - ra to -
 dos se pre - parem para ver o fim da guerra chuva guerra ---

Chuva é do astral
 Disciplina na Terra
 Todos se preparem
 Para ver o fim da guerra

Eu sigo em frente
 Com minhas divisões
 Porque estou preparado
 Com as armas na mão

Meu Pai me dá força
 Me entregou o poder
 Para eu viver neste mundo
 E saber me defender

Os hinários dos antigos companheiros do mestre Irineu sempre são cantados no dia de Finados (dois de novembro). Um destes hinários, o de Germano Guilherme possui 52 hinos. Do Astral sintetiza a origem divina dos ensinamentos da doutrina:

DO ASTRAL - n° 11

marcha

Do as-tral as-tral da onde vem to-dos en-
sinos si-mos de Jesus Cristo Reden-tor pa-ra se-
guir o seu des-ti-no de Jesus Cristo Reden-tor pa-ra se-
guir o seu des-ti-no de Jesus ti-no...

Do Astral, Astral
Da onde vem todos os ensinos
De Jesus Cristo Redentor
Para seguir o meu destino

Quem segue nesta estrada
Deus lhe dá a Santa Luz
De Jesus Cristo Redentor
Para sempre amém Jesus

Com a sempre Virgem Maria
Para sempre acompanhar
Até a Santa Casa dela
Até quando lá chegar

Quem bem trabalhar neste mundo
Tem nossa mãe para colher
Faz a entrega para o Divino
Para um dia receber

O hino O Mar Cresce de Germano Guilherme descreve a passagem da humanidade sobre a terra lembrando as profecias apocalípticas da invasão das águas sobre o planeta.

O MAR CRESCE - n° 36

mazuca

O mar cresce e a terra baixa em diversas partes do u ni-
verso o mar vem sobre os filhos que habitam ne la re-
Ela manda ir da terra os terra...

O mar cresce e a terra baixa
Em diversas partes do universo
Os filhos que habitam nela
Reclamam sair da Terra

A sempre Virgem Maria
Como Mãe a consolar
Que Deus é o Pai Divino
Mudar para o outro lugar

Ela diz para todos filhos
Para todos se conformar
Que Deus foi quem a fez
E é quem pode desmanchar

Vou Chamar Juramidam, de João Pedro, também contemporâneo do mestre Irineu é uma "chamada", uma invocação da entidade espiritual responsável pela doutrina do Santo Daime. Esse hino só deve ser cantado dentro de um trabalho de cura ou numa sessão especial.

VOU CHAMAR JURAMIDAM

Dou viva a Virgem Maria
E a rainha da floresta
E o Patriarca São José
Que deu poder ao nosso Mestre

O nosso Mestre tem poder
Aqui na terra e no astral
No mar e no espaço
E em todo canto que chamar

Eu vou chamar Juramidam
Com amor no coração
Chamando ele vem
Em todas as sessões

Ele que dá o conforto
A todos que lhe procurar
Não tem perto e nem longe
Aonde chama ele vem

Vou chamar Juramidam
Para todo mundo ver
Quem não deve nada sofre
Quem deve é que vai sofrer

Vou chamar Juramidam
Porque manda eu chamar
Quem está limpo não apanha
Quem está sujo vai apanhar

Apanhar para aprender
E no caminho para trabalhar
Sem apanhar ninguém aprende
E muitos querem se julgar.

Os hinos constituem um aspecto integral do ritual do Santo Daime, funcionando como um sistema de comunicação e atuando como uma ponte psicológica entre a realidade ordinária e a não-ordinária, sendo um foco de atenção dos participantes do ritual e guiando as suas percepções.

7. MESSIANISMO JURAMIDAM

A existência de determinados acontecimentos observados na Colônia Cinco Mil a partir de 1978 e que se estendem até 1982, levam-nos a crer a ocorrência de um movimento messiânico no seio dessa comunidade cuja ação visando instalar e alcançar um paraíso terrestre, a Nova Jerusalém, tornou-se particularmente intensa em 1980 com a transferência do grupo para o interior da floresta Amazônica, aonde não havia chegado a devastação.

Em 1978 o padrinho Sebastião anunciou que ocorreria uma mudança na vida de todos que integravam a comunidade, através de uma decisão para os filhos do Santo Daime: em sonhos e visões ele chegou a um lugar reservado pela divindade, para onde deveria conduzir a seu povo. Até aquele momento ele não sabia exatamente aonde estava localizado esse lugar, mas era em algum ponto da floresta Amazônica.

Já nessa época estavam se verificando as consequências da intensificação do desmatamento na região do município de Rio Branco (alterações no clima, pragas na agricultura) e também uma redução da produtividade das terras da Colônia Cinco Mil devido à falta de recursos financeiros para mecanizar a agricultura e o aumento populacional do grupo. A área tornou-se pequena para assegurar a sobrevivência de todos os seus moradores.

Já no ano de 1979 o padrinho idealizou realizar a troca das terras da Colônia Cinco Mil por uma área de mata virgem, entre os rios Endimari e Ituxi, com cerca de três mil hectares, no município de Boca do Acre, Estado do Amazonas, que eram de propriedade de uma mulher do sul do país. Entretanto, ao realizar a primeira viagem de reconhecimento da região, acompanhado de uma parte do núcleo de dirigentes da comunidade, o padrinho Sebastião deparou-se

com o fato de serem terras devolutas da União - os colonizadores estabeleciam-se sem a necessidade de adquirirem terras - e onde ocorria a ação de diversos grileiros, sendo mais conhecido João Sorbile (Cabeça Branca), que entre outras atividades ilegais havia grilado terras dos índios Apurinã, localizados no quilômetro 45 da BR-317.

Diante disso, o padrinho dirigiu-se à sede do Incra, no município de Lábrea (AM), obtendo a autorização do órgão para fixar-se na região do rio Endimari, nas margens do igarapé Trena e implantar um seringal, que recebeu o nome de seringal Rio do Ouro.

Em maio de 1980 iniciou-se o movimento em direção ao seringal Rio do Ouro e no espaço de pouco mais de um ano cerca de 200 pessoas já estavam morando no novo local, ocupando uma área com cerca de treze mil hectares, explorando vinte colocações de seringa e produzindo 15 toneladas de borracha/ano, residindo em 36 casas, possuindo grandes roçados e criação de patos e galinhas.

Para surpresa de todos, o padrinho anunciou em 1981 que aquele ainda não era o local determinado pelo astral e onde se ergueria a Nova Jerusalém. Concomitantemente surgiram pressões de pessoas interessadas nas terras desbravadas pela comunidade, sendo descoberta um título de propriedade com muitas irregularidades, ainda do início do século e que dava a área como propriedade de um fazendeiro sulista.

Apesar da própria representação do Incra na região ter dado autorização para a comunidade instalar-se no seringal Rio do Ouro, o órgão informou para a comunidade a existência de outra área arrecada pela União e sem proprietários, onde eles poderiam se mudar, localizada no igarapé Mapiá, afluente do rio Purus, no município de Pauini (AM), distante cerca de 150 quilômetros do seringal Rio do Ouro.

Enfretando uma vez mais, inúmeras dificuldades e deixando para trás um seringal com muitas benfeitorias que haviam construído, em plena capacidade produtiva de borracha e agrícola e sem receberem nenhuma indenização dos alegados proprietários da área, a comunidade iniciou novo movimento em direção ao igarapé Mapiá visando a implantação de um novo seringal — Céu do Mapiá.

A mudança da comunidade rural da Colônia Cinco Mil para o interior da floresta amazônica possui um significado no plano material e espiritual: o Daime protegerá os seus filhos — os Midam — que atenderem ao chamado de retorno às origens, aos seringais ainda muitos nasceram e se criaram. É também uma volta à época que o mestre Iri-neu trabalhou nas matas cortando seringa e conheceu o Daime.

7.1 CARACTERIZAÇÃO DO MOVIMENTO MESSIÂNICO

Os movimentos messiânicos são identificados primeiramente pela existência de um messias, um líder religioso, um enviado divino saído do próprio meio e o único capaz de interpretar as transformações e iniciar uma ação. O povo que o acompanha é o povo eleito, os escolhidos de Deus que distinguir-se-ão do resto da humanidade que permanecerá na ilusão da vida material. O povo eleito conquistará a salvação e a libertação nesta vida. O messias é o padrinho Sebastião, que dá soluções e aponta novos caminhos, guiado não pelas determinações dos homens, mas pelas ordens divinas:

“Deus é quem doutrina todos nós. Agora se ele escolhe um membro para ser o receptor e distribuir para os outros, os outros busquem aquela palavra, porque ela não é perdida. Até aqui minha vida tem sido essa, para tirar um povo que Deus pediu. E nós que estamos assim seguros com o Santo Daime, é como disse o mestre Irineu: “— Todos aqueles que se segurarem nos raminhos verdes, se segurem mesmo, porque serão os únicos que poderão chegar”. Porque tudo vem, o tempo vem marcando e está se vendo, e a voz no deserto avisando a todo aquele que busca o Cristo Jesus, que hoje nós temos como Juramidam, no céu e na terra. Traga a perfeição perante o nosso Pai Supremo Celestial, porque agora é o tempo do Espírito Santo, está dito e escrito o terceiro Testamento. Tem o primeiro, a vida de Deus pai, o mundo dele. O segundo, o mundo de Jesus Cristo. E o terceiro, o mundo do Espírito Santo, pois o nome agora é Jura, Juramidam. O Daime é a nossa Água da vida, que está lá no Apocalipse, marca o rio, marca tudo, é só pro-*

* Os hinários (nota do autor)

curar em Apocalipse de João Evangelista. E depois na frente tem aonde é habitada a cidade de Nova Jerusalém. E hoje em dia nós estamos trabalhando para terminar um tal de reino estranho, porque Deus só tem um reino e existe um só imperador e até aqui está todo mundo com dois reinos, um de uma coisa e outro de outra. Deus quer terminar é isto, fazer um povo que tenha um reino só, separou-se um reino, só ficou um que é o de Deus, que é o verdadeiro reino. Quem perseverar viverá a vida eterna e terá alguns que passam a ser carnal e espiritual.”

(Padrinho Sebastião)

A liderança religiosa passa a ter um significado político e por extensão todo o movimento, na medida em que por trás dele existe uma questão social, uma situação de dificuldade, exploração, impossibilidade de conciliar modos tradicionais de vida com as contradições geradas no sistema capitalista. Quanto mais a sociedade envolvente se mostra desorganizada e em conflito, mais o movimento afirma a sua ordem interna e a tentativa de construir uma sociedade mais perfeita, que significará a salvação e a felicidade neste mundo para os seus protagonistas. Já com o movimento iniciado e uma parte da comunidade instalada no seringal Rio do Ouro, o Padrinho Sebastião afirma em uma entrevista concedida na Colônia Cinco Mil:

““Todo mundo está sentido com as mudanças que estão acontecendo, e não é só o povo, como todos os animais, toda a floresta e todo o astral vê o destroço que está havendo no mundo e os homens dizendo: “— Ora, isso é conversa do tempo passado, hoje o tempo é moderno!” Pois pelo tempo moderno é que Deus veio mudar o tempo. Lembrando assim dos sonhos de Nabucodonosor que diz na Escritura Sagrada que, “tudo quando estivesse bem alto.

tudo era dominado por ferro, mas os pés eram de barro. Quando tivesse tudo bem alto, os pés quebravam e grande era a sua queda”. Alguém pensa que tudo que está escrito na escritura já passou. Não, ainda está por passar, passou um bocado, sempre revelando prá frente, o certo é que, toda vida nunca que ninguém aceita Deus.””

As sociedades em que se desenrolam movimentos messiânicos são sociedades de linhagens, de parentelas, de famílias extensas, cujas relações características são pessoais, afetivas e diretas. A estrutura de parentesco é uma condição sine qua non do messianismo e não sua explicação profunda (PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, pp. 19 e 42). Alfredo Gregório de Melo, filho do padrinho Sebastião - e o seu provável sucessor - desempenhou uma intensa atividade de organização objetivando a mudança para o seringal. Assim ele justifica o movimento:

“Dado a estudos nossos dentro do Daime, só o Daime, só Deus, só a floresta poderá aguentar o tombo que está preparado aí para o mundo, através de fogo, através de estiolação atômica, através de poluição. Muita comida, muita fartura, porque tem muita gente, mas também muita morte, doenças e calamidades. E é isso que está feio nos olhos de Deus, é essa a reclamação de Deus de dizer assim que o mundo está desarmonizado. Ele quer ver o mundo perfeito, o mundo sarado, para o mundo estar sarado precisa a terra mesmo sarar, porque eu considero que a terra estando ferida, a terra está doente. A terra estando doente, nós que somos parte dela, já estamos doente, só o pão que vem dela, já vem encenado, porque foi descoberto todos os venenos utilizados para destruir as próprias células terrenas, nosso próprio corpo.

Daí, é que vem a maior razão de nós procurarmos a floresta e nem sequer intencionados a derrubar tanto. Daí é que vem a nossa maior razão de procurar largar os vícios, os maus costumes, aquilo que é ligado a fábrica e que não podemos produzir lá na mata, porque senão nós vamos sofrer com essa decisão do Daime, chamando os filhos para a floresta. É o Daime, se fosse nós talvez não acontecesse, mas é o Daime que é da floresta e chama a floresta, porque ele é o caminho e naturalmente vai nos deixar exatamente aonde não vai pegar fogo. E justamente pode ser a medida - sem dúvida - da onde começou pela primeira raiz, do mestre Irineu até onde parar”.

De um modo geral todos os movimentos messiânicos possuem uma organização hierárquica, ocupando o ápice o líder; abaixo dele, há um grupo de apóstolos ou discípulos; e ocupam a base da pirâmide os demais adeptos (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, pp. 59-60).

Daniel Lopes foi um dos discípulos do padrinho, que exerceu uma importante função para o desencadeamento do movimento: de julho de 1978 a março do ano seguinte ele conviveu com a comunidade de índios Campa, do alto Rio Envira (Acre), próximo à fronteira do Brasil com o Peru. Esses índios que utilizam a ayahuasca em seus rituais mágico-religiosos, sobrevivem quase que praticamente isolados da sociedade brasileira, obtendo o seu sustento da agricultura, caça e pesca. Após essa prospecção, Daniel trouxe para o padrinho a confirmação de que sua experiência junto com os Campa apontava para a possibilidade do povo da Colônia Cinco Mil poder sobreviver na floresta, a exemplo desses índios que vivem comunitariamente há várias gerações e possuíam uma identificação étnica, muito forte.

Dentre outros discípulos mais diretamente ligados ao padrinho que transmitiam suas instruções aos demais, podemos citar: madrinha Rita, sua esposa; seus filhos Alfredo, Valdete e Nonata; madrinha Júlia, sua cunhada; madrinha Cristina, sua concunhada; Manuel Gregório, seu cunhado; os curadores Manuel Corrente e seu filho Francisco; o exímio mateiro e caçador Chagas; Lúcio, organizador dos livros de documentação histórica e Altamiro Parente, encarregado do controle administrativo de compra, venda e distribuição de mercadorias.

Atendendo a um chamado do próprio padrinho Sebastião, dez mulheres da comunidade acompanharam-no em um voto de castidade, objetivando obterem resultados mais elevados nos trabalhos espirituais. Eram elas: madrinha Rita, madrinha Júlia, madrinha Cristina, Tereza, Jaci, Francisca, Gecila, Regina, Raimunda e Maria Sebastiana (Tôca).

Outra característica que permite identificar um movimento como messiânico é o seu caráter cíclico. Ao tempo de espera messiânica segue-se o movimento que visa transformar a existência terrena. A espera é a fase antecedente que precede a formação do grupo dinamicamente empenhado na realização daquilo que prometia a lenda; formação do mito, espera messiânica, chegada do messias, desenrolar do movimento, seu sucesso ou destruição, nova espera messiânica, tudo se reiniciando outra vez (PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, p. 37 e 404).

Nesse caso concreto de que tratamos (mudanças para os seringais Rio do Ouro e Céu do Mapiá) a espera messiânica caracteriza-se pela crença de que o mestre Irineu é a segunda volta de Jesus Cristo à terra, e o padrinho Sebastião representa São João Batista que vai guiar o povo escolhido por Deus para a terra santa, a Nova Jerusalém. O fator condicionante do movimento messiânico é a existência

desses mitos que servem como ponto de partida para a sua eclosão e desenvolvimento.

O profeta é caracterizado pelas qualidades pessoais de magnetismo e poderes sobrenaturais, que é reconhecido pela coletividade dos seus seguidores: profetização, adivinhação, dom de cura e vidência. Padrinho Sebastião alerta para o risco do surgimento de falsos profetas e reitera o caráter pacífico do seu movimento:

“Olhe, todo aquele que estiver profetizando, profetize com a consciência limpa, porque um falso profeta não tem direito a nada. É profetizar e esperar que todo mundo alcance aquilo, que profetizar não é uma coisa que se fala em vão não. Profetizar e esperar. E a gente só vê falar em morte, e tá morrendo e tá matando. E lá se vem e lá se vai, tá todo mundo em reboição e o povo de Deus se acampando nos seus locais, como Deus manda, ali não tem quem mexa, pois se tem um povo de Deus não tem briga... Bala não é prá nós, se nós entra na bala, é porque não estamos nesse caminho de Irineu Serra. Quem seguir neste caminho segue limpo e não errado, saindo desta linha, não espere ser chamado! Vamos meus irmãos cuidar do tempo, que o tempo não engana e não tem dó dessa matéria”.

O movimento messiânico dirigido pelo padrinho Sebastião foi na realidade um movimento de reorganização social e política, marcado pela afirmação de novos valores. Uma ação empreendida tendo como base a libertação religiosa, pressupõe liberar-se também da opressão econômica e política.

8. CONCLUSÕES

A descrição e a análise da história do povo Juramidam leva-nos a algumas conclusões de interesse para a compreensão de como se dá a utilização de “plantas mágicas” usadas sob condições primitivas na selva amazônica, uma das poucas regiões que existem no mundo onde ocorre tal tipo de fenômeno religioso.

Como vimos, tomar o Santo Daime (Ayahuasca) para se conseguir a miração (transe) e tomar contado com a realidade não-ordinária, é uma prática muito antiga — anterior ao descobrimento da América — muito difundida entre as tribos indígenas da Amazônia brasileira, do Peru, Bolívia, Colômbia e Venezuela e que neste século estendeu-se aos novos ocupantes do Acre, vindos do nordeste brasileiro. Esse tipo de xamanismo não pode ser isolado do contexto cultural em que se desenvolve e do seu sistema de crenças, pois não se trata de um fato marginal da cultura senão que nuclear, enraizado na tradição mítica da região.

O mestre Irineu e o padrinho Sebastião são os mais importantes xamãs dessa crença, a doutrina de Juramidam — fundamentada nos princípios da Harmonia, Amor, Verdade e Justiça — que através da bebida sagrada, o Santo Daime, obtêm os seus poderes espirituais, recebendo e transmitindo para os demais as instruções dos seres divinos. O primeiro foi quem recebeu a doutrina, de acordo com seus seguidores, através da Virgem Soberana Mãe, Nossa Senhora da Conceição e o segundo foi o seu principal continuador. Mestre Irineu simboliza para a comunidade a segunda volta de Cristo na Terra, e o Padrinho Sebastião, São João Batista, sua testemunha.

O ritual do Santo Daime é a prática aglutinadora das pessoas que constituem o povo de Juramidam, o povo

do mestre Irineu. O Santo Daime é o ordenador da ação e da lógica do universo simbólico da comunidade. É também o instrumento revelador que desperta o eu interno do indivíduo, projetando-o através do inconsciente para o plano do astral. Sua utilização seguindo determinadas normas (alimentação, abstinência sexual e de bebidas alcólicas), atitude de respeito e com o acompanhamento de pessoas com maior conhecimento e experiência dentro da doutrina, faz parte de um processo de aprendizado espiritual que eleva a pessoa, integrando-a na comunidade e aponta uma prática de vida mais solidária, despertando e apurando a sua consciência ecológica: preservar a floresta significa preservar o uso da bebida sagrada que ensina a respeitar todas as formas de vida.

Vimos que o alto índice de desmatamento no município de Rio Branco, constatado através de dados de satélites, provocou um grande desequilíbrio ecológico na região. Entretanto, tres anos antes do fato vir a público, o conhecimento intuitivo do padrinho Sebastião — tendo o Santo Daime como instrumento de revelação — propiciou-lhe condições para agir concretamente perante o fato: liderou a transferência do grupo para o interior da floresta, aonde não havia chegado a devastação e os seus efeitos. A ação da comunidade assume inclusive um caráter de movimento messiânico, por construir-se em uma tentativa de reestruturar a ordem interna da comunidade e escapar da anomia social, desvencilhando-se das relações e exploração e dominação da sociedade envolvente e dos seus aspectos mais ameaçadores: consumismo, marginalidade, prostituição, poluição ambiental e etc. Este fato configura-se em um alerta para os governos, no sentido de darem atenção para as informações dos habitantes da região, levando suas reivindicações em conta nos futuros planos de ocupação da Amazônia.

As novas relações de produção estabelecida na comunidade, onde a terra, os meios de produção e os frutos do trabalho coletivo pertencem a todos igualmente, é o resultado da tomada de consciência de um novo tempo, onde o homem constrói o paraíso com os pés na terra. A excelente capacidade produtiva da comunidade, sua disposição para o trabalho e a normalidade do estado de saúde física e mental do grupo, demonstram que o uso ritual do Santo Daime pela população adulta e infantil da Colônia Cinco Mil, durante vários anos, não acarretou nenhuma dependência ou efeito prejudicial.

Dentro desse aspecto é importante frisar que a integração com a natureza através do trabalho cotidiano com a terra é uma condição fundamental para se obter um resultado positivo ao se realizar um ritual mágico-religioso com a bebida.

As propriedades curativas do Santo Daime comprovadas através de inúmeros depoimentos e também "in loco", vêm demonstrar a validade dessa prática médica de origem indígena ancestral, que hoje socorre não só a população ribeirinha e dos seringais da Amazônia, mas ultrapassa os limites da região e do país.

Estudos desenvolvidos na Dinamarca, Suécia e Argentina na psicoterapia individual e de grupos com plantas classificadas como alucinógenas contribuíram para confirmar as teorias psicanalíticas de que essas plantas curam doenças psicossomáticas. Proporcionam também uma mudança de métodos terapêuticos; valorizando a relação médico-paciente, fornecendo um material novo devido ao fluxo inconsciente liberado por essas plantas, encurtando para o terapeuta a distância entre a emoção e a linguagem. Médicos e botânicos europeus e americanos registraram sobre a ayahuasca características terapêuticas como: antelmíntico, certas paralisias, mal de Parkinson, moléstias nervosas em geral e casos de malária.

Finalmente, acredito ser necessário ressaltar um dos aspectos inéditos da doutrina de Juramidam no Acre, que é o de congregar até 3000 pessoas em rituais coletivos com o Santo Daime, enquanto que nos bairros periféricos de algumas cidades da selva peruana, como Iquitos, os xamãs reúnem de seis a dez pessoas no máximo, para realizarem cerimônias com a ayahuasca com finalidade de curar doenças. Esse fato vem reafirmar o povo Juramidam como um significativo patrimônio cultural da Amazônia, devendo haver portanto, mecanismo que garantam a sua preservação.

9. GLOSSÁRIO

ILUSÃO

Refere-se ao mundo das coisas materiais, o consumismo, o dinheiro, a vaidade, enfim tudo o que não se leva para o mundo espiritual. Para entrar na doutrina do Santo Daime é preciso sair do "mundo da ilusão".

MARACHIMBÉ

Entidade disciplinadora do Santo Daime. Quando numa sessão espiritual as pessoas vomitam muito e sofrem, fala-se que Marachimbé está disciplinando os rebeldes, os desobedientes.

MIRAÇÃO

Estado alcançado com a ingestão do Santo Daime, onde se "viaja" dentro de si mesmo, funcionando como uma auto-análise. Ocorre modificações na percepção, os sentidos ficam mais aguçados, podendo-se ter visões luminosas e contato com pessoas distantes. Recordações e pensamentos ocorrem em grande velocidade, a noção de tempo varia, alonga-se ou não, de acordo também com as emoções. Para os iniciados é o momento de comunicação com os seres do astral.

Surra do Daime. Quando a pessoa passa por uma experiência muito forte não conseguindo controlar os efeitos da bebida. Geralmente isto acontece pela falta de preparação do indivíduo ou pela não observação das regras necessárias para participar do ritual. A ocorrência de vômitos é natural, o vômito é uma forma de purificação do corpo. A "peia" no entanto se transforma numa vivência positiva, na medida em que posteriormente a pessoa vai refletir sobre a sua experiência pessoal, fazendo parte do processo de aprendizado com o Santo Daime.

10. SITUAÇÃO HISTÓRICA

Para situarmos historicamente o período que se inicia com a chegada do mestre Irineu ao Acre, em 1912, até 1980 com a retirada da comunidade da Colônia Cinco Mil para os seringais do Estado do Amazonas, sob a liderança do padrinho Sebastião, é necessário entender o contexto nacional e internacional no qual o Acre estava inserido, ligado à economia da borracha.

O sistema imperialista do início do século caracterizado pelo alto grau de monopólio, tanto na acumulação de capital como na produção, é também marcado pela presença de uma oligarquia financeira, além de associações de capitalistas internacionais que dividiam o mundo entre si. Tudo isso acompanhado da revolução nos transportes, desenvolvimento da siderúrgica, indústria química e eletricidade.

O interesse do grande capital internacional era controlar as fontes de matérias-primas, fundamental no futuro desenvolvimento da indústria automobilística. Foi na Amazônia que uma dessas fontes foi encontrada, a borracha; e o Acre apresentou-se como um dos principais produtores de látex da região norte, lugar que ocupa até os dias de hoje.

Para a obtenção da borracha, desencadeou-se uma pressão sobre os negociantes, seringalistas, políticos e setores administrativos das cidades de Belém e Manaus. Nesse momento o nordeste brasileiro vivia dias terríveis de seca, que desde 1877 assolava a região, contribuindo para o êxodo da população rural nordestina.

"Financiados por grupos econômicos internacionais através de uma complexa rede que envolvia exportadores, bancos e grandes empresas industriais, as Casas Avia-doras de Belém e Manaus e os grupos seringalistas forma-

vam grupos de agenciadores que recrutavam mão-de-obra nos portos do litoral e mesmo em pleno sertão nordestino. Resultou disso um êxodo dirigido, comandado em última instância, pelos interesses econômicos de grandes capitalistas norte-americanos e europeus (3)''

Outros fatores merecem destaque para a questão do direcionamento da mão-de-obra nordestina para a Amazônia. O preconceito que o trabalhador nordestino tinha em relação ao trabalho nos cafezais do sul, também carente de mão-de-obra, enquanto na Amazônia não estava sujeito a um salário; a lenda de um novo Eldorado; as facilidades e subsídios que os governos dos Estados do Pará e Amazonas concediam aos imigrantes e a falta de condições dos senhores de terra manterem os trabalhadores, em virtude das secas que dizimavam a população nordestina.

Foi em 1912 que a produção de borracha no Brasil alcançou o seu auge, 43.370 toneladas, e a partir daí o seu declínio, devido a concorrência com a borracha cultivado por métodos racionais na Ásia (Malásia e Singapura) pelos ingleses, implicando num baixo custo de produção e menores preços no mercado do que a borracha brasileira nativa (Ver Tabela I). Foi nesta época que o mestre Irineu chegou ao Acre, junto com milhares de nordestinos recrutados pelos agenciadores de Belém e Manaus, para trabalharem nos seringais.

O processo de produção no seringal consiste no "sistema de aviamento" que é formado por uma cadeia comercial que começa no seringueiro e vai até o estrangeiro. O seringueiro recebe do patrão seringalista tudo o que necessita, instrumento de trabalho, roupas, comida e armas, em troca da borracha. O seringalista vende a borracha para as casas aviadoras em troca de mercadorias para manuten-

3 - OLIVEIRA, Marilda Maia. Aspecto da Economia Acreana: 1870-1914. Tese de Mestrado da Universidade Federal do Ceará, p. 26.

ção do seringal. O último elo se dá através do financiamento das casas aviadoras pelas casas exportadoras, ligadas ao capital estrangeiro. O seringalista explora o seringueiro no preço das mercadorias fornecidas, no pagamento da borracha produzida, na renda das estradas de seringueiras, no peso da borracha e no transporte do seringueiro do centro⁴ para a cidade.

A Primeira Guerra Mundial (1914—1918) dificultou a demanda da borracha devido às restrições à sua importação e aos problemas enfrentados com o transporte marítimo. A borracha não tinha tanta importância estratégica na Primeira Guerra, como passou a ter na Segunda Guerra Mundial.

Em 1930 o modelo exportador brasileiro entrou em crise relacionado com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, além da nossa economia depender da procura internacional, ela baseava-se na monocultura e exportação de matérias-primas, típicas dos países latino-americanos. Quando oscilava o preço desses produtos no mercado internacional, oscilava a nossa economia. A partir da década de 30 teve início uma estrutura econômica de base urbano-industrial, havendo uma concentração populacional nas cidades.

Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a produção da borracha brasileira elevou-se novamente, tendo como causa as compras realizadas pelos europeus e norte-americanos, inclusive para a formação de estoques estratégicos. Como efeito dessa reativação da economia extrativa da borracha, novo êxodo dirigiu-se do nordeste para o Acre. Em 1941 a Amazônia vai contar com cerca de 34 mil seringueiros, produzindo 18 mil toneladas de borracha. Aproveitando o êxodo ocasionado pela seca de

4 - Centro ou colocação é a unidade de produção do seringal, onde está situada a casa do seringueiro, a defumadeira e as estradas e seringa.

1942, o governo passa a intervir diretamente, convocando os trabalhadores a se alistarem como "soldados da borracha" por dois anos, mediante um pequeno salário para a viagem, um adiantamento em dinheiro deixado para a família e muitas promessas, como o pagamento da viagem de retorno (o que nunca ocorreu).

Durante a Segunda Guerra a produção da borracha asiática passou para o controle dos japoneses, levando os países aliados, França, Inglaterra e Estados Unidos, principalmente esse último, a voltarem os seus interesses para a borracha nativa brasileira, resultando nos "Acordos de Washington". Esses acordos estimulavam ao máximo a produção gomífera da Amazônia de forma a aumentar os excedentes exportáveis para os Estados Unidos.

A partir da Segunda Guerra Mundial a presença das casas aviadoras vai praticamente desaparecer, porque o abastecimento dos seringais vai ser realizado pela Rubber Reserve Company, agência norte-americana que a partir de 1942, com os "Acordos de Washington", passou a interferir no programa da borracha brasileira juntamente com o Banco de Crédito da Borracha, hoje BASA (Banco da Amazônia S.A). A produção gomífera vai ter um aumento considerável.

No final da década de 50 a inflação se acelerava minando a economia: altas de preços, atrofia no mercado, imprevisibilidade financeira e etc. Nos seringais a situação era cada vez mais precária. Sendo explorados e dominados pelos patrões seringalistas e pelo marreteiro, recaía sobre os seringueiros os efeitos da inflação. Para vislumbrar melhores condições de vida, muitos se mudaram para as proximidades das cidades a fim de conseguirem um pedaço de terra (colônia) para cultivar. Nessa época o seringueiro Sebastião Mota de Melo, o padrinho, sai dos seringais do Estado do Amazonas e chega com sua família em Rio Branco, capital do Estado do Acre.

As dificuldades econômicas e sociais no início da década de 60 são bastantes conhecidas "...É suficiente lembrar, no que concerne à questão gomífera, que o golpe militar de 1964 veio acentuar o processo de industrialização delineado durante o governo Kubitschek"⁵.

Vão ser criados órgãos de apoio à região: em 1966 a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em 1967 a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) e a Superintendência da Borracha (SUDHEVEA), com o objetivo de estimular a economia regional e tratar da comercialização a nível nacional e internacional.

Na década de 70, muito embora o Brasil passe da condição de exportador de borracha para a de importador do produto para atender todas as as necessidades, o Acre continua sendo o principal produtor da região norte, tendo alcançado o seu auge em 1977, com 5.134 toneladas. No entanto, os programas regionais voltados para o incentivo da produção racional do látex, Probor I, II e III da Sudhevea ainda não obtiveram resultados satisfatórios. A SUDAM passou a aprovar e incentivar principalmente os projetos de implantação da pecuária, sem levar em conta a legislação que proíbe a aprovação desses projetos em área de mata densa. No que concerne ao problema da distribuição da terra, o que se viu na Amazônia foi uma política contrária ao que estabelece o próprio Estatuto da Terra, cuja meta é de fixar o homem à terra:

Artigo 16 do Estatuto da Terra, Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, "A Reforma Agrária visa estabelecer um sistema de relações entre o homem, a propriedade rural e o uso da terra, capaz de promover a justiça social, o progresso e o bem estar do trabalhador rural e o de-

5 - Idem, Oliveira, P. 64.

envolvimento econômico do País, com a gradual extinção do minifúndio e do latifúndio”.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão criado em 1970 para promover e coordenar a execução da reforma agrária, desenvolveu uma política de titulação equivocada, não atendendo as necessidades da população camponesa, regularizando a propriedade de 21 milhões de hectares de terra da União, na Amazônia, para grandes empresas nacionais e estrangeiras.

A política de venda a preços irrisórios de terras acreanas para compradores do sul do País no início da década de 70, vai propiciar uma frente de expansão composta em sua maioria de especuladores e grileiros de terra, que se deslocavam do sul do País para o Acre, adquirindo seringaais de antigos proprietários endividados com o BASA.

O interesse desses compradores de terras, conhecidos na região como “paulistas”, era de “limpar a área”, usando muitas vezes a violência dos jagunços e o apoio da polícia para expulsar os seringueiros e posseiros. Na primeira frente econômica extrativista, a terra em si não possuía valor, e sim a existência de seringueiras e castanheiras; na nova frente agropecuária a terra passa a ter valor em si mesma, transformando-se em mercadoria valiosa.

Artigo 16 do Estatuto da Terra, Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, “A Reforma Agrária visa estabelecer um sistema de relações entre o homem, a propriedade rural e o uso da terra, capaz de promover a justiça social, o progresso e o bem estar do trabalhador rural e o desenvolvimento econômico do País, com a gradual extinção do minifúndio e do latifúndio”.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão criado em 1970, para promover e coordenar a execução da reforma agrária, desenvolveu uma

política de titulação equivocada, não atendendo as necessidades da população camponesa, regularizando a propriedade de 21 milhões de hectares de terra da União, na Amazônia, para grandes empresas nacionais e estrangeiras.

A política de venda a preços irrisórios de terras acreanas para compradores do sul do País no início da década de 70, vai propiciar uma frente de expansão composta em sua maioria de especuladores e grileiros de terra, que se deslocavam do sul do País para o Acre, adquirindo seringaais de antigos proprietários endividados com o BASA.

O interesse desses compradores de terras, conhecidos na região como “paulistas”, era de “limpar a área”, usando muitas vezes a violência dos jagunços e o apoio da polícia para expulsar os seringueiros e posseiros. Na primeira frente econômica extrativista, a terra em si não possuía valor, e sim a existência de seringueiras e castanheiras; na nova frente agropecuária a terra passa a ter valor em si mesma, transformando-se em mercadoria valiosa.

Inicia-se no Acre a partir de 1974, o auge da especulação das terras, a atuação de vários grupos econômicos, alguns deles associados ao capital estrangeiro: Atalla - Copersucar com uma área de 600 mil hectares, Bradesco e Atlântica Boa Vista com 500 mil hectares, Condomínio Tarauacá com 1,2 milhões de hectares, Viação Aérea Cruzeiro do Sul com 38 mil hectares e etc... Com isto intensifica-se o desmatamento realizado pelas empresas madeireiras e pecuárias na região.

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), criado em 1967 para executar as medidas necessárias à utilização racional, proteção e conservação dos recursos naturais renováveis, fecha os olhos ao Código Florestal (Lei nº 4771) que obriga as empresas que consomem grandes quantidades de matérias-primas florestais, a plan-

tarem novas áreas verdes equivalentes ao consumido, ignorando também a lei que proíbe na região norte a exploração a corte raso de mais de 50% da cobertura arbórea de cada propriedade rural.

Conclusão: muitos seringais e castanhais desapareceram, os seringueiros e posseiros da região vão ser expulsos da terra e sem opção rumam para as cidades na esperança de conseguir emprego. O êxodo rural para a cidade de Rio Branco, vai formar uma legião de desempregados que vão inchar a periferia da cidade, dando origem às "vilas-misérias". Alguns mais afortunados conseguem adquirir pequenas colônias para dedicarem-se à agricultura de subsistência.

Assistimos o que alguns autores denominam de "capitalismo predatório", onde os superlucros sobrepõem-se aos interesses da larga maioria da população, comprometendo o equilíbrio ecológico através de desmatamentos, destruindo a integridade territorial das tribos indígenas, acentuando os conflitos entre grandes e pequenos proprietários, introduzindo relações de produção ainda mais exploradoras na região, demonstrando que essa política somente beneficiou os grandes grupos econômicos e as multinacionais.

É dentro desse contexto extremamente adverso para a maioria da população regional, que os habitantes das 25 colônias, conhecida como Colônia Cinco Mil, unem-se para formar o Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, passando a viver comunitariamente, utilizando o Santo Daime.

Se a década de 70 foi marcada pela ocupação da terra pelos grandes proprietários, na década de 80 vai ocorrer uma nova onda migratória vinda do centro-sul do País, onde pequenos agricultores vão ser assentados em lotes previamente determinados pelo INCRA. Entretanto, o Acre não possuía, como ainda não possui, uma infraestrutura

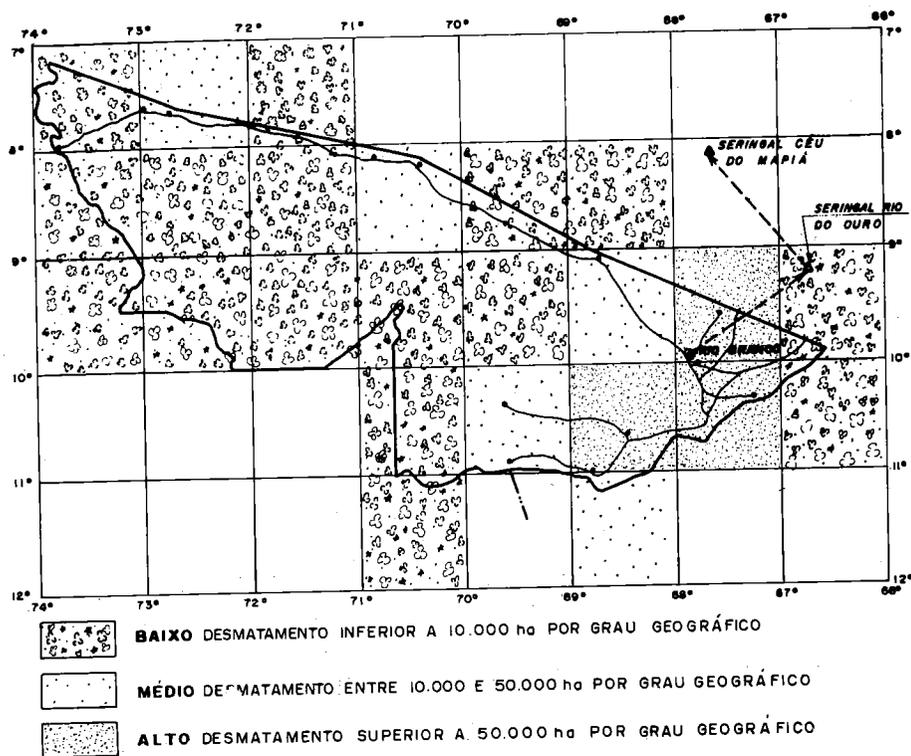
de serviços de saúde, educação e de estradas para receber os novos parceiros, que muito vão sofrer nos projetos de assentamentos do INCRA.

Acrescenta-se a isso, o fato de que os Projetos de Assentamento Dirigido (PAD) - que chegam a abrigar até três mil famílias - são estabelecidos em lotes que variam de 50 a 100 hectares, cuja demarcação não leva em conta as peculiaridades geográficas da Amazônia, fazendo com que inúmeros parceiros recebam lotes que na época do verão (ausência de chuvas) ficam desprovidos de nascentes de água que atendam suas necessidades, dificultando ainda mais sua sobrevivência.

Por outro lado, os seringueiros acreanos também foram obrigados a transferirem-se para os projetos de assentamento (para "limpar" os seringais) tendo que abandonar as suas colocações medindo em média 800 hectares. Ficando desprovidos dessa importante fonte de renda, que é a extração do látex, o ex-seringueiro tem sua renda familiar praticamente reduzida a zero uma vez que a agricultura de subsistência não lhe proporciona o mínimo para viver dignamente.

É nesta conjuntura, que o padrinho Sebastião retira-se com o seu "povo" para o interior da floresta, a 200 quilômetros de Rio Branco, no município de Boca do Acre (AM), indo desbravar a floresta virgem, para estabelecer o seringal Rio do Ouro, onde através da extração da borracha e da agricultura passa a obter o mínimo para a sobrevivência das 250 pessoas que o acompanham.

NO VALE DO RIO ACRE A SITUAÇÃO DE ALERTA: ALTO DESMATAMENTO



ALTERAÇÃO DA COBERTURA FLORESTAL

ÁREA DO ESTADO — 152.589 Km ² — (15.258.900 ha)		
PERÍODO	ÁREA ALTERADA (ha)	% EM RELAÇÃO À ÁREA DO ESTADO
ATÉ 1975	116.550	0,764
ATÉ 1978	246.450	1,618
ATÉ 1980	462.684	3,032

MAPA ELABORADO ATRAVÉS DE INTERPRETAÇÃO VISUAL DE IMAGENS MSS E RBV DE 1980 DOS SATÉLITES DA SÉRIE LANDSAT, EXECUTADO PELO LABORATÓRIO DE SENSORIAMENTO REMOTO — BRASÍLIA IBDF

TABELA I
PRODUÇÃO BRASILEIRA E ASIÁTICA DE BORRACHA:
1910-1919

ANOS	PRODUÇÃO (t)	
	BRASIL	ÁSIA
1910	40.800	8.753
1911	37.730	15.800
1912	43.370	28.194
1913	39.560	47.618
1914	36.700	71.380
1915	37.220	107.867
1916	37.000	152.650
1917	39.370	204.251
1918	30.700	200.950
1919	34.285	381.860

FONTE: Superintendência da Borracha (SUDHEVEA), Anuário Estatístico — Mercado Estrangeiro, Ano 4, n.º 8, 1970.

11. LENDAS E MITOS

No Acre ouvi várias lendas relatando a origem do cipó jagube e da folha chacrona. Selecionei tres, sem que fosse possível no entanto localizar a fonte histórica de todas, tal conhecimento vem da transmissão oral dos antepassados do povo amazônico. Os diversos povos indígenas que usam o cipó na região, não foram esquecidos e suas histórias serão publicadas no próximo livro a ser brevemente lançado: Histórias do Povo Juramidam (Estudos Aprofundados).

A seguinte lenda me foi contada por um daimista, (M.G): Existia um rei que tinha vários nomes, e o mais conhecido era Ayu Ambrazil. Era um sábio que conhecia a astronomia, a medicina, a fauna e a flora, tinha contato direto com as plantas e os animais o amavam. Além disso era músico, pintor e grande poeta, o seu trabalho era levar luz aos lugares escuros de todo planeta, pois era filho do sol. Tinha como companheira uma valorosa rainha guerreira e os dois saíam para iluminar os espaços negros.

Uma noite a rainha fora ferida de morte pela escuridão e foi enterrada na floresta. O rei entristeceu e cantava dia e noite ao lado da sepultura da esposa. O povo chorava pois o rei não mais comia e nem bebia, só cantava. Os súditos não entendiam o que ele cantava, mas o rei Brazil cantava para o mundo, pois sabia que uma desgraça estava por chegar. Os dias se passaram e o rei foi ficando mais fraco, mas não parava de cantar, até que se agarrou a uma árvore, deu seu último suspiro e morreu. A árvore a qual ele se agarrou jorrou sangue e na hora de sua morte toda a mata entristeceu. O povo tentou em vão desagarrar o corpo do rei Brazil da árvore mas sem resultado. Tempos depois quando retornaram ao local encontraram no lugar do corpo do rei, um cipó diferente dos que eles conheciam e na

sepultura da rainha um arbusto de folhas brilhantes, também desconhecido. Então os súditos disseram: "— O rei se transformou em cipó, a árvore que ele se agarrou jorrou seu sangue, e a rainha se transformou neste arbusto". A partir desse dia passaram a chamar a árvore que jorrou sangue de: sangue de Ambrasil.

Curiosamente encontrei história semelhante no livro "Histórias Inéditas do Brasil", de Roselis Von Sas. Ela conta que o escrivão Pero Vaz de Caminha descreve em sua carta à Portugal o seguinte ritual indígena: Os selvagens entravam na floresta e retiravam algumas ervas. Depois retiravam a seiva vermelha de uma árvore e colocavam o líquido em um caldeirão. Dançavam em ritmo monótono em volta do caldeirão invocando várias vezes o nome de Ambrasil.

Segundo a autora essa árvore de seiva vermelha é a mesma que os portugueses chamaram de Pau-Brasil, por não entenderem o "Am" de Ambrasil, denominaram só de Brasil.

Na União do Vegetal, seita que utiliza o cipó e a folha, um membro contou-me de memória, uma sessão de instrução com a seguinte narrativa:

Há milhares de anos atrás, antes do Dilúvio Universal, existia um Rei de nome Inca. Este Rei tinha como conselheira uma mulher, chamada Oasca, que sabia tudo do passado, presente e adivinhava o futuro. Oasca aconselhava o rei, o acompanhava e o reinado prosperava. Um dia Oasca morreu e o Rei ficou muito triste, mas não podia fazer nada senão cavar uma sepultura e sepultar Oasca. E ficou zelando, até um dia encontrar nascida no centro da sepultura, uma planta diferente das demais conhecidas na região. O Rei examinou e disse:

— Nasceu na sepultura de Oasca, é Oasca.

Naquele mesmo tempo nasceu no reinado um menino que cresceu e se tornou marechal de confiança do Rei, Ma-

rechal Thiuaco. Um dia o Rei em companhia do seu Marechal, que nada sabia da história, foi em visita à sepultura de Oasca. Lá chegando, o Rei disse ao seu marechal, com palavras vaciladas: — Quem sabe se nós colhermos umas folhas e fizermos um chá vamos entrar em contato com o espírito de Oasca. Em seguida preparou o chá e deu para Thiuaco beber. Thiuaco bebeu e a força cresceu a ponto de Thiuaco não suportar e morrer. O Rei não pode fazer outra coisa a não ser cavar uma sepultura e sepultar Thiuaco.

Um dia nasceu na sepultura de Thiuaco um cipó diferente dos demais. Chegou um dia que o Rei desencarnou e voltou a encarnar In-Caiano.

Um dia chegou aos ouvidos do Rei Salomão que somente ele, como rei da ciência, poderia desvendar os segredos daquela história que corria o mundo. Vem o Rei Salomão em companhia de seu vassalo Caiano em busca de desvendar os segredos. Lá chegando, perguntou, segurando as folhas:

— É desta que fizeram o chá e deram pra Thiuaco beber e morrer? — Sim.

— Então, devo denominar chá crona, que quer dizer chá temeroso, temeroso para aqueles que não respeitam.

Em seguida se dirigiu para onde estava o cipó e reconheceu ali um Marechal. Pegou as folhas da chacrona e pedaços de cipó e disse:

— Venho fazer a união do vegetal do mariri com a chacrona. Em seguida pegou o chá e disse pra Caiano:

— Bebe, Caiano e segue afim de conhecer os segredos e mistérios da Oasca. Lembre, se a força crescer a ponto de não suportar, Thiuaco é o rei da força.

Caiano bebeu o chá e a força cresceu e quando ele sentiu que não ia suportar, lembrou das palavras do Mestre e disse: (canto)

— Thiuaco é mariri, Thiuaco é marechal, Thiuaco é grande rei no salão do vegetal.

Caiano disse ao mestre: — Mestre, eu vi tudo.

É repreendido por ele:

— Como, viste tudo? Se os mistérios da natureza estão fechados, para que se abram é preciso pedir licença.

O mestre explicou que ele viu, viu alguma coisa, não tudo, não entrou, não sabia como entrar nos encantos. E ensinou como se pede licença à natureza superior.

Continuando a história, Caiano teve seus discípulos e um dia desencarnou e o vegetal ficou esquecido durante um tempo na face da terra. Quando chegou o tempo de retornar, ele perguntou ao poder: — E quando?

— Com o nome Iagora, encarna no Peru no meio dos índios. Preparava o chá e dava para todos beber e contava a história, sua própria história, a história do Inca. Mestre Iagora se tornou conhecido como Rei Inca, porque contava a história do Rei Inca de outrora.

Um dia os seus discípulos, achando que sabiam mais que o mestre, o decapitaram e saíram pelo mundo criando curiosidades e ilusões, pensando que tinham consciência do que faziam. Mas como o Mestre é sempre Mestre, encarnou em Feira de Santana na Bahia o Mestre Gabriel. Restaurou a União do Vegetal e trouxe esta história pela sua recordação até hoje.

Na mitologia dos índios Cachinawá do Rio Jordão, Estado do Acre, a origem do cipó tem um destaque especial, sua narrativa é rica em detalhes, onde os animais se transformam em gente e vice-versa.

“A Invenção do Cipó” foi publicada no livro Estórias de Hoje e Antigamente dos Índios do Acre, organizado pela Prof.^a Nieta, traduzida e adaptada do livro “A Verdadeira Estória dos Cachinawá”, de André M. D’Ans. Infelizmente não foi possível saber o nome dos cachinawá que contaram a história.

Yo Buié Nawa Tarani, nosso antepassado foi à mata um dia procurar genipapo para pintar o corpo de seu filho recém-nascido.

Na beira do lago ele encontrou um genipapeiro coberto de frutas. Subiu na árvore carregada e começou a sacudir para fazer cair as frutas.

De repente ele ouviu um barulho debaixo dele. Viu então uma anta a roer as frutas do chão. Divertindo-se, ele ficou quietinho em cima da árvore só olhando.

Ora tudo começou a ficar estranho quando a anta, após ter roído algumas frutas, começou a jogar elas no meio do lago gritando:

— Toma aqui esses genipapos do meu roçado!

Após alguns minutos, uma jovem saiu do fundo d’água, carregando um tibungo cheio de caçuma de banana. A anta estava escondida atrás do tronco de uma árvore. A jovem mulher se aproximou tomou pé na terra e chamou:

— Amigo, onde está você? Aonde você se escondeu?

Saindo do seu esconderijo a anta disse:

— Tou aqui! E então bebeu da bebida que a mulher ofereceu.

Em seguida, a linda mulher se deu a anta e eles se amaram. Do seu esconderijo, nosso antepassado não podia acreditar no que via.

A mulher voltou para o fundo do lago e a anta para a mata. Yo Buié Tarani desceu da árvore, juntou ainda algumas frutas caídas e voltou para sua aldeia. Chegando em casa deu as frutas para sua mulher sem contar nada. Não quis comer a comida oferecida por ela. Em seguida deitou em sua rede onde ficou por muito tempo com os olhos abertos e perdidos. Ele não podia esquecer o que havia visto no lago. Como se estivesse enfeitiçado. Sua mulher ficou preocupada, mas ele disse estar um pouco doente.

No dia seguinte bem cedo, Yo Buié juntou suas armas, como se fosse caçar, e saiu na direção do lago. Passando debaixo do genipapeiro, ele juntou algumas frutas, roeu elas com os dentes e jogou no lago dizendo:

— Toma aqui os genipapos do meu roçado!

Depois correu e se escondeu atrás de uma árvore. E aconteceu que a linda mulher apareceu, como na véspera, com seu tibungo de caiçuma. Saiu fora d'água, colocou o tibungo na terra e chamou:

— Amigo, onde está você? Aonde se esconde?

— Estou aqui, respondeu Yo Buié e jogou-se sobre ela, tentando pegar à força. Mas ela se defendeu e eles rolaram pela terra até derrubarem a bebida.

De repente a mulher se transformou numa cobra e enrolou-se no corpo dele. Mas ele não se deixou pegar. Ela tentou ainda escapar de Yo Buié transformando-se num cipó espinhoso. Mas ele não a soltava de jeito nenhum. Então ela se transformou em aranha, serpente, fogo, mas sem nenhum resultado. Yo Buié não largava dela. E na confusão destas mudanças a cabeça da mulher reapareceu e perguntou:

— Quem é você? E o que deseja de mim?

Mas ele não respondeu pois estava segurando a presa com os dentes.

A mulher então voltou a sua forma humana até os peitos, mas continuou sem ter a resposta de Yo Buié. Resolveu então tomar forma inteiramente humana, da cabeça aos pés.

— Bem, disse. Agora diga-me o que quer de mim. Por que não me solta para conversarmos feito gente?

Yo Buié explicou então que tinha visto ela e a anta fazendo amor e que a partir daí passou a querer ela para mulher.

— Por que pegou-me pela força em vez de fa-

lar claro comigo? Olhe, você me fez derramar toda a caiçuma.

Então ela pegou o que restava dentro do tibungo e fez ele beber, enquanto carinhosamente livrava-se dele. Depois eles repousaram um pouco e acariciando Yo a mulher perguntou:

— Quem é você? Tem mulher e filhos?

— Não, mentiu ele. Não tenho família.

— Então, porque você não fica comigo? Eu serei sua mulher e teremos muitos filhos. Levarei você comigo para minha casa.

Ela colheu em seguida todos os tipos de ervas e fez delas um suco. Depois derramou nos olhos, orelhas e em todas as juntas do corpo de Yo.

Então a mulher disse: — Segure nos meus cabelos!

E os dois mergulharam no lago. Chegando lá no fundo encontraram uma roça de bananeiras e uma casa onde a mulher vivia com seus parentes. Eram as cobras e serpentes, habitantes do lago.

Porém, antes de entrar na aldeia a mulher disse a Yo Buié:

— Esconda-se aqui e espere-me, que eu vou prevenir meus parentes de sua chegada e explicar a eles que você é meu marido. Não tenha medo que voltarei logo.

O homem ficou só, ouvindo os barulhos estranhos e assustadores que saíam das águas do lago. Eram as cobras gigantes agitando-se ao redor da mulher. Rapidamente ela apareceu, tomou Yo Buié pela mão e apresentou-o como seu marido na grande casa dos habitantes do lago. E deste dia em diante Yo Buié e a mulher-cobra passaram a viver juntos como marido e mulher.

Algum tempo depois as cobras e serpentes do lago resolveram tomar cipó. Yo Buié perguntou a sua mulher

se ela também iria tomar cipó.

— É claro, disse ela.

— E eu, poderei também?

— Não, porque você terá muito medo. Você verá cobras e serpentes e pensará que elas querem te devorar. Então você gritará como um louco. Não se meta com isso. São nossos costumes e não os seus.

Mas, Yo Buié insistiu tanto que terminaram por aceitar ele no círculo de cobras para tomar o cipó.

Logo nas primeiras mirações, Yo Buié se pôs a gritar - Socorro, as cobras querem me engulir!

Na mesma hora, sua mulher se transformou em cobra, enrolou-se carinhosamente nele, aproximou a cabeça de sua orelha direita e cantou docentemente. A sua sogra aproximou-se e fez o mesmo, cantando em sua orelha esquerda. Enfim seu sogro se enrolou nos tres e balançando seu rosto na frente de Yo Buié acompanhou também a canção.

Um dia, quando eles repousavam em suas redes, as frutas do genipapo roídas começaram a cair dentro do lago - a anta estava de volta.

Como a jovem mulher não respondeu a seus apelos, a anta entrou n'água, mergulhou e permaneceu debaixo d'água muito tempo, como aliás faz até hoje. Assim mergulhada a anta chegou bem perto da roça. A sogra de Yo Buié foi então a seu encontro explicar que sua filha não era mais livre. Pediu para a anta parar de procurar sua filha e a anta não insistiu mais.

A vida seguiu muito feliz debaixo das águas. Os esposos tiveram quatro filhos: dois meninos e duas meninas.

Neste mesmo lago vivia Iskin, um pequeno peixe encouraçado. Um dia, Iskin foi nadando até um igarapé formado pelas águas do lago e encontrou na margem a antiga mulher de Yo Buié. Esta acreditava estar viúva e não para-

va de reclamar a falta de seu marido. Com tantos filhos para criar, ela sobrevivia com a ajuda de seus parentes e amigos da aldeia.

Este dia ela tinha ido ao igarapé para tentar pegar algum peixe com as mãos, como fazem as mulheres. E enquanto pescava, chorava alto, contando detalhe por detalhe de sua desgraça. Nisso ela quase pegou Iskin pela barbatana de couro que protege a sua cabeça.

Ah! gritou Iskin, jogando seu corpo para trás. E se ele conseguiu escapar da mulher foi com o preço de deixar sua barbatana presa entre os dedos dela.

Quando ela se afastou, Iskin voltou ao lago. Ele não estava nada satisfeito com o que tinha ouvido. Foi direito onde estava Yobuié para jogar sua raiva sobre ele.

— O que é que você está fazendo aqui no lago? gritou Iskin. Você nunca falou-nos de sua outra família que está morrendo de fome na terra. Eu encontrei sua mulher. E foi ela quem arrancou minha barbatana! E talvez você nem saiba, mas ela e seus filhos da terra estão todos morrendo de fome, vivendo com ajuda dos amigos. E você aqui dando de comer a pessoas que não são nem da sua espécie.

Yobuié então abaixou a cabeça e compreendeu todo o mal que tinha feito a sua família da terra.

Mas como farei para sair daqui? suspirou ele. Se não posso nem mais viver ao ar livre?

— Eu vou te ajudar, disse Iskin. Mas prometa para mim que não dirá nada a ninguém.

— Prometo, disse Yobuié.

Então Iskin colheu muitas ervas e jogou seu suco nas orelhas, olhos e em todas as juntas do corpo de Yobuié. Depois, levou ele até às margens do lago. Em seguida, Iskin abandonou o lago e foi viver no leito de um rio.

Quando Yobuié chegou a sua aldeia foi logo recebido com espanto e alegria por todos. — Eu pensava que

você estava morto há muito tempo! disse sua mulher.

— Não, eu não estava morto. Foram as cobras que me raptaram e me prenderam entre elas. Hoje é que consegui fugir. Esconda-me porque tenho medo delas virem me buscar.

Yobuié pendurou sua rede no ponto mais alto da casa e foi dormir meio assustado.

Então as águas do lago começaram a se agitar e transbordaram em ondas que iam uma a uma inundando a aldeia.

As cobras apareceram na superfície para chamar Yobuié. Como ele não aparecesse, sua família do lago terminou por voltar para o fundo das águas que por fim baixaram ao nível normal.

Era a família das cobras que desta vez estava triste e com dificuldades, sentindo a falta de Yobuié.

Depois de algum tempo escondido lá em cima em sua rede, Yobuié resolveu ir caçar para ajudar a sua família da terra que sentia fome. Pegou seu arco e flecha e se arremou para sair. Sua mulher, com medo, fez todo o esforço para ele desistir da idéia.

— Não tenha medo, dizia Yobuié.

E ele partiu para caçar. A primeira caça que avistou foi um pássaro de crista vermelha. Atirou uma flecha, mas o pássaro voou. A flecha foi então cair n'água a dois metros da margem do lago. E Yobuié resolveu ir buscar de qualquer maneira.

Logo que pôs os pés n'água, deu de cara com uma de suas filhas cobras. — Você aqui?

Mas sua filha não respondeu. E com muita raiva perguntou por que você abandonou minha mãe, meus outros irmãos, meus avós e eu?

E como seu pai, de cabeça baixa não deu resposta, ela gritou:

— Já que é assim, nós vamos comer você todinho, papai.

E a filha cobra atacou o pé de Yobuié, mas como era muito pequena ainda, não conseguiu comer mais que o dedão. Seu pai ficou paralisado de dor. Ela então chamou seus irmãos para ajudar a comer seu pai.

E ferozmente eles tentaram comer Yobuié, mas não conseguiram nem mesmo engolir metade de seu pé com suas gargantas pequeninas de filhotes.

Chegou então sua mulher que conseguiu, cheia de raiva, devorar Yobuié até a metade das pernas.

Então deu lugar a sua sogra, cobra gigante, que num só bote devorou seu genro até a cintura.

Quando o sogro chegou, antes de começar a comer seu genro, fez as devidas reprovações ao gesto de Yobuié. Este não conseguiu responder e envergonhado ficou de cabeça baixa.

Foi então que chegaram seus parentes da terra, preocupados com sua demora. Como fazer para livrar Yobuié? Pensaram eles. Se atirmos flechas nas cobras, acabaremos por matar ele também.

— Ah, já sei, disse um deles. Vamos esmagar o rabo da cobra, ela acabará por abandonar Yobuié.

E assim foi feito. A cobra ferida fugiu e os homens puderam ainda salvar Yobuié e levar ele para a aldeia. Mas, daquele dia em diante, ele ficou paralisado dos ombros pra baixo.

Pouco tempo depois, sentindo-se enfraquecido e próximo da morte, Yobuié reuniu em seu redor parentes e amigos.

— Enquanto eu estava debaixo das águas, as cobras me ensinaram a preparar e tomar esta bebida que é o cipó. Eu não quero morrer sem passar para vocês o meu segredo:

— Corram à mata e juntem todos os cipós que encontrarem.

E todos partiram e quando voltaram, vinham carregados de muitas espécies de cipós.

Yobuié examinou cada cipó, dizendo: — Não é este! Até que por fim ele gritou: — É esse aqui! Por sorte, haviam encontrado um pedaço do verdadeiro cipó.

Yobuié disse ainda: — Isto não é suficiente. Tragam-me agora as folhas de todas as árvores pequenas que vocês encontrarem na mata.

E a busca recomeçou. O doente examinava com muita paciência todas as folhas que eram trazidas e suspirava: — Não, ainda não é esta!

Até que um dia ele gritou: — É esta aqui! E ele mostrou a folha do arbusto que chamamos Cauá (ou chacrona).

Nosso antepassado amassou então os talos do cipó, meteu-os numa panela com água e juntou as folhas e pôs os dois para ferver.

Após o cozimento, era cuado e posto para esfriar. À noite, eles se reuniram todos, beberam a bebida e tiveram muitas mirações!

Ao saírem daquele estado provocado pela bebida, Yobuié disse:

— Eu tive a miração da minha morte bem próxima.

E tres dias depois, Yobuié morreu.

E foi depois deste dia, que todos nós passamos a beber cipó em grupo. Pois é pelo poder do canto que mantemos distância de nós mesmos, de maneira que podemos ver na miração todas as coisas do presente, passado e futuro e do além, que nós não podemos ver com nossos olhos da carne.

O cipó é fonte de todo saber que existe além de nós.

Nessa 2ª edição inclui lendas e mitos de tribos indígenas da América do Sul que utilizam o cipó (*Banisteriopsis Caapi*) em seu contexto ritual. O yajé (cipó) é um elemento de grande importância na cultura desses povos, tanto que o Mito da Criação da Humanidade está sempre relacionado com a sua origem.

Na Colômbia o uso do yajé é praticado por quase todas as tribos da bacia amazônica, indo da zona selvagem da costa do Pacífico ao Panamá.

Os mitos descritos a seguir estão baseados em estudo realizado por Vera Penteadó em seu livro "Os Alucinógenos e o mundo simbólico", publicado pela Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e Editora da Universidade de São Paulo, 1976, SP.

Os índios tukano do território Uaupés no nordeste amazônico e da Colômbia iniciam a cerimônia do yajé contando a origem da humanidade:

Tudo começou na primavera, ao meio dia, quando os raios do Sol, princípio masculino fertilizado marcou os pontos sagrados e fertilizou a Terra. Por este raio desceram gotas de sêmen e surgiram os primeiros homens, que embarcaram numa grande anaconda (serpente) que lhes servia de canoa. A grande canoa-anaconda simboliza a dispersão da humanidade ao longo dos rios. No trajeto dessa longa viagem, a divindade que guiava a canoa ia criando os elementos culturais e estabelecendo seu código moral e social.

De acordo com os índios Desana, num determinado ponto do rio, apareceu uma mulher chamada "Ghapí Mahsó", a Mulher-Yajé, que foi fertilizada através do olho. Os Homens estão dentro da casa tomando uma bebida fermentada de milho (chicha) e do lado de fora da casa a mulher estava parindo uma criatura, que era o cipó de yajé "... a criança tinha forma

de luz, era humana, porém era luz, era yajé. Ao ver a criança os homens ficaram aturdidos, porque... a mulher os afogou com visões". A mulher perguntou:

— "Quem é o pai desta criança?"

E um homem arrancou o braço direito da criança e disse:

— "Sou eu."

E assim cada homem arrancou uma parte, despedaçando a criança. Um dos homens, no entanto não se atirou sobre o menino para despedaçá-lo, "colheu o primeiro ramo do yajé". Os outros se apoderaram de "seu yajé", de acordo com sua posição social. Assim cada tribo adquiriu suas tradições, ritos e cantos; todos descendiam de um grande cipó.

O Menino-Yajé cresceu e se tornou um velho que zelava pelo segredo da ação alucinógena. Desse velho formaram o sêmen, pois foi o possuidor do yajé. O desejo de possuir o pênis levou a criação do sêmen. O velho era dono do yajé, quer dizer, o dono do ato sexual. Eles são os filhos e ele o pai.

Para os Tucano do Uaupés, o sentido de tomar o yajé é retornar ao útero, pois lá a pessoa "vê" as divindades tribais, a criação do universo, o primeiro casal, a criação dos animais, a ordem social e a morte. Ao voltar do estado de transe, a pessoa vê confirmada a verdade do seu universo religioso, porque viu com seus próprios olhos as divindades e o mundo mítico: o dono sobrenatural dos animais e das águas, a origem da planta e da vida, os princípios do mal; os jaguares e as cobras, os representantes das doenças e dos espíritos da floresta que perseguem o caçador, os ancestrais dançando ao amanhecer da criação, a origem dos adornos e dos instrumentos musicais. As visões abrem novas portas, novas dimensões da realidade onde se estabelece uma conexão com o mundo mágico." O mundo dos pássaros-espíritos".

No sul da Venezuela habitam os índios Piaroa, que se denominam "de'rua" (donos da selva) e "wothuhe", que significa "povo que conhece". Os Piaroa sabem falar a linguagem dos animais, sabem como controlar suas mentes e também adotar formas físicas. Determinados animais como o tapir, o veado e a serpente são reencarnações de deuses: Wahari, Müeka e Ohuoda e são a memória viva da criação.

Para os Piaroa as forças criadoras e destruidoras do Universo estão relacionadas ao invisível, à consciência do invisível e à consciência do Universo. No mundo as coisas surgiram quando Wahari penetrou no invisível, onde só ficavam os deuses. O principal poder do invisível está no interior das rochas e do ar; o acesso a esse lugar no invisível dá aos Piaroa a condição de consertar as imperfeições da criação do Wahari.

O ritual do *da'da* (yajé) remonta até as origens do mundo. Wahari deu à luz após ter ingerido o yajé que lhe foi servido pelo seu ancestral, a serpente. No começo dos tempos o mundo era escuro e sem formas, só vivia a serpente gigante Ohuoda'e. Essa serpente gerou um filho, Müeka, e lhe deu a missão de tirar o mundo futuro do invisível. Contudo Müeka arrancou seus próprios olhos das órbitas e só conseguiu formar uma imagem de si mesmo. Essa imagem foi Wahari que, curou a cegueira de Müeka, seu criador, e aí teve a revelação do mundo e da festa Warime que reúne as crenças mágicas e religiosas dos índios Piaroa.

Wahari era um deus, tinha o poder das visões, poder de criar as coisas, mas não conseguia governá-las e por isso a serpente gigante Ohuoda'e foi sábia em estabelecer que a vida só teria razão se as visões fossem breves, porque se Wahari ficasse em estado visionário permanente, a mente não teria retorno ao controle de si mesma para realizar as suas visões e sendo assim a vida não poderia existir; tudo seria apenas visão.

Quando Wahari terminou sua criação, ele perdeu sua aparência humana, e sua alma habitou no tapir ohuo que é animal sagrado e também o mais perigoso espiritualmente. Comer sua carne é proibido porque contém todas as formas contagiosas. Wahari, depois de dar forma ao mundo, capacitou os animais de reproduzir-se, já que antes só reproduziam pedaços sem nexos. Esse poder de multiplicação era poderoso, porque podiam se multiplicar dentro da pessoa que os comessem, causando-lhes as doenças. Com receio de que os homens o esquecessem, Wahari criou as doenças que seriam transmitidas pelo animais, quando os homens comessem sua carne. Sendo assim, os Piaroa entendem que as doenças são contágios da forma animal. No entanto isso não tem caráter totalmente negativo, porque serve para os homens lembrarem dos tempos primitivos e tomarem cuidado com as doenças.

O próximo mito, publicado no livro "América Indígena" vol. XLVI, por Maria Clemencia R. de J. e Carlos Ernesto Pinzon C., faz parte da cultura dos índios Kawdá, que habitam o Vale de Sibundoy, localizado no Alto Putumayo, zona montanhosa que forma parte da Cordilheira dos Andes, na Colômbia.

O mito é relatado pelo xaman Chindoy:

"No começo do mundo, a Terra estava na escuridão, todos os seres já existiam, até o homem, mas este não tinha a inteligência, vivia em busca de alimentos. Um dia caminhando para achar o que comer, tropeçaram com o cipó yajé, partiram-no pela metade e deram para as mulheres experimentarem; foi então que elas tiveram a menstruação. Em seguida eles o provaram e ficaram extasiados vendo o pedaço de yajé que sobrara, crescer e subir ao céu. Aos poucos as sombras tomaram formas e no fundo do céu, viram o cipó yajé penetrar numa enorme flor, que ao ser fecundada, se transformou no

Sol. Do Sol desceram homens tocando uma música diferente com suas flautas e tambores. Cada melodia se transformava numa cor diferente. Quando chegaram na Terra se dispersaram e cada um depositou a luz e a cor em cada ser e quando o mundo ficou iluminado, toda essa sinfonia de luzes e cores fez brotar o entendimento dos homens, criando, dessa forma, a inteligência e a linguagem". Os xamãs usam o yajé porque assim "se vê o mundo verdadeiramente como é" e a inteligência se expande fazendo tudo claro e harmônico no espírito.

No Peru existe uma canção popular que conta a lenda da ayahuasca, que através da informante L. Zuloaga, passo a reproduzi-la: no tempo da lua cheia, nos dias em que a luz ilumina a escuridão, os filhos da luz caem do céu, os magos e os xamãs viajam em concordância, seus cantos vão até as cidades. Na luz da ayahuasca o tempo e a distância não tem limites: viaja espírito, espírito de luz nas noites mágicas. Ayahuasca... Ayahuasca... No fundo de uma quebrada morava a alma, filha do sol. Elevava louvores, cantava tristezas, lançava seus rogos e nada faziam por ela. Dela falavam, mas ninguém a olhava. Um dia a sua sabedoria a mandou subir na mais alta montanha e aí, o Sol, seu pai, lhe falou que a sua mãe era a Terra e a Terra era de Deus. Quem lhe deu a sabedoria para subir foi a ayahuasca.

12. MINHA EXPERIÊNCIA NO PARTO COM O SANTO DAIME

Na Colônia Cinco Mil impressionava-me o fato das crianças pequenas e também as mulheres grávidas tomarem o Daime. Ajudar as crianças a nascerem num parto com Daime foi para mim uma experiência marcante.

O parto se realiza da seguinte maneira: o Daime é servido à parturiente em doses de um pouco mais de meio copo e em quantidade menor para as duas ou três mulheres que acompanham o trabalho. Imediatamente as acompanhantes começam a cantar o hino Sol, Lua, Estrela do Mestre Irineu até se completar o nascimento, quando o bebê é colocado sobre a barriga da mãe até que o cordão umbilical pare de pulsar para que seja cortado. Para a placenta sair, é rezando uma oração específica acompanhada de uma massagem na região da barriga.

Estive presente em casos em que a criança estava sentada e não conseguia nascer e quando a mãe tomava o Daime, a criança desvirava e nascia na posição correta. Outra mulher, que se tornou muito minha amiga, Vera Viana, teve duas filhas de cesariana e grávida do terceiro filho optou por um parto normal. Depois de três dias tomando Daime, Vera foi recompensada com um belo garoto, considerado o filho do milagre, porque os médicos consideravam impossível e de alto risco um parto normal. Judá, nome que o menino recebeu de uma miração que seu pai teve com o Santo Daime, é a criança que está sendo batizada pelo Padrinho na capa do livro.

Todas essas vivências me incentivaram a tentar em mim mesma o parto normal com o Daime, quando estava morando em Boca do Acre no Amazonas e era Diretora da Casa da

Cultura do Município, colaborando na administração geral do seringal Céu do Mapia.

Há 14 anos atrás fiz uma cesariana de minha filha Luciana; os médicos achavam que eu tinha a bacia muito estreita, que não dava passagem para um nascimento normal. Sofri muito com a anestesia, além de não participar em nada do sucesso de ser mãe.

Relato agora o que para mim se tornou a experiência mais importante e emocionante que tive com o Santo Daime.

No dia 22 de dezembro de 1986, exatamente às cinco horas da manhã, me surpreendi ao acordar e notar que a bolsa de água tinha arrebentado. Tínhamos combinado, eu e Marco, meu marido, que tomaríamos o Daime, mas devido aos meus antecedentes e por precaução iríamos para o hospital, por sinal o único que existia no local.

Comecei a ingerir o líquido às 7 horas da manhã, e a partir daí de meia em meia hora uma nova dose. Lembro que tomei quase um litro, sempre deixava um pouco no copo, no que obrigava Marco a tomar comigo todas as doses.

Sentia as contrações se acelerarem paulatinamente, nunca tinha sentido aquilo, de forma que às duas horas da tarde, já sofrendo muito, me aliviava com as mirações. Tinha a impressão que ia abandonar o corpo e não voltar mais, a visão de várias pessoas da minha família que já tinham morrido e principalmente meu pai falecido há 26 anos, me assombravam com medo da morte. O consolo veio ao me lembrar do que o Mestre Irineu dizia:

— Mulher que toma Daime não morre de parto.

O Daime parecia que tinha reunido as pessoas certas para me darem assistência, a começar pelo médico Dr. José, diretor do hospital, pessoa espiritualizada e competente, a

amiga Dorinha que muito me massageou, Sônia, a dentista do hospital que em minhas mirações parecia irradiar raios laser pelos seus olhos azulados, sua assistente Benízia que ficou de prontidão desde as primeiras horas de sofrimento, e naturalmente meu incansável companheiro Marco, que sempre me encorajava a tomar mais Daime, afim de levarmos a experiência até o fim.

As enfermeiras do hospital olhavam assustadas ao me verem tomar aquele líquido de cor amarelo-pardo. Naquele dia o hospital estava deserto nenhum doente dando entrada, nem mulher para dar a luz; a festa era só para mim. Às 16:00 horas o médico já não acreditava que o Daime resolvesse o parto, ele conversou com Marco para me preparar para uma cesariana. Marco então não vacilou, chegou para mim com uns tres dedos de Daime e disse:

— Vera se você não tomar, vai entrar na faca.

Nessa hora eu já não aguentava mais as dores e disse que era impossível pois estava mirando demais, os objetos dançavam na minha frente e tudo brilhava. Ao mesmo tempo as palavras de "entrar na faca" me transportaram para 14 anos atrás o horror da cesariana, mas não tinha coragem de tomar nem mais uma gota. Nesse momento tive uma miração com Nossa Senhora me entregando o copo e dizendo:

— Tome minha filha, que é a sua última dose.

Acreditando no que via e ouvia, peguei o copo e tomei.

Logo em seguida entrei em trabalho de parto e a criança começou a coroar. Era chegada a hora, Marco cantava o hino Sol, Lua Estrela, queria me ajudar, mas só dependia de mim. Havia uns ferros perto das minhas pernas e a orientação era puxar os ferros e fazer força na hora que viesse a dor. Na primeira tentativa vomitei o Daime que saiu como um jato pela bo-

ca e nariz, logo me retraí sentindo a cabeça da criança indo e vindo.

A miração aumentava: vi a sala se enchendo de gente (espíritos), e uma legião de anjos flutuando. Eu me encontrava presente e distante ao mesmo tempo, me sentia equilibrando numa fina corda que puxava para lados opostos, de um lado a vida e do outro a morte, alguém me soprava no ouvido:

— Dê a vida, vamos, é agora!

Naquele instante prometi tudo a Nossa Senhora da Conceição, imagem que me acompanhava, pedia para ter força para atravessar, pois toda vez no meio da contração forte, vomitava o Daime e me retraía.

De repente a sala se encheu de luz, parecia que o próprio sol nascia ali dentro. Outra vez ouvi:

— É dessa vez, vamos!

Então botei força e lá veio a dor rasgando por dentro, impressão que meus ossos estavam quebrando. Era um momento doloroso e maravilhoso, principalmente quando senti a cabeça da criança sair, estimulada pela voz do Dr. José, que me parecia "atuado", conduzindo o pequeno ser pelas suas mãos:

— Atenção que teu filho está nascendo, é o teu filho que esta chegando, mais um pouco de força, Vera, ele está nascendo!

Foi o tempo de vomitar o último Daime para a criança vir ao mundo, nesse momento vi que todos os espíritos que estavam me assistindo se perfilaram e assistiram o espírito que ia encarnar na criança, um facho de luz invadiu tudo e o nenem chorou, senti uma felicidade indescritível, estava em harmonia total com o mundo, flutuando em nuvens de luz. Assim nasceu Veraluz.

Marco emocionado, fotografava tudo e assim que a

criança saiu da sala, pingou gotinhas de Daime em sua boca, conforme costume do Povo Juramidam. Fiquei em estado de graça por dois dias, não tinha fome ou sono, tinha a sensação de plenitude e a certeza de que o Daime realizava verdadeiros milagres no parto das mulheres.

Posteriormente travei amizade com Frederico Arruda, professor de farmacologia da Universidade do Amazonas que juntamente com a psicóloga Luíza Garnello e outros membros de sua equipe, realizaram experiências com o Daime em ratinhas prenhas. Verificaram que de fato, as ratinhas que tomavam Daime tinham um parto mais rápido e os filhotes nasciam mais espertos do que as ratinhas que não tomavam Daime. Naturalmente isso não me surpreendeu, mas comprovou cientificamente os efeitos benéficos do Daime no caso de gravidez.

**13. PARECER DO PRESIDENTE DO GRUPO DE TRABALHO
DO CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES
— CONFEN —**



SECRETARIA DE ESTADO DE JUSTIÇA
CONSELHO ESTADUAL DE ENTORPECENTES

OFÍCIO / CONEN-RJ

Em 11 de abril de 1988

Nº 94

Prezada Senhora

Dirijo-me a V.Sa. para, em atenção ao que é solicitado em sua carta datada de 17 de março transato, encaminhar os inclusos esclarecimentos em 03 folhas datilografadas e por mim rubricadas.

Atenciosamente

DOMINGOS BERNARDO GIALLUISI DA SILVA SÁ
Subsecretário de Estado de Justiça
Presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes

Ilma. Sra.
Dra. VERA FRÓES FERNANDES

BDS/efm

1 - Os órgãos que compreendem o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, enumerados no art. 3º, incisos I a VI, do Decreto nº 85.110, de 02 de setembro de 1980, estão sujeitos à orientação normativa e supervisão técnica do Conselho Federal de Entorpecentes — CONFEN — “no que tange às atividades disciplinadas pelo Sistema, sem prejuízo da subordinação administrativa aos órgãos em cujas estruturas estiverem integrados” (cf. art. 3º, § 1º do Dec. 85.110, de 1980, referido acima).

As entidades integrantes do supracitado Sistema são, além do próprio Conselho Federal de Entorpecentes, como órgão central do mesmo, mais as seguintes:

- “II - O órgão da Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde;
- III - O órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal;
- IV - O Conselho Federal de Educação;
- V - O órgão de fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda;
- VI - O Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, vinculados ao Ministério da Previdência e Assistência Social.”

2 - A DIMED — Divisão Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, cumpre, hoje, o importante papel que lhe reserva a Lei 6.368, de 21 de outubro, de 1976 que, em seu art. 36 prevê:

“Art. 36. Para os fins desta Lei serão consideradas substâncias entorpecentes ou capazes de determinar dependência física ou psíquica aquelas que assim forem especificadas em Lei ou relacionadas pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia do Ministério da Saúde.

Parágrafo único. O Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia deverá rever, sempre que as circunstâncias assim o exigirem, as relações a que se refere este artigo, para o fim de exclusão ou inclusão de novas substâncias.”

3 - O CONFEN foi instado, em julho de 1985, a manifestar-se sobre a inclusão do “Banisteriopsis Caapi”, pela portaria 02/85, da DIMED, entre as drogas integrantes da lista de produtos proscritos. Cumpria, pois, ao CONFEN pronunciar-se, como órgão central do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, sistema esse encarregado de formular a política nacional sobre drogas, o que, de fato, veio a ocorrer, posteriormente, a partir da Resolução/CONFEN Nº 04/85, publicada no Diário Oficial da União em 08 de agosto de 1985.

4 - Ainda, com relação aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema foram editadas as Resoluções do CONFEN números 06, 07 e 09, publicadas, respectivamente, no D.O.U. dos dias, 5 de fevereiro, 10 de julho e 12 de agosto, todos de 1986.

5 - Em 18 de setembro de 1987 foi apresentado à Reunião Plenária o relatório final das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho que foi avaliado pelo Exmo. Sr. Presidente do CONFEN e pela totalidade dos Senhores Conselheiros presentes, com extraordinária competência, elevado espírito público e invulgar bom senso. O relatório, considerando que o CONFEN, a qualquer momento, poderia determinar medidas para o controle ou, até, a proscrição de qualquer substância, cujas circunstâncias peculiares assim o indicassem, mas atentando para o fato de que até o momento da entrega do relatório nenhum fato havia sido apurado, pelo Grupo de Trabalho, que aconselhasse modificar a posição de observação diante do fenômeno do uso estritamente religioso ou ritual da bebida, propôs fosse

mantida a mesma orientação que vinha sendo adotada, até aquela parte, pelo CONFEN.

São estes os esclarecimentos que me cumpre prestar a V.Sa. em resposta a sua missiva de 17 de março de 1988.

Atenciosamente

DOMINGOS BERNARDO GIALLUISI DA SILVA SÁ
Subsecretário de Estado de Justiça
Presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes

Final dos esclarecimentos encaminhados à Dra. VERA FRÓES FERNANDES - com o Ofício/CONEN-RJ Nº 94, de 11 de abril de 1988.

DBS/efm

14. OBSERVAÇÕES SOBRE O DOCUMENTO DO GRUPO DE TRABALHO DO CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES - CONFEN

Nestes últimos anos a Doutrina ensinada pelo Mestre Irineu e pelo Padrinho Sebastião tem se difundido muito. Seu valor como caminho espiritual, prática de cura e norteador de uma organização social comunitária, de assentamento não predatório e harmônico na selva amazônica tem atraído o interesse de indivíduos das mais variadas ocupações vindos de todos os cantos do Brasil, assim como de vários países estrangeiros.

Estes tem se disposto a enfrentar a árdua viagem até o Mapiá com uma firmeza de propósito digna dos peregrinos da Idade Média. Chegando lá, frequentemente prolongam sua estada por vários meses, ao término dos quais voltam às suas regiões de origem, onde começam a fazer proselitismo de sua fé. Dessa forma foram sendo fundados núcleos e igrejas do Santo Daime em muitos lugares como a cidade do Rio de Janeiro, Pedra de Guaratiba (RJ), Mauá (RJ), São Paulo, Galdinópolis (RJ), Belo Horizonte (MG), Caxambú (MG), Florianópolis (SC) Brasília (DF) e até em outros países como USA, e Argentina.

Promovendo pelas regiões desenvolvidas do mundo tradições originárias dos povos indígenas da Amazônia e disseminando hinários em português, estes seguidores do Santo Daime percorrem o caminho inverso dos jesuítas, que em séculos passados buscavam implantar no Novo Mundo os valores espirituais e a civilização da Europa.

O exotismo dessa doutrina propõe não só valores diversos do hedonismo individualista predominante nessas sociedades mas também uma radical alteração da consciência através da ingestão de uma bebida considerada alucinógena, despertando em muitos, medo e preconceito.

Na própria cidade do Rio Branco — AC — o culto do Daime tem sido ocasionalmente sujeito a campanhas de perseguição. Em 1982, por exemplo, uma série de medidas repressoras foram desencadeadas contra os dez centros onde se usava a ayahuasca e criou-se um clima de inquietação e desinformação a respeito da bebida que veio a ter como consequência uma decisão da DIMED que em 1985 resolver incluir por conta própria a Banisteriopsis Caapi entre as drogas integrantes da lista de produtos proscritos no território nacional.

Pouco depois o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, outra vertente da tradição do uso da ayahuasca, dirigiu uma petição ao Conselho Federal de Entorpecentes pedindo a anulação dessa medida. Em resposta, o então presidente do CONFEN, Dr. Tício Lins e Silva determinou que se formasse um grupo de trabalho para fornecer subsídios para as deliberações sobre o assunto.

Inicialmente dois conselheiros, os médicos e professores Dr. Isaac Karniol e Dr. Sérgio Seibel foram a Rio Branco coletar informações. O parecer que apresentaram na sessão do CONFEN, de 31 de janeiro de 1986, foi aprovado por unanimidade. Nele era apontado que:

- a) a ayahuasca tem sido usada há várias décadas sem que fosse observado nenhum prejuízo social;
- b) entre os usuários da bebida predominavam padrões morais e éticos de comportamento "em tudo semelhantes aos existentes e recomendados em nossa sociedade, por vezes até de modo bastante rígido".
- c) seria necessário examinar todos os aspectos desse uso ritual por comunidades religiosas ou indígenas; sociológicos, antropológicos, químicos, médicos, psicológicos e da saúde em geral.

d) a Portaria 02/85 da DIMED havia incluído BANISTERIOPSIS CAAPI, entre as drogas proibidas sem observância do § 1º, art. 3º do Decreto 85.110 de 2 de setembro de 1980 que determina a prévia audiência do CONFEN, a quem cabe a orientação normativa e a quem compete a supervisão técnica das atividades disciplinadas pelo Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes.

Nessa mesma ocasião o Grupo de Trabalho foi reestruturado e ao lado de Suely Rosenfeld (DIMED e Ministério da Fazenda), Isaac Karniol (Associação Médica Brasileira), Sérgio Seibel (Ministério da Previdência e Assistência Social), Paulo G. Magalhães Pinto (Divisão de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal) foram incluídos como assessores:

- Francisco Cartaxo Rolim, professor adjunto de Sociologia da Universidade Federal Fluminense;
- João Manoel de Albuquerque Lins, professor de filosofia da PUC-RJ e doutor em Filosofia e Teologia da Universidade Gregoriana de Roma - Itália;
- João Romildo Bueno, professor titular do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- Gilberto Alves Velho, professor e antropólogo do Museu Nacional, Conselheiro da SBPC e ex-presidente da Associação Brasileira de Antropologia;
- Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu, professora e antropóloga;
- Clara Lúcia de Oliveira Inem, psicóloga clínica, membro da Sociedade de Psicanálise de Grupo do Rio de Janeiro e Assessora Técnica da FUNABEM.

Uma das expedições ao Rio Branco, Boca do Acre e Céu do Mapiá, contou também com a presença do Dr. Sérgio Sakon, do CONFEN e delegado da Polícia Federal.

Para presidir o Grupo de Trabalho foi nomeado o eminente jurista Dr. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá. Seguindo as recomendações do Parecer aprovado foi emitida uma resolução do CONFEN que suspendeu provisoriamente a inclusão do Banisteriopsis Caapi da lista de drogas proibidas até que o Grupo de Trabalho concluísse seus estudos.

Estes duraram dois anos e incluíram diversas atividades como entrevistas e acompanhamento de usuários, o exame do noticiário a respeito e visitas a várias comunidades.

Foram visitadas e observadas as comunidades onde a ayahuasca era usada: comunidades da União do Vegetal, a Colônia 5000, o Alto Santo, Boca do Acre e Céu do Mapiá, todas na região amazônica. No Estado do Rio de Janeiro foram estudadas as igrejas daimistas "Céu do Mar" em São Conrado, Céu da Montanha, em Mauá, além do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal em Jacarepaguá. Em várias ocasiões os conselheiros provaram a ayahuasca vindo a ter mirações e em alguns casos sofrendo vômitos e diarreia. Invariavelmente foram bem aceitos e tiveram tratamento hospitalar pelas comunidades.

Dessas atividades resultaram uma série de constatações sobre os efeitos do modo de uso e os efeitos da bebida.

Efeitos orgânicos - Professor Karniol aponta para a existência de diversos modos de classificar as drogas que atuam no Sistema Nervoso Central mas que do ponto de vista de sua atuação farmacológica a ayahuasca deve ser incluída entre os alucinógenos. Além dos efeitos comuns a essa categoria ela tem também outras atuações periféricas, como vômito, diarreia, etc. Não existem no momento elementos que permitam uma avaliação mais adequada das ações clínicas ou mentais do uso prolongado ou agudo tanto entre adultos quanto entre crianças, mulheres grávidas e fetos. Mas a partir de observações não con-

troladas feitas durante as visitas às várias comunidades onde o Daime é utilizado de forma ritualizada, não se constatou anormalidades.

Constatou-se que a ayahuasca é sempre feita com espécies nativas. As formas sintéticas e concentradas do produto deveriam receber outro tratamento desses pesquisadores.

Efeitos sociais - Os efeitos sociais observados não podem ser atribuídos somente à atuação do chá sobre o organismo mas também ao ambiente como um todo, incluídas as músicas e as danças.

As comunidades rurais foram consideradas como sendo muito bem integradas com seu contexto natural assim como foi observada uma interação harmoniosa entre indivíduos de diferentes idades e classes sociais vindos de diferentes regiões e culturas.

Apesar da distância geográfica e cultural das comunidades da Amazônia e Rio de Janeiro foi observada grande uniformidade em termos doutrinários e de práticas dentro das duas grandes tradições estudadas.

O "feitio" ou "preparo", por sua dificuldade, é necessariamente comunitário, envolvendo divisão dos papéis de gênero e cerimônias especiais de alto significado simbólico religioso. As reações comuns de vômito e diarreia também levam a supor que a ayahuasca não se presta para o uso fácil, indiscriminado e recreativo pelo público geral.

O Grupo de Trabalho não conseguiu apurar um único registro objetivamente comprovado que levasse à demonstração inequívoca de prejuízos sociais causados realmente pelo uso que vem sendo feito da ayahuasca. Ao contrário, os padrões morais mantidos são severos, os seguidores da seita parecem tranquilos e felizes sendo orientados pelo uso ritual do chá a

procurar felicidade social dentro de um contexto ordeiro e trabalhador.

A natureza das experiências: o relatório final apresentado pelo presidente do Grupo de Trabalho, ao abordar a questão em torno da natureza alucinógena da ayahuasca diz: "o que é possível afirmar é que a busca de uma forma peculiar de percepção, empreendida pelos usuários da ayahuasca em seus diversos trabalhos não parece alucinação, se tomado o termo na acepção de desvario ou insanidade mental. Houve sim, em todos os grupos visitados a constatação de um projeto rigorosamente comunitário a todos eles: a busca do sagrado e do auto-conhecimento. Não cabe também ao grupo de trabalho definir se a forma de experienciar o sagrado ou o auto-conhecimento é ilusão, devaneio ou fantasia — acepções outras de alucinação" (fls. 29).

Mais adiante, citando Tomás de Aquino, o relatório procura demonstrar que "tantas vezes, de forma ligeira, classificamos como alucinação a utilização de faculdades que todos possuímos ao menos radicalmente" (fls. 30).

A adoção sem discussão desses conceitos dificultam o exame do problema, principalmente quando associada à histeria da "guerra total contra as drogas" promovida pela American Drugs Enforcement Administration (DEA) nos meios de comunicação mundial.

Amazônia, Rio de Janeiro - culturas diferentes?

O Relatório aborda esta questão que é de grande pertinência pois geralmente se argumenta que práticas válidas para o Acre não o são para as grandes metrópoles.

Em duas culturas diferentes seriam diferentes os significados culturais do Daime. Mas isso pressupõe uma estagnação entre essas duas áreas que são negadas pela presen-

ça constante no Mapiá de "romeiros" vindos das regiões urbanas e pelas frequentes visitas do Padrinho Sebastião e de sua família ao Rio de Janeiro. Embora a doutrina adquira certas características próprias das metrópoles, no Rio de Janeiro as práticas rituais e da vida cotidiana são mantidas, assim como os valores básicos que enfatizam a importância da comunidade acima do individualismo.

Conforme recomendação no final do Relatório, a ayahuasca acabou por ser definitivamente excluída da lista de produtos proibidos e a bebida liberada para uso ritual.

EDWARD MACRAE, pesquisador do CNPq, bacharel em Psicologia Social pela Universidade de Sussex (Inglaterra) e Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente exercendo a função de coordenador de pesquisas do Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo (IMESC).



Vera Frões Fernandes, historiadora, nascida no Rio de Janeiro, trabalha na Amazônia desde 1978. Coordenou atividades teatrais e folclóricas em Rio Branco — Ac durante 4 anos, no Sesc. Fundou a Federação de Teatro Amador do Acre — fetac, escreveu vários textos sobre temas regionais.

Em 1980, à convite do Prof. ° Ribamar Bessa levou para Manaus a peça teatral "A Grilagem do Cabeça", de sua co-autoria e direção, refletindo a questão de terra na Amazônia, envolvendo colonos, índios e grandes proprietários.

A primeira experiência pessoal com o Daime na Colônia Cinco Mil levou-a a escrever e ganhar um concurso de contos infantis promovido pelo antigo DAC (Departamento de Assuntos Culturais do Acre).

"Opereta para os mais Pequenos" narra a história de um menino que para curar uma grave doença de um amigo, enfrenta perigos e aprende com um bruxo-sábio a usar plantas para curar os males do mundo.

"HISTÓRIA DO POVO JURAMIDAM", trabalho científico realizado durante 5 anos, revela a trajetória de um povo que vivendo na floresta, aprende a tirar dela o seu sustento material e espiritual, através dessas duas plantas: o cipó jagube e a folha chacrona, que originam o Santo Daime, bebida utilizada à milênios pelo homem, com grande poder de cura.